

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA APLICADA

**O PAPEL DA ATITUDE CULTURAL DE ALUNOS BRASILEIROS
IMERSOS EM CURSOS DE INGLÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA
NOS ESTADOS UNIDOS**

CHRISTIAN PHILIP KLEIN

Brasília, 2006

Reitor
Prof. Dr. Timothy Martin Mulholland

Vice-Reitor
Prof. Dr. Edgard Nobuo Mamiya

Copyright UnB © 2006

Orientadora
Prof^a. Dr^a. Cynthia Ann Bell dos Santos – UnB

Examinadores
Prof. Dr. Gilberto Antunes Chauvet – UnB
Prof^a.Dr^a.Maria Cristina Faria Dalacorte – UFG
Prof. Dr. Enrique Huelva Unternbäumen – UnB

Programa
Mestrado em Linguística Aplicada

Coordenador
Prof. Dr. José Carlos de Almeida Filho

CHRISTIAN PHILIP KLEIN

**O PAPEL DA ATITUDE CULTURAL DE ALUNOS BRASILEIROS
IMERSOS EM CURSOS DE INGLÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA
NOS ESTADOS UNIDOS**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado em Lingüística Aplicada do Departamento de
Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de
Brasília como requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Lingüística Aplicada

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cynthia Ann Bell dos Santos
Universidade de Brasília

Brasília, 2006

**O PAPEL DA ATITUDE CULTURAL DE ALUNOS BRASILEIROS IMERSOS EM
CURSOS DE INGLÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA NOS ESTADOS UNIDOS**

Por

CHRISTIAN PHILIP KLEIN

Dissertação defendida e aprovada, em 08 de março de 2006, pela banca examinadora constituída pelos seguintes integrantes:

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a. Dr.^a. Cynthia Ann Bell dos Santos – UnB

Prof. Dr. Gilberto Antunes Chauvet – UnB

Prof.^a.Dr.^a. Maria Cristina Faria Dalacorte – UFG

Prof. Dr. Enrique Huelva Unternbäumen – UnB

AGRADECIMENTOS

Neste momento especial, fazem-se necessários os agradecimentos àqueles que tiveram uma participação direta ou indireta na realização deste trabalho e irei me esforçar para que eu não cometa a injustiça de esquecer ou excluir algum nome que me possa faltar.

Ao meu Pai Celestial, a quem eu devo a minha existência e qualquer sucesso que eu possa, eventualmente, ter alcançado nesta vida mortal. Ao meu Salvador, que me confortou e me inspirou para que pudesse concluir esta obra.

Aos meus queridos pais, Harry e Maria José, pelo exemplo e esforço que despenderam para que eu tivesse a chance de poder estudar e me tornar mais semelhante a eles. À minha avó, Ilse, pelo amor e carinho de muitos anos.

À minha esposa, Verônica, que teve uma participação constante na conclusão desta dissertação. Gostaria de agradecê-la por ter sido sempre atenciosa e por sempre ter me motivado a chegar até o fim desta meta.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Cynthia Ann Bell dos Santos, pela disposição em me acompanhar por todo esse tempo, pelo carinho, por seu conhecimento e por sua luz esclarecedora durante as suas aulas e orientações.

A todo o corpo docente do Mestrado, em especial ao prof Dr. Chauvet e ao prof. Dr. Enrique, por suas aulas e por seu vasto conhecimento.

À veterana coordenadora da pós-graduação em lingüística aplicada, Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Ortiz, agradeço pela sua amizade e por seus valiosos ensinamentos, dentro e fora do ambiente escolar.

Ao novo coordenador, Prof. Dr. Almeida Filho, por sua atenção e inspiração nos momentos em que tivemos a oportunidade de conversar.

A todos os meu colegas de curso, em especial Lúcia, Márcia, Deise, Luís e Telma.

Aos meus amigos, Élder W. Rolfe Kerr, Allan S. de Oliveira, Bispo Alexandre Vasconcelos, William Enio, Daniel Loureiro e Adalton Martins, que serviram de inspiração neste trabalho.

Aos participantes desta pesquisa, pelo tempo, compreensão e grande colaboração nas entrevistas.

Por fim, a todos aqueles que acreditaram em mim e me ajudaram a chegar ao fim deste trabalho. Muito obrigado.

“Seja a mudança que você quer ver no mundo”
(Ghandi)

“É bom ter um destino na direção do qual viajar,
mas, no fim, o que importa é a viagem.”
(Ursula K. LeGuin)

“Desce até ao fundo do teu coração, e lá verás
escrito o que tu és e o que deves ser.”
(Jemima Wilkinson)

“Como sua vida seria maior se sua pessoa fosse
menor. Se você conseguisse realmente olhar para os
outros com curiosidade comum e prazer, começaria
a se interessar por eles. Sairia desse minúsculo e
espalhafatoso teatro no qual sua pequena peça é
encenada, e se veria sob o céu aberto, numa rua
cheia de maravilhosos estranhos.”
(G.K. Chesterton)

“Aonde quer que você vá, vá de todo coração.”
(Confúcio)

“Sê verdadeiro contigo mesmo, e depois disso verás,
como a noite vem depois do dia, que tu não poderás
ser falso com homem algum.”
(Shakespeare)

SUMÁRIO

RESUMO	10
ABSTRACT	11
LISTA DE ABREVIATURAS	12
CAPÍTULO 1 INTRODUÇÃO	13
1.1 A Pesquisa : Contextualização e Justificativa do Tema	13
1.2 Objetivos da Pesquisa	14
1.2.1 Perguntas de Pesquisa	15
1.3 Organização da pesquisa	15
1.4 Contribuição Esperada	17
CAPÍTULO 2 – ARCABOUÇO TEÓRICO	18
2.1 Uma Possível Definição de Cultura	18
2.2 Como a Relação entre Língua e Cultura Afeta as Práticas de Ensino de Línguas Estrangeiras?	23
2.3 Cultura Além da Lingüística Aplicada	31
2.4 Atitude Cultural.	37
2.4.1. Aculturação	44
2.5 Os Cursos de Imersão	50
CAPÍTULO 3 DEPOIMENTOS DE LÍDERES DE INTERCÂMBIO CULTURAL	57
3.1 Comentário das Respostas do Questionário com os Líderes de Intercâmbio Cultural	57
3.1.1 Primeiro entrevistado– Presidente do grupo de Intercâmbistas:	58
3.1.2 Segunda entrevistada– Gerente da empresa de intercâmbio cultural em Brasília.	60
3.2 Conclusão dos Comentários	61
CAPÍTULO 4 EXPERIMENTO	63
4.1 Metodologia da Pesquisa	63
4.1.1 Primeira Etapa	64
4.1.2 Segunda Etapa	64
4.2 Cenário da Pesquisa	65
4.3 Participantes	65
4.4 O Professor-pesquisador	70
4.5 Equipamento	71
4.6 Objetivo Geral	71
4.6.1 Objetivos Específicos	71
CAPÍTULO 5 ANÁLISE DOS DADOS	72
5.1 Coleta e Disposição da Análise dos Dados	72
5.2 Tabela	74
5.3 Gráficos	74
5.4 Resultados Finais	95
CAPÍTULO 6 CONCLUSÃO	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112
CONSULTA BIBLIOGRÁFICA	113

ANEXO A	115
ANEXO B	117
ANEXO C	127
ANEXO D	131
ANEXO E	143
ANEXO F	161
ANEXO G	167
ANEXO H	170
ANEXO I	177
ANEXO J	191
ANEXO L	196

RESUMO

Existem muitas empresas brasileiras de intercâmbio cultural que promovem cursos de imersão no exterior, porém pouco é falado sobre a importância da atitude cultural dos alunos imersos em uma segunda cultura, em seu processo de aquisição de uma segunda língua.

O objetivo desta pesquisa é averiguar se os alunos de L2 que possuem uma atitude cultural positiva em relação à cultura-alvo poderiam desenvolver um nível maior de proficiência no idioma, no mesmo período de tempo dos alunos que possuíam uma atitude negativa, calcada em visões estereotipadas sobre a cultura em contato.

O experimento incluiu duas etapas avaliativas do aprendizado de dez alunos de L2 (inglês), inicialmente com proficiência básica na língua-alvo. Na primeira etapa, antes do início dos seus cursos de imersão, foram feitos testes medindo o nível de conhecimento lingüístico da língua-alvo e o nível de atitude cultural, em relação à cultura-alvo, de cada participante. Após três a quatro meses imersos no país da língua-alvo (Estados Unidos), ou seja, ao término dos seus cursos, deu-se início à segunda etapa. Nela, os participantes foram submetidos a novos testes, que avaliaram, novamente, seu nível de inglês e atitude cultural, para constatar se houve qualquer mudança no desempenho do participante na aquisição da língua-alvo.

Os resultados indicaram que os alunos com atitudes mais positivas foram aqueles que tiveram melhores resultados na prova de conhecimento lingüístico. Por meio desses resultados, propõe-se que a atitude cultural é um fator que influencia no processo de aquisição de uma segunda língua, positiva ou negativamente, dependendo do tipo de atitude de cada aluno de L2.

Palavras-chave: cursos de imersão – segunda língua (L2) – atitude cultural — inglês como segunda língua.

ABSTRACT

There are many Brazilian student cultural exchange programs that promote immersion courses abroad. However, there is little information available on the importance of the cultural attitude of students learning a second language, immersed in a second culture.

The purpose of this study was to see if second language (L2) students with positive cultural attitudes towards the target culture would develop a higher language proficiency (during the same period of time) than students with negative attitudes based on stereotypes of the second culture.

The experiment consisted of two stages evaluating the development of ten English as a second language (ESL) students, at a basic level of language proficiency. The first stage took place before the immersion courses – tests measuring the level of language proficiency and cultural attitude of each participant. After their three or four month programs in the immersion courses in the United States, the second stage was implemented – again, tests measuring language proficiency and cultural attitude – to see if there was any change in the participants' performance regarding level in English language proficiency.

The results indicated that the students with more positive cultural attitudes achieved higher levels of language proficiency than those with more negative cultural attitudes. Based on these results, it is suggested that cultural attitude may have a positive or negative effect on a second language learner's level of achievement in second language proficiency.

Key Words: immersion courses – second language (L2) – English a second language (ESL) – cultural attitude

LISTA DE ABREVIATURAS

ESL – English as a second language

L1 - Língua Materna

L2 – Segunda Língua

LE – Língua estrangeira

CAPÍTULO 1 INTRODUÇÃO

1.1 A Pesquisa : Contextualização e Justificativa do Tema

A escolha pelo tema desta pesquisa – a importância da atitude cultural no aprendizado de L2 – deu-se como uma tentativa de responder às possíveis inquietações de professores e alunos de inglês como segunda língua (L2) oriundas da percepção de que, embora alunos de L2 realizassem cursos de imersão com durações similares no mesmo país-alvo e tivessem níveis de conhecimento da língua-alvo semelhantes ao iniciarem os seus cursos, muitos deles demonstravam desempenhos lingüísticos bem diferentes entre si ao término de seus cursos de L2. Tal constatação leva à ponderação sobre qual a razão para tanta discrepância no nível de conhecimento lingüístico adquirido desses alunos.

Pode-se focalizar, nesta pesquisa, três aspectos muito importantes: o aprendizado de uma segunda língua, a atitude cultural dos alunos e os cursos de imersão. Qualquer teoria que foi verificada nesta pesquisa afeta essas três áreas simultaneamente.

Um fato revelado pela maioria dos ex-aprendizes de L2, que tiveram sucesso em seus cursos de imersão, foi a sua preocupação com respeito à cultura-alvo e o desejo de conhecer mais o povo e os costumes. Eles possuíam grande admiração e respeito pela respectiva cultura do país-alvo.

Logo, a decisão de pesquisar a eficácia ou ineficácia da atitude cultural como fator de importância no aprendizado de uma segunda língua em curso de imersão veio como resposta aos anseios de ajudar professores e aprendizes de L2 a obterem o sucesso almejado. Outro fator determinante para o início desta pesquisa foi a pouca quantidade de pesquisas que comprovassem, empiricamente, os efeitos da atitude cultural dos alunos imersos e a sua relação com a aprendizagem de uma língua.

Iniciou-se então, a busca por uma resposta que pudesse suprir essa indagação de grande relevância nas experiências de aquisição de L2. Buscou-se respostas nas leituras dirigidas na área da Lingüística Aplicada e nas experiências em ambientes de aprendizado de L2, especificamente nos cursos de imersão. Decidiu-se observar os alunos de L2 que tiveram uma atitude cultural positiva em relação aos países falantes da língua. Foi observado que muitos deles, ao morarem nos Estados Unidos, demonstravam-se interessados pela cultura, costumes, hábitos, política e a história-alvo em geral e, assim, puderam desenvolver a segunda língua a ponto de atingir as expectativas e alcançar a proficiência lingüística almejada.

Percebeu-se que as empresas de intercâmbio cultural também compartilhavam do mesmo desejo de poder ajudar os seus intercambistas a atingirem melhores resultados em seus cursos de imersão. Ao se coletar dados, identificou-se que o público-alvo – os alunos de cursos de imersão em L2, em 2005 – poderia atingir mais de 50 mil alunos em todo o Brasil.

Em relação à relevância do presente trabalho, percebe-se a possibilidade de esclarecer aspectos sobre a atitude cultural como um fator de importância no ensino de uma segunda língua, especificamente para o aluno imerso em um curso de L2.

A maioria dos artigos e citações de outros autores, utilizados neste trabalho são da área da Lingüística Aplicada. Suas opiniões embasam a abordagem quanto ao uso da cultura no ensino e aprendizagem de uma segunda língua, assim como do impacto da atitude cultural na desenvoltura da mesma. Outros recursos de outras áreas também foram usados para confirmar os postulados dos autores da citada área.

1.2 Objetivos da Pesquisa

Esta pesquisa tem como objetivo geral averiguar se alunos que possuem uma atitude cultural positiva em relação à cultura-alvo enquanto imersos nos Estados Unidos, em qualquer curso de L2, com mesma carga horária, poderiam desenvolver um nível maior de proficiência lingüística do que alunos que possuem uma atitude cultural negativa.

1.2.1 Perguntas de Pesquisa

Na tentativa de realizar um estudo empírico sobre os efeitos da atitude cultural em alunos de inglês como L2, elaborou-se a seguinte pergunta de pesquisa: a atitude cultural de alunos de L2 imersos em uma segunda cultura pode influenciar positiva ou negativamente na aquisição da língua-alvo?

Para responder os questionamentos que norteiam esta obra, realizou-se um estudo de cunho etnográfico, dentro de uma linha qualitativa e quantitativa, com um grupo de aprendizes de L2, voluntários, com níveis de proficiência na língua inglesa variando entre o básico e o início do intermediário.

1.3 Organização da pesquisa

Esta dissertação é disposta em seis capítulos. A introdução é composta pela contextualização e justificativa do tema. Nela, são apresentados tanto os objetivos gerais como as perguntas, que norteiam os caminhos da pesquisa quanto às indagações a serem rebatidas ao longo do trabalho. Por último, a organização da pesquisa.

No segundo capítulo, o arcabouço teórico ocupa-se em descrever os seguintes itens: uma possível definição de cultura; a relação entre língua e cultura e seu impacto na prática do ensino de línguas estrangeiras; a cultura além da lingüística aplicada; a atitude cultural e a aculturação e, por último, os cursos de imersão.

No capítulo três, realizaram-se entrevistas com dois importantes líderes da área de intercâmbio cultural para expressar a necessidade do estudo contido neste trabalho. O capítulo divide-se em uma descrição da realização das entrevistas, comentários e conclusão sobre os depoimentos.

O quarto capítulo descreve o experimento empreendido e as suas principais características: o perfil dos sujeitos participantes do experimento, a metodologia e equipamento utilizados e o professor-pesquisador realizador da pesquisa.

O quinto capítulo analisa os dados colhidos com os questionários sobre a atitude cultural dos participantes e os testes de inglês. Essa análise é visualizada primeiramente em uma tabela, que mostra de maneira simplificada todos os dados obtidos durante a primeira e segunda fases do experimento. Posteriormente, é mostrada a avaliação por meio de gráficos comparativos dessas fases anteriores e posteriores ao curso de L2 no exterior. Neste capítulo, além da exposição dos dados colhidos, podem ser observados comentários de cada sujeito participante, que sintetizam algumas possíveis razões dos resultados obtidos. Ao término desse capítulo, foi realizada uma demonstração final de todos os resultados da segunda fase, e foram tecidos comentários gerais que explicam a ação da atitude cultural e sua influência nos resultados.

Por fim, no sexto capítulo, realizaram-se algumas considerações finais no intuito de responder as perguntas da pesquisa e demonstrar às conclusões retiradas do experimento. Também foi feita uma reflexão a respeito das presentes limitações referentes aos cursos de imersão e apontados caminhos para novas pesquisas.

Ao final deste trabalho encontram-se, os anexos que estão dispostos da seguinte maneira: A – Questionário com Líderes de Intercâmbio Cultural; B – Transcrição das Entrevistas com os Líderes de Intercâmbio Cultural, Primeiro Entrevistado (Presidente de um Grupo de Intercâmbistas) e Segunda Entrevistada (Gerente de uma Empresa de Intercâmbio em Brasília); C – Modelo do Questionário de Atitude Cultural da Primeira Fase; D – Amostras das Transcrições do Questionário de Atitude Cultural da Primeira Fase; E – Amostras dos Comentários de Avaliação do Questionário de Atitude Cultural da Primeira Fase; F – Modelo da Prova de inglês da Primeira Fase; G – Modelo do Questionário de Atitude Cultural da Segunda Fase; H – Amostras das Transcrições do Questionário de Atitude Cultural da Segunda Fase; I – Amostras dos Comentários de

Avaliação do Questionário de Atitude Cultural da Segunda Fase; J – Modelo da Prova de inglês da Segunda Fase, L – Pesquisa de Moita Lopes.

1.4 Contribuição Esperada

Com a conclusão deste trabalho, são fornecidos alguns dados importantes necessários para que se venha obter um melhor desempenho na aquisição de uma L2 no ambiente de uma segunda cultura, em um segundo país. Sugere-se a implantação de um departamento cultural nas diversas agências de intercâmbio espalhadas pelo Brasil, no qual poderiam ser desenvolvidos trabalhos de orientação de cunho cultural na tentativa de se sobrepujar possíveis dificuldades na aculturação dos alunos de L2 em seus respectivos países de imersão e culturas. Também é sugerido o ensino de L2 nos cursos de ESL. Com essas novas orientações, anseia-se iluminar pesquisas futuras.

CAPÍTULO 2 – ARCABOUÇO TEÓRICO

Neste capítulo, será vista a fundamentação teórica que norteará, posteriormente, este experimento. Nele, encontra-se o postulado de diferentes autores da Lingüística Aplicada, assim como de outras áreas de pesquisa que demonstram a sua preocupação com o ensino da cultura nas práticas pedagógicas de uma L2. Também é abordada a atitude cultural dos alunos de L2, cerne desta pesquisa, assim como aspectos dos cursos de imersão, *lócus* desta pesquisa.

2.1 Uma Possível Definição de Cultura

O objetivo principal deste trabalho é averiguar o papel da atitude cultural do aluno no aprendizado de uma segunda língua. Logo, faz-se necessário, primeiramente, definir *cultura*, palavra cujo significado é abrangente e complexo.

No livro *A noção de cultura nas Ciências sociais*, Cuche (1999) mostra como a noção de cultura foi alterada ao longo dos anos. Segundo o autor, a formulação da palavra começa na França, no século XVII, e incorpora, mais tarde, outros significados de outras línguas, como o alemão e o inglês.

Contudo, de acordo com Cuche (1999), a palavra *cultura* já circulava na língua francesa desde o século XIII e o seu significado estava ligado ao estado da coisa cultivada, “o cuidado dispensado ao campo ou ao gado ou parcela de terra cultivada”.

No começo do século XVI, surge uma nova noção de cultura, ligada à ação de cultivar a terra. É preciso observar que, mesmo com todas as mudanças que o conceito já sofreu, a noção relacionada à ação de cultivar a terra permanece até hoje nas práticas

agrícolas de plantio. Por exemplo, ainda é dito: o cultivo da cultura de hortaliças, o cultivo da cultura de soja, etc.

Na segunda metade desse mesmo século, iniciou-se uma nova tendência de conceituar a palavra “cultura”, algo que estivesse mais relacionado a um sentido figurado da palavra, significando a cultura do espírito ou do desenvolvimento de uma faculdade. A partir dessa noção, o termo começa a adquirir as primeiras formas da maneira como é hoje compreendida. É no século XIX, mediante a preocupação com a reflexão sobre o homem e os conceitos sobre sociedade, que novas visões de cultura serão desenvolvidas por ciências como a Sociologia, a Etnologia e a Antropologia.

Vê-se, então, uma concepção de cultura que foi criada partindo dos significados contidos na palavra alemã *kultur*, na francesa *civilisation* e na inglesa *culture*. Para o antropólogo Edward Burnett Tylor (1832 – 1917), considerado o fundador da antropologia britânica, cultura é:

Tomando o seu amplo sentido etnográfico (...) o todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (TYLOR, apud LARAIA, 1999, p.25).

De acordo com Cuche (1999), Tylor foi um dos primeiros filósofos a tratar a cultura de maneira metodológica e sistemática e a se dedicar ao seu estudo sob diferentes aspectos: materiais, simbólicos, corporais, entre outros, em todos os tipos de grupos humanos.

Hoje em dia, a procura de uma explicação apropriada para a noção de cultura continua sendo uma das mais problemáticas e controvertidas questões no campo das ciências sociais e humanas. Para Auguste Nicolau Coll (2003) “seja para negar a ela toda importância, ou o contrário, para colocá-la no centro de todas as abordagens, atualmente a noção de cultura não deixa ninguém indiferente no campo das ciências sociais e humanas”.

Na tentativa de uma possível definição de cultura, Coll (2003) sugere três reducionismos, que habitualmente afetam, de maneira negativa, a noção de cultura:

- a) o reducionismo artístico e folclórico;

- b) o reducionismo intelectual;
- c) o reducionismo dos valores e crenças.

O reducionismo artístico e folclórico é o mais comum dos reducionismos e entende a cultura como uma representação de arte e folclore. Esse reducionismo faz com que a cultura seja reduzida a um conjunto de manifestações folclóricas e artísticas, ou seja, pessoas tendem a acreditar que uma dança folclórica, uma representação artística em forma de pintura ou a literatura sejam a cultura de uma sociedade. Na verdade, essas manifestações fazem parte da cultura de um grupo, mas existe mais do que somente representações artísticas e folclóricas.

O reducionismo intelectual ocorre quando se trata a cultura como uma produção intelectual. Esse segundo reducionismo não é menos importante do que o primeiro, já que a tendência é achar que cultura e produção intelectual seriam quase a mesma coisa. Segundo Coll (2003) esse reducionismo tende a “considerar como cultura somente ou principalmente a produção intelectual, sobretudo a abstrata”.

O reducionismo dos valores e crenças representa a cultura como um sistema de valores, ou seja, considera como cultural o campo dos valores e das crenças de um grupo específico, admitindo-o como uma representação cultural absoluta desses indivíduos.

Os conteúdos dessas três noções reducionistas fazem parte da cultura, mas não correspondem à sua totalidade, já que deixam de lado outras dimensões, como a política, a religiosa, a educativa, a econômica, a jurídica. Faz-se necessário, então, uma noção de cultura que abranja essas outras dimensões, para que não haja nenhuma exclusão de alguma realidade cultural, ou seja, para que não haja reducionismo.

Logo, em possível tentativa de explicação, encontra-se a seguinte definição dada por Coll, o que ele acredita ser uma noção global de cultura.

É o conjunto de valores, crenças, instituições e práticas que uma sociedade ou grupo humano desenvolve num certo momento do tempo e do espaço, em diferentes campos da realidade, a fim de assegurar sua sobrevivência material e plenitude espiritual, tanto individualmente como coletivamente. (COLL, 2003, p. 03).

Para Brown (1994), cultura é visto como algo que afeta os nossos relacionamentos, assim como o nosso modo de vida:

Cultura pode ser definida como um modo de vida, um contexto no qual nós existimos, pensamos e nos relacionamos com os outros, é a ‘cola’ que liga as pessoas.¹(BROWN, 1994, p.176, tradução nossa).

Ele acredita que a cultura seja o continente, a identidade coletiva do ser humano.

Larson & Smalley (1972) descrevem cultura como um “*blueprint*”. Eles afirmam que:

A cultura guia o comportamento das pessoas em uma comunidade e ela está relacionada à vida familiar. Ela governa o nosso comportamento em grupos, torna-nos sensíveis aos assuntos de *status*, e nos ajuda a conhecer o que os outros esperam de nós e o que irá acontecer se nós não vivermos de acordo com a expectativa deles. Cultura nos ajuda a conhecer até onde podemos ir como indivíduos e qual é a nossa responsabilidade em relação ao grupo. Culturas diferentes são estruturas subjacentes que fazem com que uma comunidade redonda seja redonda e uma quadrada seja quadrada. (LARSON & SMALLEY, apud BROWN, 1994, p. 176, tradução nossa)²

Cultura, então, pode ser definida como idéias, costumes, habilidades, artes e ferramentas que caracterizam um dado grupo de pessoas, em um período de tempo determinado. O fato de não existir nenhuma sociedade sem cultura reflete sua importância para preencher certas necessidades biológicas e psicológicas nos seres humanos.

Partindo dessas diferentes explicações sobre cultura, pode-se entendê-la como uma construção mental que permite a sobrevivência humana em um estilo de vida que se pode chamar *cultura*.

¹ “Culture is a way of life. It is a context within which we exist, think, feel, and relate to others. It is the ‘glue’ that binds a group of people together.”

² “Guides the behavior of people in a community and is incubated in family life. It governs our behavior in groups, makes us sensitive to matters of status, and helps us to know what others expect of us and what will happen if we do not live up to their expectations. Culture helps us to know how far we can go as individuals and what our responsibility is to the group. Different cultures are the underlying structures which make round community round and square community square.”

De acordo com Brown (1994), essas construções mentais são infinitamente diversas e, portanto, possuem características bem diferentes. No entanto, tais padrões de comportamento, na visão de alguns antropólogos, possuem características universais.

Para George Peter Murdock (1961, p.45-54, tradução nossa), existem sete “universais” de padrões culturais de comportamento, cujas características são³:

- 1) originam-se na mente humana;
- 2) facilitam interações humanas e ambientais;
- 3) satisfazem necessidades básicas humanas;
- 4) são acumulativos e se ajustam às mudanças em condições internas e externas;
- 5) possuem a tendência de formar uma estrutura consistente;
- 6) são aprendidos e compartilhados por todos os membros de uma sociedade;
- 7) são transmitidos a novas gerações.

Com base nessas idéias, todas as sociedades possuem sua própria cultura, ou melhor, sua própria identidade cultural, a qual as difere de outras que pertencem a outras sociedades. Contudo, mesmo ela sendo diferente, segue-se um padrão cultural comum entre todas as outras sociedades, como são os sete universais relacionados por Mudock.

Para atingir o objetivo deste capítulo, é preciso entender que a definição de cultura, conforme se tentou mostrar, não é algo tão simples e tem sido alterada ao longo dos anos, desde a primeira tentativa de sua definição até hoje. Outro dado importante é que cultura é algo inerente a todas as sociedades, grupos sociais e civilizações, ou seja, uma não existe sem a outra. Sabe-se também que existem reducionismos que dificultam uma definição mais abrangente de cultura, afetando a sua real importância. Outro ponto de grande relevância é que, embora existam diferentes manifestações culturais em cada sociedade,

³ 1) “They originate in the human mind;
2) They facilitate human and environmental interactions;
3) They satisfy basic human needs;
4) They are cumulative and adjust to changes in external and internal conditions;
5) They tend to form a consistent structure;
6) They are learned and shared by all the members of a society, and
7) They are transmitted to new generations.”

todas possuem características que fazem parte de todas elas, características essas chamadas de “universais”.

Por fim, é preciso enfatizar que a cultura é uma das características mais importantes de uma comunidade e que, para entender um grupo específico, tem-se de entender a cultura específica desse grupo.

2.2 Como a Relação entre Língua e Cultura Afeta as Práticas de Ensino de Línguas Estrangeiras?

Após uma breve explanação sobre cultura, desde os primórdios da formação de sua palavra até os seus possíveis significados e de toda a sua abrangência e influência na sociedade, passa-se ao objetivo de levantar a hipótese de que a cultura tem um lugar de importância no ensino de línguas. Com citações de algumas autoridades dos mais diversos campos de pesquisa, foi possível encontrar uma definição para o papel da cultura no ensino de línguas estrangeiras.

No dicionário de lingüística *Language teaching & applied linguistics*, encontra-se a seguinte definição para a influência da cultura nas práticas de ensino de línguas:

A dimensão cultural da aprendizagem de uma língua é uma importante dimensão dos estudos de segunda língua. Educação é vista como um processo de socialização com a cultura dominante. No ensino de línguas estrangeiras, a cultura de uma língua pode ser ensinada como parte integral do currículo. (RICHARDS; SCHMIDT, 2002, p. 138, tradução nossa).⁴

Quando se ensina uma L2 aos alunos, tenta-se desenvolver uma prática de ensino que gere uma competência lingüística na língua-alvo. Para isso, precisa-se entender quais aspectos estão integrados na competência lingüística. Vê-se quais são as diferentes

⁴ “The cultural dimension of language learning is an important dimension of second language studies. Education is seen as a process of socialization with the dominant culture. In foreign language teaching the culture of the language may be taught as an integral part of the curriculum.

competências de uma língua, conforme o dicionário *Language teaching & applied linguistics* (RICHARDS; SCHMIDT, 2002, p. 90, tradução nossa).⁵:

- a) competência gramatical, também conhecida como competência formal, que envolve o conhecimento de gramática (como o próprio nome sugere), vocabulário, fonologia e semântica da linguagem;
- b) competência sociolingüística, também chamada de competência sócio-cultural, que corresponde ao conhecimento da relação entre linguagem e contextos não lingüísticos, usando e respondendo, adequadamente, aos diferentes tipos de atos do discurso, tais como pedidos de desculpa, agradecimentos, convites, etc., e conhecendo as formas que devem ser usadas nas mais diferentes situações com as mais diversas pessoas;
- c) competência do discurso (às vezes considerada parte da competência sociolingüística), que envolve o conhecimento de como começar e terminar conversações (eventos do discurso, coesão e coerência); e
- d) competências estratégicas, que se resumem no conhecimento de estratégias da comunicação que podem compensar as fraquezas em outras áreas.

Ao se tratar da importância da cultura na aquisição de línguas, deve-se notar que a cultura estabelece o suporte necessário para que o aprendiz obtenha uma competência

⁵ a) grammatical competence (also formal competence), that is knowledge of the grammar, vocabulary, phonology, and semantics of a language (also see COMPETENCE);

b) sociolinguistic competence (also sociocultural competence), that is, knowledge of the relation between language and its nonlinguistic context, knowing how to use and respond appropriately to different types of SPEECH ACTS, such as requests, apologies, thanks, and invitations, knowing which ADDRESS FORMS should be used with different persons one speaks to and in different situation, and so forth.

c) discourse competence (sometimes considered part of sociolinguistic competence), that is knowing how to begin and end conversations.

d) strategic competence, that is, knowledge of COMMUNICATION STRATEGIES that can compensate for weakness in other areas.”

sociolingüística que está além do conhecimento ou da competência gramatical, resgatando, assim, aquilo que não está explícito nas regras convencionais da comunicação e facilitando, ao aluno, o contato de todas as modalidades da linguagem, desde modelos formais, informais, verbais e não-verbais, expressões idiomáticas, assim como outros.

Os estudos realizados pela Antropologia Lingüística (AL) têm como objetivo desenvolver teorias que comprovem a relação entre cultura e língua. Duranti (1997), bem como muitos pesquisadores da AL, defendem o uso da cultura nas práticas de ensino de línguas. Segundo o autor (1997, p.332) “(...) ter cultura significa ter comunicação, e ter comunicação significa ter acesso à linguagem”, ou seja, sem a cultura haveria uma dificuldade na comunicação dos indivíduos, portanto, qualquer prática teórica que separe a linguagem da cultura deve ser vista como problemática. Para esse autor:

A linguagem está em nós tanto quanto nós estamos na linguagem. Por conectar pessoas aos seus passados, presentes e futuros, a linguagem não é apenas uma representação de um mundo estabelecido independentemente. A linguagem é também este mundo. Não no sentido simplista de que tudo que nós temos de nosso passado é linguagem, mas no sentido de que nossas memórias são inscritas em representações lingüísticas, histórias, anedotas e nomes tanto quanto elas estão contidas em cheiros, sons e modos de expressão do nosso corpo, (DURANTI, 1997, p. 337).

Com essa declaração, Duranti confirma a sua crença de que a língua não deve ser representada somente por um conjunto de regras formais de estrutura na qual as pessoas se comunicam. Ela é mais do que isso. É o meio pelo qual se expressa o mundo que está em volta do ser humano que, por meio da língua, é inserido neste mesmo mundo.

Em outros campos de estudo, como a da Etnografia da Comunicação, que muito contribui para a formação de teorias na área da Lingüística Aplicada, a idéia da dissociação entre língua e cultura também é vista de forma problemática. Saville-Troike, uma representante da área, afirma que:

A Etnografia da Comunicação considera a linguagem, antes de tudo, como uma forma cultural situada socialmente, enquanto reconhece a necessidade de analisar o código em si mesmo e os processos cognitivos de seus falantes e ouvintes. (SAVILLE-TROIKE, 1989, p.03).

Para a autora, a gramática, o léxico e a fonologia constituem somente uma parte dos elementos do “código” que serão usados dentro da comunicação por um grupo de falantes de uma mesma comunidade. Dentro desses elementos existem outros, como os da paralingüística, que são representados por expressões verbais e não verbais como, por exemplo, a linguagem corporal, que, de forma convencionalizada, marca e destaca a linguagem de um grupo específico em uma sociedade. É importante ressaltar que essas expressões são adquiridas e transmitidas, de forma social, por pessoas de uma mesma comunidade, destacando a ação da cultura como forma de realidade social dentro da comunicação.

Saville-Troike também acredita que:

O falante competente de uma língua, além de um certo domínio da estrutura formal do código lingüístico, precisa estar apto para reconhecer, entre tantas possibilidades e modos de combinação, aquilo que faz sentido para o grupo com o qual interage ao fazer uso da língua. (SAVILLE-TROIKE, 1989, p.34).

Para Clyne, outro estudioso da área:

A linguagem é a mais profunda manifestação da cultura, e o sistema de valor das pessoas, o qual inclui aqueles fornecidos pelo grupo do qual fazem parte, representam um papel fundamental no modo como usam não somente a língua materna, mas também como aprendem uma outra língua. (CLYNE, 1994, p. 35).

Os professores precisam entender o papel da cultura na aquisição de línguas, sejam elas maternas ou estrangeiras, pois, como afirma Clyne (1994), sem a cultura não se pode ter acesso às representações específicas de um povo, e sem entender essas representações culturais não se terá um bom desempenho lingüístico na língua-alvo, uma vez que aquilo que é representado pela cultura vai além da forma padrão do uso da linguagem de um povo, como é o caso das expressões idiomáticas, que demonstram idéias políticas, tradições, entre outras coisas.

Brown (1994) compartilha a seguinte opinião em relação à aquisição de segunda língua (L2):

Cultura se torna altamente importante na aprendizagem de uma segunda língua. Uma língua faz parte de uma cultura e uma cultura faz parte de uma língua, as duas estão intrinsecamente ligadas, com isso, não podemos

separá-las sem perder o significado de uma ou de outra língua ou cultura. (BROWN, 1994, p. 165)⁶.

De acordo com Brown, ao se ensinar uma segunda língua, não se deve separá-la de sua cultura, para que não haja perda no código da cultura ou da língua.

Agar (1994) compara a linguagem a um círculo e dentro dele estão contidas informações como as da gramática e as do léxico (conhecimento dicionário). Contudo, fora desse círculo existe um mundo muito maior no âmbito da linguagem e, para entrar em contato com ele, precisa-se da cultura.

Agar (1994, p.20) afirma que “essa linha divisória, que muitos lingüistas, professores e também as pessoas de modo geral costumam desenhar em torno da língua, separando-a do mundo, deve ser apagada, e para esse fim a cultura deve ser a borracha”.

Acredita-se, ainda, que se o indivíduo dominar somente aquele conhecimento dentro do círculo (gramática e dicionário) e não tiver um domínio da cultura, ele não poderá se comunicar adequadamente; mas se tiver um bom conhecimento da cultura-alvo, mesmo sem grande domínio da gramática, e um pequeno repertório de palavras, esse indivíduo poderá se comunicar.

Agar também afirma que, mesmo com muitas discussões sobre o uso da cultura no ensino de línguas, todos deveriam concordar com a idéia de que o uso da língua é uma ação social e, como tal, a linguagem é impregnada de cultura. Para ele:

A língua, em todas as suas variedades, em todos os modos em que aparece na vida cotidiana, constrói um mundo de significados, quando você se torna consciente dos seus próprios e trabalha para construir uma ponte para outros, cultura é o que você está fazendo. A língua preenche os espaços entre nós com sons; a cultura forja a conexão humana através deles. A cultura está na linguagem e a linguagem está impregnada de cultura. (AGAR, 1994, p. 28).

Kramersch (1999) define a dicotomia entre língua e cultura em três aspectos:

- 1) A língua expressa uma realidade cultural, ou seja, a linguagem é a forma que os indivíduos utilizam para expressar as suas

⁶ “Culture becomes highly important in the learning of a second language. A language is part of a culture and a culture is part of a language; the two are intricately interwoven so that one can not separate the two without losing the significance of either language or culture.”

idéias, crenças e experiências que são compartilhadas por um mesmo grupo, revelando assim, as características e opiniões próprias desse conjunto de pessoas.

2) A língua incorpora uma realidade social, pois por meio da linguagem os indivíduos de uma mesma comunidade expressam e criam experiências. Com isso, expressões verbais e não verbais são convencionadas por esses sujeitos para o uso em diferentes situações do dia-a-dia.

3) A língua simboliza uma realidade cultural. Ela é vista como o símbolo que marca as identidades culturais de um povo ou comunidade, já que pode ser entendida como um conjunto de símbolos que são usados por indivíduos como modo de identificação e de expressão.

Almeida Filho (2002) expressa, claramente, sua preocupação quanto à importância da cultura no ensino de línguas. De acordo com o autor, “aprendemos língua e incorporamos aos poucos o cultural, ou aprendemos o cultural, e dessa base nos esforçamos para absorver a língua-alvo?” Ou seja, qual deve ser a ordem de importância da cultura e da língua no processo do ensino de línguas? Concentra-se a atenção no estudo da língua alvo e depois na cultura ou o contrário, primeiro na cultura e, a partir dela, na língua?

Almeida Filho responde da seguinte maneira:

As duas posições apresentadas sobre o lugar relativo do aspecto cultural na composição de uma competência comum cativa nos aprendizes, são a mesma posição radical com sinais trocados. Num caso, a língua é o foco real, e a cultura é a franja. No outro a cultura é o cerne, e a língua vem depois dela. (ALMEIDA FILHO, 2002, p. 209).

Durante o processo de aquisição ou aprendizagem de um idioma, a cultura e a língua terão o mesmo papel de destaque na formação do conhecimento da língua-alvo do aprendiz. Durante o ensino de língua estrangeira e/ou segunda língua, os professores, ao ensinarem, às vezes têm de dar ênfase à cultura-alvo e depois à língua e, em outros casos, primeiro à língua e depois à cultura.

Com o uso dos termos LE (Língua Estrangeira) e a seguir L2 (Segunda Língua), é necessário uma breve explicação do que vem a ser esses dois termos. Em uma breve definição dos escritores Jensen & Vinther (1983), LE é instruir os aprendizes a se comunicarem na língua-alvo, fora do país-alvo.

L2, para Richards e Schmidt (2002), seria, por exemplo, o ensino de inglês para imigrantes dentro dos Estados Unidos, pois o conhecimento de língua é necessário para a sua sobrevivência. Logo, entende-se L2 como o ensino da língua-alvo dentro do país de sua origem. Mediante essa breve ilustração, fica claro que vem a ser o ensino de LE, o ensino de L2 e outras possíveis variáveis usando essas terminologias.

Quando se ensina língua de forma cultural, os benefícios desse trabalho serão de grande eficácia no combate de alguns problemas encontrados pelos aprendizes durante o seu processo de estudo. Segundo Almeida Filho (2002, p. 212), as vantagens são:

a) “Combate ao desconforto com as diferenças inexplicadas (evitando assim o estresse cultural)”. O *estresse cultural* pode ser interpretado como o terceiro nível do processo de aculturação, em que alguns dos problemas dos aprendizes nesse processo de adaptação são resolvidos, enquanto outros persistem por algum tempo, causando um certo mal-estar no período de adaptação do indivíduo. Se puder ser criado um “combate” ao desconforto com as diferenças inexplicadas, a assimilação da cultura-alvo será realizada, pelo aprendiz, mais rapidamente, pela simples explicação das diferenças entre as culturas.

b) “Diminuição do encantamento acrítico com a cultura-alvo”. Quando o indivíduo se encontra imerso em uma segunda cultura, tem a tendência a achar o “novo” (aspectos da cultura em contato) melhor ou mais adequado do que os aspectos e realidades encontrados em seu país de origem. A euforia ou animação pelo “novo” é uma ocorrência comum e, geralmente, aparece no primeiro estágio da aculturação dos indivíduos em contato com uma outra cultura.

c) “Rejeição da cultura do outro para se recolher na própria cultura, supervalorizando-a e enaltecendo valores idealizados tidos como intrínsecos a ela, tais como: limpeza, civilidade, ordem, honestidade, lógica, organização, democracia”. Desse aspecto pode decorrer um fator de grande preocupação no processo de adaptação ou aculturação dos indivíduos: o choque cultural, um fenômeno comum quando aprendizes entram em contato com uma outra cultura e surgem sentimentos que podem variar, desde uma simples irritabilidade até um profundo pânico, como uma doença mental. Conforme afirma o antropólogo George M. Foster, deve-se evitar ao máximo o aumento desse fenômeno, com a obrigação de minimizar os seus efeitos.

Almeida Filho (2002) sugere que, também, sejam explorados, nos materiais didáticos de ensino de LE, aspectos pertinentes à realidade cultural do país de língua-alvo como, por exemplo, a indústria cultural, a ciência e a tecnologia, o ambiente físico a história e a formação social, os valores culturais e religiosos e as expressões fraseológicas populares.

Além dos materiais didáticos, os professores de línguas, sejam eles de LE ou L2, precisam estar convencidos de que a cultura deve nortear as suas aulas, pois caso eles não estejam convencidos da importância do componente cultural em suas práticas de ensino, de nada adiantará um material didático que o contenha.

Novamente, Almeida Filho expõe sua preocupação sobre a ligação da cultura e língua nas práticas de ensino.

A cultura governa a maior parte das atitudes, dos comportamentos, das representações e dos costumes dos falantes de uma língua. Ela orienta as ações e as perspectivas desses falantes freqüentemente sem que eles estejam conscientes disso. Ao ensinar uma nova língua, incluindo por força sua dimensão cultural, será preciso introduzir as representações culturais que já foram explicadas em estudos no comportamento de falantes competentes para uso deliberado (mas não necessariamente sistemático) nos planejamentos, nos materiais, nas aulas e nos exames. (ALMEIDA FILHO, 2002, p. 213).

Com base nessas definições de teóricos, percebe-se que a cultura, no processo de ensino de línguas, significa muito mais do que um mero auxílio didático. Ela tem importância e seu lugar de hierarquia, devendo estar ao lado da própria língua-alvo, pois quando se ensina uma língua, não se está ensinando somente o uso do dicionário e gramatical da linguagem-alvo, mas todas as representações e símbolos verbais e não verbais que irão auxiliar o aluno na hora de adquirir uma competência lingüística aceitável na língua em estudo, já que faz parte da própria competência lingüística a competência sociolingüística, definida por Richards & Schmidt (2002). Tornando clara a idéia de Agar (1994, p.20): “você pode dominar a gramática e o dicionário, mas sem a cultura você não pode se comunicar adequadamente”.

2.3 Cultura Além da Lingüística Aplicada

Os aprendizes de LE e L2, assim como professores de línguas, não são os únicos que se preocupam em entender a cultura dos outros e se beneficiar desse conhecimento. Hoje, no mundo globalizado, o entendimento da cultura do outro é uma disciplina necessária e obrigatória em qualquer tipo de interação social de cunho internacional.

Com isso, precisa-se ampliar a importância da cultura, pois ela transcende o ensino de línguas e abrange um mundo muito maior.

Vejam-se, agora, alguns exemplos concretos nas áreas do comércio exterior e *marketing*, que dão a devida importância à cultura em suas áreas de estudo e aplicação e de como essa visão em outros campos de estudo confirma o proposto nesta pesquisa.

Segundo as teorias de Keegan & Green (2002, p. 100), os profissionais de *marketing* global devem reconhecer a influência da cultura e estar preparados para responder a ela, pois a cultura, programação da mente de uma sociedade, tem influência difusa e modificadora sobre cada ambiente do mercado nacional

Para muitos profissionais do *marketing*, assim como para alunos de L2, os fatores culturais se tornam um desafio porque eles não são visíveis. Para superar esse problema, assim como o etnocentrismo e a miopia cultural, existem algumas normas que, segundo Keegan & Green (2002), deverão ser respeitadas para aumentar a capacidade de aprender sobre outras culturas. São elas:

1) Uma atitude sábia começa com a aceitação do fato de que nunca se entenderá completamente a eles próprios e aos outros. As pessoas são complexas demais para serem entendidas. Como disse Carl Jung⁷, “não há mal entendidos na natureza; eles existem na essência do que chamamos entendimento”.

⁷ C.G.Jung, Critique of Psychoanalysis, Bollingen Series XX, Princeton, N.Y., Princeton University Press, 1975, p. 228.

2) Os sistemas de percepção são exatamente limitados. Não se vê quase nada. O sistema nervoso humano é organizado com base no princípio do *feedback* negativo, ou seja, o sistema de controle humano entra em ação apenas quando os sinais de estímulo se desviam do que se aprende a esperar.

3) Despende-se a maior parte do tempo, da própria energia humana, gerenciando estímulos de percepção.

4) Quando não se entende as crenças e valores de determinado sistema cultural e social, as coisas que se observam e experimentam podem parecer estranhas.

5) Se a pessoa quiser agir eficazmente em outra cultura, deve tentar entender suas crenças, motivos e valores, o que exige uma atitude aberta, que permite superar limitações de percepção baseadas na própria cultura.

Nota-se por meio das normas sugeridas por Keegan & Green (2002) que caso um aluno de L2 imerso na cultura-alvo queira como foi dito, “*agir eficazmente em outra cultura*”, ela precisa procurar entender a segunda cultura e para isso é necessário uma “atitude aberta” ou uma atitude cultural positiva para que então os costumes, valores e crenças da cultura-alvo possam ser compreendidos por aprendizes imersos. Outro aspecto de muita importância é entender que a nossa percepção é limitada e aquilo que geralmente é estranho à nossa cultura, de modo geral desperta em nós um *feedback* negativo, mas com uma atitude positiva e com a exposição à realidade muitos desses sentimentos negativos poderão ser minimizados.⁸

Contudo para compreender as diferentes culturas existentes o antropólogo Geert Hofstede (1991), sugere que as culturas das mais diferentes nações podem ser comparadas segundo quatro aspectos ou dimensões, quais sejam:

A primeira é a distância do poder. Trata de até que ponto os membros menos poderosos de uma sociedade aceitam e até esperam a distribuição desigual do poder. A segunda dimensão é reflexo do grau de interação dos indivíduos da sociedade em grupos. Em culturas individuais, cada membro

⁸ Keegan e Green, p. 102.

da sociedade preocupa-se principalmente com o seu próprio interesse e com o de sua família imediata. Nas culturas coletivistas, todos os membros da sociedade estão integrados em grupos intensos e coesos. A masculinidade, a terceira dimensão, descreve a sociedade em que se espera que os homens sejam firmes, competitivos e preocupados com o sucesso material, enquanto as mulheres, que desempenham o papel de nutrir, preocupam-se com assuntos tais como o bem-estar das crianças. A feminilidade, por outro lado, descreve a sociedade em que os papéis sociais de homens e mulheres se sobrepõem, sem que nenhum dos dois sexos mostre comportamento excessivamente ambicioso ou competitivo. A quarta dimensão diz respeito à aversão, à incerteza. É o que dá medida de quanto os membros de uma sociedade se sentem mal com situações ambíguas ou não estruturadas.⁹

Ainda no intuito de compreender as diferentes culturas, nota-se que mediante as quatro dimensões – distância de poder, culturas individualistas e coletivistas, os aspectos da dimensão da masculinidade e feminilidade e da aversão à incerteza, apresentadas por Hofstede (1991) – pode-se compreender melhor muitos aspectos culturais de um determinado grupo. Por meio de um maior entendimento de certos padrões alterados, os alunos de L2 imersos em uma cultura-alvo teriam a informação necessária que poderia servir de instrumento para uma maior assimilação da cultura em contato.

Edward T. Hall (1990) sugere o conceito de culturas de alto e de baixo contexto como forma de entender as diferentes formas de orientações culturais. Na primeira, as mensagens são explícitas, com as palavras transmitindo a maior parte das informações na comunicação. Já em culturas de baixo contexto, a parte verbal da mensagem contém menos informações.

Vê-se um quadro (Hall, 1990, apud Keegen; Green, 2002, p. 97) que resume algumas diferenças entre as culturas de baixo e alto contexto:

⁹ Hofstede e Bond, 1988.

Quadro – Cultura de Alto e de Baixo Contexto

Fatores / Dimensões	Alto Contexto	Baixo Contexto
Advogados	Menos importante	Muito importante.
A palavra da pessoa	Sua garantia	Não confie; tenha tudo por escrito.
Responsabilidade pelo erro organizacional	Tomada no sentido mais estrito.	Renegada ao mais baixo nível
Espaço	As pessoas convivem em espaços exíguos	As pessoas mantêm um espaço vital em torno de si e rejeitam intromissões.
Tempo	Policrômica – Tudo na vida deve ser feito em seu próprio ritmo.	Monocrômica – Tempo é dinheiro – Linear (uma coisa de cada vez).
Negociações	Demoradas - um propósito importante é permitir que as partes se conheçam.	Fazer tudo rapidamente.
Propostas competitivas	Infreqüentes	Comuns
Exemplos nacionais / regionais	Japão, Oriente Médio	Estados Unidos, norte da Europa.

Keegen e Green, Principios de Marketing Global (2002, pág. 97)

De acordo com Hall, algumas características culturais poderiam ser atribuídas a certas culturas. O conhecimento dessas peculiaridades poderia facilitar, aos alunos de L2, a compreensão do comportamento dos nativos da cultura alvo. Por exemplo, nas culturas de baixo contexto, documentos e certidões são mais valorizados do que um simples aperto de mão. A pessoa de uma cultura de alto contexto teria possíveis dificuldades, como a burocracia na contratação de serviços de um modo geral. Mas, mediante um conhecimento prévio das possíveis diferenças entre culturas (materna e segunda), um aluno de L2 imerso, por exemplo, nos Estados Unidos saberia, de maneira generalizada, como lidar com alguns contextos culturais presentes na realidade americana.

Mais uma vez, fica claro que os professores de línguas e os seus aprendizes não são os únicos que se preocupam com as práticas de conscientização cultural. Os profissionais

do *marketing* global, profissionais de relações internacionais, diplomatas e outros também se preocupam.

A idéia desse trecho do trabalho não é falar do *marketing* global, mas sim de exemplificar como o assunto *cultura* não se restringe apenas à Lingüística Aplicada, mas sim à maioria das Ciências Sociais, e de como os outros campos de estudo podem contribuir na solução de hipóteses que são alvo da Lingüística Aplicada.

Pode-se e deve-se entender a expressão “a cultura está em todos os lugares” e fazer dela uma prática real e constante do cotidiano. Todavia, nem sempre as pessoas procuram entender a cultura do outro e, com isso, cometem erros que podem prejudicar o objetivo do seu contato com o povo da cultura-alvo.

Existe uma lista de erros famosos de algumas empresas que se aventuraram em mercados internacionais e erraram por não terem procurado conhecer mais profundamente a cultura-alvo (KOTLER, 2000, p. 454):

- Os cartões da Hallmark foram um fracasso na França. Os franceses não gostam de mensagens sentimentais e preferem escrever seus próprios cartões.
- A Philips só começou a obter lucros no Japão depois de reduzir o tamanho das cafeteiras elétricas, para que coubessem nas minúsculas cozinhas japonesas, assim como os dos barbeadores elétricos, para que pudessem ser segurados pelas pequenas mãos japonesas.
- A Coca-Cola teve de desistir de comercializar sua garrafa de dois litros na Espanha, depois de descobrir que poucos espanhóis possuíam geladeiras com compartimentos grandes o suficiente para ela.
- O Tang, da General Foods, demorou a ser aceito na França, porque a empresa o anunciou como um substituto para o suco de laranja no café da manhã. Os franceses bebem pouco suco de laranja e quase nunca no café da manhã.
- As Pop-Tarts, da Kellog’s, foram um fracasso na Grã-Bretanha, porque a porcentagem de lares britânicos com torradeiras era bem menor do que nos Estados Unidos e o produto era muito doce para o paladar inglês.

- O creme dental Crest, da P&G, não teve sucesso inicialmente no México quando usaram a campanha publicitária norte-americana para promovê-la. Os mexicanos não ligam muito para os benefícios da prevenção a cáries e anúncios com muitas informações científicas não têm grande apelo no país.

- A General Foods gastou milhões de dólares tentando lançar uma mistura para bolo no mercado japonês. A empresa não percebeu que apenas três por cento dos lares japoneses estavam equipados com fornos. Depois, tentou difundir a idéia de assar os bolos nas panelas próprias para preparar arroz, mas não levou em conta que os japoneses as utilizam durante todo o dia para manter o arroz quente e pronto para ser consumido.

- As ceras para assoalho, da S. C. Johnson, a princípio, não foram bem recebidas no Japão, pois deixavam o assoalho muito escorregadio e a Johnson se esqueceu de que os japoneses não usam calçados dentro de casa.

Pode-se comparar esses erros àqueles dos alunos de L2, que fazem uma escolha por um determinado país e se aventuram em cursos sem nenhum conhecimento da cultura do país da língua-alvo e, ao chegar nesse país, encontram uma certa dificuldade na assimilação da segunda cultura pelo fato de desconhecerem quase completamente a cultura em contato.

O que se precisa entender é que muitas dessas diferenças afetam o cotidiano de um aluno imerso em uma segunda cultura e elas poderiam dificultar a assimilação da cultura em contato e poderiam provocar até mesmo o choque cultural e os efeitos que provêm dele.

Por fim, pode-se dizer que existem diferenças entre as culturas. As pessoas que assimilam culturas diferentes daquelas de seus países de origem, independentemente de sua área de atuação, poderão ser beneficiadas em conhecê-las. Contudo, deve-se ter muito cuidado ao enquadrar um povo e seus costumes em uma fôrma rígida e fechada, pois hoje, em um mundo globalizado, as interações sociais entre os povos são inevitáveis e, com isso, as transformações dos costumes e cultura de um povo e nação também o são. Ademais, deve-se considerar que os indivíduos nem sempre fazem parte de todos os aspectos de uma dada cultura. Generalizações desse tipo podem gerar os estereótipos, padrões generalizados que se traça de um povo e uma cultura. Essa prática deve ser vista como uma ação

problemática, pois é muito difícil dizer que todo um povo ou cultura está disposta de uma única forma.

Na subseção seguinte, definir-se-á melhor esses estereótipos e as atitudes que provêm deles.

2.4 Atitude Cultural

Faz-se agora importante abordar o foco real de nossa pesquisa, a atitude cultural de um aluno de L2. Sabe-se da existência de diversas culturas e como elas diferem umas das outras, como foi mostrado no capítulo anterior, por meio da tabela de culturas de baixo e de alto contextos, de Edward T. Hall.¹⁰ Contudo, às vezes quando, se fala de aspectos de diferentes culturas, tem-se a tendência de criar certos estereótipos que, por vezes, são negativos e falsos.

Geralmente, são criados estereótipos quando se está em contato com uma segunda cultura. Logo, precisa-se estar ciente dos prejuízos que eles podem causar à aprendizagem dos alunos que se encontram em um outro país, estudando uma segunda língua.

Segundo Brown (1994), a formação de estereótipos acontece a partir de uma observação superficial da realidade do outro, de uma maneira simples e objetiva, por meio dos parâmetros culturais do observador. Assim, para a pessoa em contato com uma outra cultura, aquilo que está sendo observado parece falso ou estranho. Precisa-se entender que assimilar ou compreender a cultura do outro não é uma tarefa muito simples. Para Keegan e Green:

A cultura é um comportamento aprendido, passado de geração para geração e, por isso, é difícil para alguém de fora, inexperiente ou sem treino, entendê-la em profundidade. (KEEGAN; GREEN, 2002, p. 100):

Como já foi dito anteriormente, os estereótipos são, geralmente, negativos, pois, de acordo com Brown (1994), nem sempre se pode classificar todas as pessoas de um país ou

¹⁰ Year Hall, 1976 e How Cultures Collide, Psychology today, julho de 1976, p. 66-97.

de uma comunidade em um conjunto de categorias rígidas. Nem todos os americanos são ricos, materialistas e amigáveis, embora isso possa ser um estereótipo bem apropriado para a maioria dos americanos. Contudo, se for avaliado um único membro de um país por um perfil geral dessa cultura, estar-se-ia julgando, de maneira errônea e preconceituosa, esse indivíduo.

A prática de generalizar é muito constante em alunos imersos. Deve-se combater essa prática para que eles não criem sentimentos negativos que irão intensificar o choque cultural durante a sua estadia no país da cultura-alvo.

Além do estereótipo negativo, o estereótipo falso é também um aspecto negativo dos estereótipos culturais, pois, como o próprio nome diz, muitas vezes, a visão humana simplificada e reduzida sobre aspectos culturais que envolvam indivíduos de uma outra cultura é total ou parcialmente incorreta.

Para Brown (1994), os estereótipos nem sempre devem ser vistos como algo problemático, já que percepções erradas e generalizadas podem ser alteradas. Brown acredita que a visão que possivelmente esteja errada pode ser alterada na medida em que o indivíduo é exposto à realidade daquela cultura e, com isso, a sua visão prévia da cultura do outro pode ser ampliada e alterada.

Contudo, acredita-se ser muito arriscado, para o sucesso de alunos imersos, a manutenção da visão estereotipada antes de chegarem nos destinos de seus cursos. Seria recomendável combatê-la antes mesmo do contato com a cultura-alvo, por mais que alguns desses alunos possam, posteriormente, alterar essa visão distorcida. A preocupação seria com aqueles que não conseguirem alterá-la, comprometendo o sucesso de sua aprendizagem de L2.

Em relação à formação de estereótipos e de suas possíveis causas, Brown diz:

Aprendizes e professores de uma segunda língua precisam entender as diferenças entre as culturas, precisam reconhecer abertamente que nem todos no mundo são exatamente como eu, que as pessoas não são iguais de baixo de suas peles. Existem diferenças reais entre grupos e culturas e nós podemos aprender como perceber estas diferenças, apreciá-las, valorizar e

prestigiar as características pessoais de cada ser humano (Brown, 1994, p. 167, tradução nossa).¹¹

Os estereótipos podem influenciar, diretamente, na atitude dos alunos, já que elas “(...) formam uma parte da percepção deles mesmos, da percepção de outros e da cultura na qual eles estejam morando”. (BROWN, 1994, p. 168, tradução nossa).¹²

Logo, é preciso entender que segundo Brown (1994, p. 168): caso alunos de L2 imersos em uma segunda cultura venham a desenvolver estereótipos falsos e negativos em relação à cultura-alvo e ao povo dessa cultura, possivelmente esses mesmos alunos de L2 terão atitudes que, na sua grande maioria, serão negativas e, com isso, a motivação deles de adquirir a segunda língua poderá cair.

Sabe-se que atitude é um aspecto importante no desenvolvimento da cognição e afeição de um indivíduo. Quando se fala sobre atitudes, deve-se entender que existem atitudes positivas e negativas.

No “Dictionary of language teaching and applied linguistics”, de Jack C. Richards e Richard Schmidt, encontramos a seguinte definição para atitudes:

A atitude que falantes de diferentes línguas ou variedades linguais possuem em relação às línguas de cada um ou de suas próprias línguas. Demonstrações de sentimentos positivos ou falsos em relação a uma língua que podem refletir impressões de dificuldade lingüística, facilidade ou dificuldade no aprendizado, grau de importância, elegância, *status* social, etc. Atitudes em relação a uma língua podem também demonstrar o que as pessoas sentem sobre os falantes dessa língua. A atitude em relação às línguas pode ter um impacto no aprendizado de uma segunda língua, assim como de uma língua estrangeira. (RICHARDS; SCHMIDT, 2002, p. 286, tradução nossa).¹³

¹¹ “Both learners and teachers of a second language need to understand cultural differences, to recognize openly that everyone in the world is not “just like me”, that people are not all the same beneath the skin there are real differences between groups and culture. We can learn to perceive those differences, appreciate them, and above all to respect, and prize the personhood of every human being.”

¹² “The attitudes form a part of one’s perception of self, of others, and of the culture in which one is living.”

¹³ “Language attitudes – the attitudes which speakers of different languages or language varieties have towards each other’s languages or to their own language. Expressions of positive or negative feelings towards a language may reflect impressions of linguistic difficulty or simplicity, ease or difficulty of learning, degree of importance, elegance, social status, etc. Attitudes towards a language may also show what people feel about the speakers of that language. Language attitudes may have an effect on Second Language or Foreign Language learning.”

Para Brown (1994), as atitudes positivas poderão ajudar os aprendizes de uma segunda língua a obterem uma proficiência maior na língua estudada, sendo que as atitudes negativas poderão diminuir o grau de motivação dos aprendizes, levando-os à falta de *input* e interação e, como conseqüência, o fracasso na obtenção da proficiência da língua desejada.

Caso os alunos de L2 venham a desenvolver uma atitude positiva na cultura da língua-alvo, eles estarão mais motivados para adquirir a L2. Logo, precisa-se motivar os alunos de L2 em relação à cultura-alvo para que eles desenvolvam atitudes positivas.

Para Jack C. Richards e Richard Schmidt (2002, p.323, tradução nossa): “motivação é de modo geral, a força impulsionadora que em qualquer situação leva a uma ação”¹⁴ e “a motivação refere-se a uma combinação das atitudes dos aprendizes, desejos e força de vontade para aumentar os seus esforços para aprender uma segunda língua”.¹⁵

Com essa declaração, deduz-se que se precisa incentivar os alunos de L2 a desenvolverem uma atitude positiva em relação à cultura-alvo para que, motivados, tenham mais interesse pela nova cultura e, com isso, sejam promovidas interações sociais com os nativos e os alunos de uma maneira natural, obtendo mais prática na língua-alvo.

Brown adverte e expressa a sua preocupação em relação às atitudes dos aprendizes e afirma que todos possuem posturas positivas e negativas em relação aos procedimentos negativos. O autor diz que:

As atitudes negativas podem ser mudadas, freqüentemente, pela simples exposição à realidade como, por exemplo, o encontro de pessoas de outras culturas. Atitudes negativas geralmente surgem de falsos estereótipos ou de um etnocentrismo não bem formado (BROWN, 1994, p. 169, tradução nossa).¹⁶

Ao se falar de estereótipos e atitudes, uma pesquisa realizada com professores brasileiros de língua inglesa, encontrada no livro “Oficina de lingüística aplicada”, do autor

¹⁴“Motivation in general, the driving force in any situation that leads to action.”

¹⁵ “Motivation itself which refers to a combination of the learner’s attitudes, desires, and will ingress to expend effort in order to learn the second language.”

¹⁶“The negative attitudes can be changed, often by exposure to reality, for example, by encounters with persons from other cultures. Negative attitudes usually emerge either from false stereotyping or from undue ethnocentrism.”

Moita Lopes (1996, p. 51), reflete, claramente, como os estereótipos falsos e negativos podem influenciar no ensino de línguas. Embora a pesquisa tenha sido realizada sobre os moldes do ensino de LE, pode-se, mesmo assim, fazer uma comparação com o objetivo de minimizar os estereótipos em alunos de L2, imersos em uma segunda cultura. Segundo o livro, a pesquisa foi realizada por meio da aplicação e da análise de questionários respondidos por professores de inglês.

Seguem as informações para a compreensão da pesquisa: foram distribuídos 125 questionários e o retorno foi de 102. Os professores envolvidos têm a seguinte formação profissional: curso livre (23 professores), bacharelado (64 professores) e mestrado/doutorado (15 professores). Para facilitar o cálculo de porcentagem, usou-se uma amostra de 100 questionários, excluindo-se dois que pertenciam ao grupo de formação profissional com maior amostragem, ou seja, bacharelado. Portanto, os dados apresentados aqui refletem uma observação geral da atitude dos professores brasileiros de inglês. É relevante considerar que 77% dos professores têm formação, mínima, de bacharelado, tendo lecionado, em algum momento da carreira, no primeiro e/ou segundo grau. Portanto, os resultados são, sem dúvida, significativos em relação a professores com formação de bacharelado e que tenham lecionado ou lecionem em nível de primeiro ou segundo grau. (LOPES, Moita. 1996, p.51).

A seguir, segue alguns comentários pertinentes sobre algumas respostas as perguntas da pesquisa citada anteriormente. As perguntas dessa pesquisa, a representação numérica e a sua análise (LOPES, Moita. Oficina de Lingüística Aplicada. 1996, p. 52 a 57) encontra-se no Anexo L.

Cabe, agora, um breve comentário sobre as respostas apresentadas:

Na primeira pergunta, os entrevistados são questionados sobre a preocupação deles quanto ao ensino da cultura inglesa em suas aulas. A resposta obtida foi muito positiva. 73% dos entrevistados afirmaram estarem preocupados com o ensino da cultura em suas práticas de ensino.

Na pergunta número dois, sobre se o ensino da cultura é feito de maneira sistemática, novamente um alto número de entrevistados, 76%, responderam que sim. Nota-

se que os professores estão preocupados em ensinar a cultura e que ensino deve ser feito de forma sistemática, contudo, vemos a seguir como ela é ensinada.

Na resposta à pergunta número seis, faz-se relevante à escolha, nesta pesquisa, por alunos que estejam imersos nos Estados Unidos, pois a procura por esse país é ainda muito grande. Nessa pergunta é revelada a preferência pelo inglês americano (70%). Uma possível explicação para a alta procura por esse inglês ou pelo interesse por aspectos culturais dos Estados Unidos, pode ser a soberania econômica e a máquina de propaganda americana que, necessariamente, propaga, em muitos países, “the american way of life”, o modo americano de vida, por meio de suas agências de informação (USIS)¹⁷.

Muitos estereótipos são claramente observados nas respostas às perguntas das questões 8 e 9, nas quais se pode perceber uma certa valorização da cultura do outro sobre a brasileira.

Na questão nº 8, a maioria dos professores de inglês possuem a crença de que os falantes nativos da língua inglesa são formais, sérios, trabalhadores, educados e disciplinados. Essa resposta demonstra um alto nível de valorização, por parte dos professores de inglês como LE, em relação ao povo falante de língua inglesa. É pouco provável, entretanto, que, em um país como os Estados Unidos, com quase 200 milhões de habitantes, toda a sua população tenha todos esses atributos positivos assinalados pelos professores de LE.

Na questão nº 9, fica ainda mais clara a valorização dos povos de língua inglesa sobre os brasileiros, pois ao responderem a essa pergunta, os professores demonstraram a sua crença de que o povo brasileiro é desonesto, brincalhão, mal-educado, preguiçoso, romântico, informal e indisciplinado. Ao contrário, o povo de língua inglesa é visto formado por pessoas honestas, sérias, educadas, trabalhadoras, realistas, formais e disciplinadas.

Ao se falar de visões estereotipadas e de como elas afetam a atitude das pessoas, é preciso ter a preocupação de evitar a formulação de rótulos. Não se pode rotular um povo de uma nação. Entende-se que os resultados da pesquisa aqui demonstrada mostram que o

¹⁷ USIS – United States Information Service. Serviço de Informação dos Estados Unidos. O pesquisador desta obra trabalhou no serviço de informação na Embaixada Americana por 6 meses no ano de 1997.

professor de inglês engrandece a cultura dos povos falantes de língua inglesa, prática nociva e prejudicial aos alunos de L2 que, ao serem expostos à realidade, verão tal cultura de forma diferente da que foi demonstrada por seus professores.

Outro questionamento de grande importância é: na época em que a citada pesquisa foi feita, 1996, os professores de LE valorizavam a cultura dos povos falantes de língua inglesa. Hoje, continuam valorizando-a? Considerando, por exemplo, o atual envolvimento dos EUA no Iraque e em outras políticas internacionais, essa pesquisa teria os mesmos resultados? Logo, estereótipos, em sua grande maioria, devem ser vistos como problemáticos.

Notou-se que, embora os professores entrevistados acreditem que seja importante o ensino da cultura em suas aulas, esse ensino é carregado de estereótipos falsos e negativos, que poderão afetar a visão de seus aprendizes e, conseqüentemente, as suas atitudes em relação à cultura apresentada.

Observa-se, ainda, um alto preconceito do brasileiro em relação à sua própria cultura. Nas respostas números 14 e 15, os professores afirmaram acreditar que o povo brasileiro possui limitações tais como falta de autocontrole, de organização no trabalho, de seriedade e indolência, frutos de uma herança biológica miscigenada, e responsáveis pelo fato de o povo brasileiro não atingir o desenvolvimento almejado.

Ao se falar de um ensino de línguas que seja feito em parceria com a cultura do país do idioma ensinado, deve-se evitar e vigiar práticas como as exemplificadas na pesquisa acima para que não haja uma supervalorização ou diminuição dos valores dessa cultura.

Da mesma forma, quando se ensina uma segunda cultura, não é necessário que a primeira seja desvalorizada, pois, segundo Cummings (1991), os bilíngües que valorizam ambas as culturas (materna e segunda) podem desenvolver mais o seu lado cognitivo do que aqueles que só valorizam uma delas. Segundo Moita Lopes (1996), não é preciso desvalorizar uma cultura para valorizar a outra. Pode-se sim, valorizar todas as culturas com que estivermos em contato, e à medida que os alunos tiverem um domínio na sua primeira língua, esse conhecimento servirá de facilitador na busca do domínio de uma segunda língua.

Evidências empíricas que apóiam este construto, da valorização mutua de duas ou mais culturas, são encontradas em vários estudos, como é o caso da pesquisa feita por Duncan & De Ávila (1979), na qual foi descoberto que uma minoria hispânica em uma escola fundamental nos Estados Unidos, que havia desenvolvido altos níveis de proficiência na L1 e L2, possuía melhores resultados do que monolíngües e outros bilíngües sem proficiência em ambas as línguas (L1 e L2) no mesmo teste cultural e em tarefas cognitivas.

Por fim, faz-se importante entender que a formação de estereótipos deve ser combatida antes de os alunos de L2 ingressarem em seus cursos no país da língua-alvo, pois lá, será mais difícil de eles perderem visões negativas e falsas da segunda cultura, mesmo sabendo que eles podem mudar as suas visões pela simples exposição da realidade.

As vantagens que foram demonstradas por meio da pesquisa são de que os alunos que possuem uma atitude cultural positiva em relação à cultura-alvo, poderão desenvolver mais fluência na língua inglesa e mais rapidamente do que aqueles que possuem uma atitude cultural negativa em relação à segunda cultura, devido à sua motivação em aprender a cultura-alvo e, como consequência, a segunda língua.

2.4.1. Aculturação

Após ter-se explanado sobre a importância do papel da atitude cultural de alunos de L2 dá-se, agora, um enfoque na aculturação, pois muito de seu sucesso em relação a um aluno imerso de L2, depende da atitude deste.

Mas o que vem a ser aculturação? Quando os alunos se encontram imersos em um curso de imersão, eles terão de passar por um período de adaptação no país onde eles se encontram.

Alguns autores costumam chamar esse período de adaptação de aculturação. Outros preferem *assimilação*, como é sugerido pela Professora Doutora Vera Lúcia Menezes (2004)¹⁸, segundo a qual as pessoas em contato com uma segunda cultura, em um segundo país, deverão passar por alguns estágios para que possam entender os hábitos e costumes

¹⁸ Fórum de Lingüística em Brasília, 2004.

desse país, facilitando, assim, a sua interação com as pessoas dessa segunda cultura, assim como qualquer outra forma de atividade.

Para Jack C. Richards e Richard Schmidt, a aculturação é:

um processo no qual mudanças na língua, cultura e sistemas de valores de um grupo acontecem através da interação com um outro grupo de uma diferente língua, cultura e sistemas de valores. Por exemplo, em um ensino de segunda língua, aculturação poderá afetar o desempenho de um grupo (ex. um grupo de imigrantes em um país) que aprende a língua do outro (ex. grupo dominante). (RICHARDS; SCHMIDT, 2002, p. 06, tradução nossa).¹⁹

Ao se falar de alunos em cursos de imersão, deve-se entender que esses indivíduos deverão se aculturar para que possam entender a cultura do país e, como consequência, facilitar o seu processo de aquisição da língua-alvo.

Jack C. Richards e Chuck Sandy (1998, p. 94), expõem a seguinte figura, contendo os estágios da aculturação:

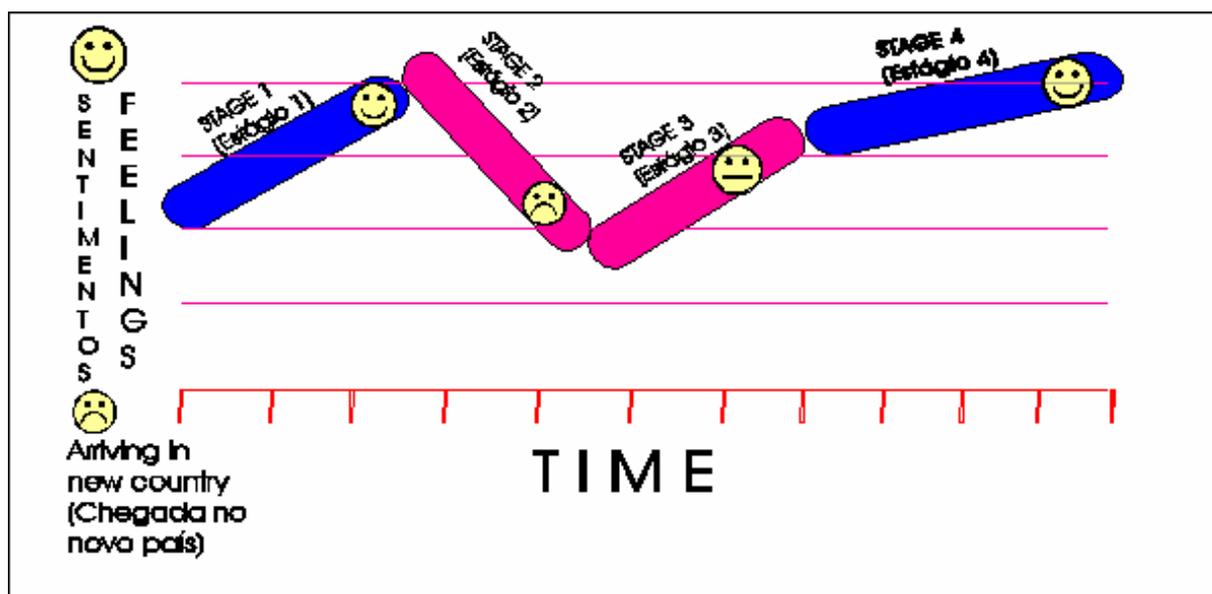


Figura Adaptada do livro didático de inglês *An upper-level multi-skills course "Passages"*

volume 1 de Jack C. Richards e Chuck Sandy (1998, p. 94)

1º ESTÁGIO: Turista, você terá uma atitude positiva. Tudo será novo e emocionante.

¹⁹ "Acculturation is a process in which changes in the language, culture, and system of values of a group happen through interaction with another group with a different language, culture, and system of values. For example, in second language learning, acculturation may affect how well one group (e.g. a group of immigrants in a country) learn the language of another (e.g. the dominant group)."

2º ESTÁGIO: O vazio, após algumas semanas, você terá uma rotina diária. A emoção inicial que você sentia já terá desaparecido. Tudo parecerá tão diferente, confuso e desestimulante.

3º ESTÁGIO: A recuperação – Ao chegar nesse estágio, você já estará morando em sua nova casa por alguns meses, logo você sentirá mais relaxado.

4º ESTÁGIO: A aceitação – Nesse ponto, você terá aceitado as diferenças culturais do novo país. Infelizmente, às vezes isso acontece quando você está quase voltando para casa. (Tradução minha)²⁰

Segundo Brown (1994), “o primeiro estágio corresponde a um período de euforia e empolgação em relação às novidades que o cercam”²¹. Quando se chega em um novo país, pode-se ficar impressionado com as diferenças nas mais diversas áreas, como arquitetura, moda, culinária, entre outros. Exemplo: um aluno imerso na cidade de Nova York poderia ficar admirado com a vida noturna, com os pontos turísticos, os centros empresariais e muitas outras atrações. Contudo, ao término de um tempo, essas “novidades” ficam cada vez menos atraentes, encaminhando os alunos ao segundo estágio da aculturação. É importante frisar que esse período de euforia varia de pessoa para pessoa. Para umas pode demorar mais e, para outras, menos.

O segundo estágio pode ser interpretado como a fase mais crítica, como é dita por muitos autores, inclusive por Brown (1994). Nela, segundo eles, são desenvolvidos sentimentos relacionados ao estranhamento da cultura em contato. Os sentimentos originados nessa fase podem ser de raiva, hostilidade, frustração, tristeza, solidão, saudades de casa e, até mesmo, de doenças físicas, como resultado de uma doença psicossomática. Para muitos autores, o segundo estágio pode ser identificado como o choque cultural. Brown (1994) afirma que esse choque é uma experiência comum em aprendizes de uma segunda língua, em uma segunda cultura e oscila entre pequena irritabilidade e profundas

²⁰ “STAGE 1: THE TOURIST STAGE – You will have a positive attitude. Everything feel new and exciting!

STAGE 2: THE EMPTINESS STAGE – After only a few weeks, you will have settled into your daily routine. The original excitement you felt will have disappeared. Everything will seem so different, confusing, and disappointing!

STAGE 3: THE RECOVERY STAGE – By this time, you will have been living in your new home for several months. You will start to feel more relaxed.

STAGE 4: The acceptance stage – At this point, you will have accepted the cultural differences of the new country. Unfortunately, this is sometimes the point when you are about to move back home!”

²¹ “The first stage is the period of excitement and euphoria over the newness of the surroundings” (Brown, 1994, p. 171).

crises de pânico psicológicos. Pode ser também materializado como o fruto de atitude negativa em relação à segunda cultura. Caso ele não seja combatido com atitudes positivas, a motivação dos alunos de L2 poderá diminuir e sentimentos negativos como depressão, irritabilidade, frustração e autoquestionamento poderão comprometer o processo de aprendizado dos alunos de L2 imersos no país da língua-alvo.

O antropologista George M. Foster (1962, p. 78) acredita que o choque cultural, em termos extremos, é “uma doença mental; a vítima geralmente desconhece que está sendo afligida, como é o caso de muitas doenças mentais, e descobre que está irritada, depressiva e provavelmente perturbada pela falta de atenção demonstrada a ela”.

Para Brown (1994) choque cultural é percebido como uma “forma de ansiedade que resulta da perda e também pode ser entendido como o período crucial do aprendizado de uma língua na qual o aprendiz irá afundar ou aprender a nadar”.

Peter Adler também acredita que o choque cultural pode ser compreendido como uma doença mental. Mais tecnicamente, ele compartilha a seguinte opinião:

Choque cultural pode ser entendido como uma forma de ansiedade que resulta da perda da percepção comum e de símbolos e sinais da interação social que faziam parte da sua compreensão. O indivíduo atravessando o choque cultural reflete a sua ansiedade e nervosismo em relação às diferenças culturais por meio de um número de mecanismo de defesa: repressão, regressão, isolamento e rejeição. Essas atitudes de defesa são demonstradas em comportamentos que ressaltam insegurança, que pode vir acompanhada de solidão, raiva, frustração e de autoquestionamento de competência. Com ausência de proposições familiares e pistas culturais, o indivíduo torna-se desorientado, amedrontado e alienado de coisas que ele costumava conhecer e entender (ADLER, 1972, p. 8, tradução nossa)²².

Precisa-se rever essa atitude de defesa dos alunos e fazer com que eles possam ser integrados a um novo contexto social. Com isso, os aprendizes logo poderão entrar no terceiro estágio da aculturação e permanecer nele o menor tempo possível, para que, então,

²² “Culture shock, then, is thought to be a form of anxiety that results from the loss of commonly perceived and understood signs and symbols of social intercourse. The individual undergoing culture shock reflects his anxiety and nervousness with cultural differences through any number of defense mechanisms: repression, regression, isolation and rejection. These defensive attitudes speak, in behavioral terms, of a basic underlying insecurity which may encompass loneliness, anger, frustration and self-questioning of competence. With the familiar props, cues, and clues of cultural understanding removed, the individual becomes disoriented, afraid of, and alienated from the things that he knows and understands.”

possam seguir para o último nível da aculturação, recuperados dos efeitos do choque cultural e prontos para desfrutar todos os benefícios do aprendizado de uma segunda língua, baseados em uma atitude cultural positiva.

Brown, sobre o assunto, manifesta-se da seguinte maneira:

Se aprendizes forem ajudados nesse processo por professores sensíveis e perceptivos, eles, os aprendizes, poderão talvez passar mais tranqüilamente do segundo estágio para o terceiro estágio do aprendizado cultural e, assim, aumentar as suas chances no sucesso da aquisição de uma segunda língua e na obtenção de uma segunda cultura (BROWN, 1994, p. 174, tradução nossa).²³

O terceiro estágio é um processo gradual e corresponde à primeira tentativa de recuperação. Essa fase é dita por Larsen & Smally (1972) como o *stress* cultural. Nela, alguns dos problemas da aculturação são resolvidos, enquanto outros persistem por mais algum tempo. De modo geral, todavia, ocorre um progresso, às vezes bem devagar, quando os indivíduos, lentamente, começam a aceitar as diferenças que os rodeiam, tornando-se mais empáticos como os outros indivíduos da segunda cultura. Esse terceiro estágio ou nível da aculturação, segundo Durkheim (1897), pode ser compreendido pelo conceito de anomia, definido como sentimentos de incerteza e insatisfação social e como um aspecto significativo da relação entre o aprendizado de uma língua e a atitude em relação a uma cultura estrangeira.

Para Brown (1994), anomia pode ser descrita como o primeiro sintoma do terceiro estágio da aculturação. Ele é entendido como um sentimento de abandono, no qual uma pessoa não se sente firme em sua cultura nativa e nem totalmente adaptada à segunda cultura. Essa fase é crucial para a aprendizagem de uma segunda língua, pois nela, o aprendiz começa a evoluir na língua-alvo.

Lambert (1976) acredita que, nessa fase, os aprendizes evoluem a tal ponto na segunda língua que eles chegam a pensar nela e por vezes até a sonhar na língua-alvo.

²³“ If learners are aided in this process by sensitive and perceptive teachers, they can perhaps more smoothly pass through the second stage and into the third stage of culture learning and thereby increase their chances for succeeding in both second language learning and second culture learning.”

Por fim, o quarto estágio representa quase ou total a recuperação na assimilação ou na adaptação da cultura e no próprio conhecimento dessa “nova pessoa” que se originou das experiências dos contatos com a segunda cultura.

Nessa última fase, o aluno terá oportunidades concretas de se tornar mais proficiente na língua e aproveitar mais a sua estadia no país estrangeiro. Para Brown (1994), todo aluno imerso em uma segunda cultura terá de passar pelos quatro estágios da aculturação. Logo, os alunos de cursos de imersão que estejam estudando em um país estrangeiro da língua e cultura-alvo não terão como “fugir” dos efeitos dessa adaptação.

Assim, o que poderia ser feito para reduzir os efeitos negativos da aculturação? Conforme Brown (1994), professores devem agir como “terapeutas” e criar situações para que as interações sociais realizadas entre os nativos e os alunos não cessem, pois nessas interações encontra-se a passagem para um “novo” mundo que pertence à segunda cultura.

Como já foi descrito anteriormente, quando pessoas imersas em uma segunda cultura começam a sofrer os efeitos do choque cultural, elas começam a se prender em um mundo cada vez menor e param de interagir com os nativos do país-alvo, desenvolvendo um certo tipo de esquizofrenia, doença mental e real, que, em casos extremos, acarreta certos problemas de fundo psicológico. Novamente, os professores precisam criar atividades que promovam acesso à cultura-alvo, e as interações sociais podem ser uma maneira eficaz para que isso seja realizado.

Uma outra forma de combater a esquizofrenia cultural é a adoção de uma atitude cultural positiva, foco de desta pesquisa. Por meio dela, a segunda língua pode ser adquirida através da troca de valores e crenças culturais e um aprendizado nesses moldes pode auxiliar os alunos na diminuição do impacto das diferenças e estranhamentos nos aprendizes imersos de uma segunda língua e, com isso, uma possível eliminação de visões estereotipadas, negativas e falsas.

Por meio de uma atitude cultural positiva os alunos de L2 podem se manter motivados para, então, adquirir a segunda cultura assim como a segunda língua.

2.5 Os Cursos de Imersão

O que se define por curso de imersão? Os cursos de imersão são programas de ensino nos quais os alunos de segunda língua são imersos, por um período de tempo determinado, em uma segunda cultura, no país de origem da língua-alvo.

ESL – De acordo com Brown (1994, p. 193, tradução nossa), “o ensino de inglês como segunda língua é o ensino de inglês dentro da cultura na qual o inglês é falado de forma nativa”.²⁴

Segundo Yorio (1976), nesse período de tempo, os alunos estudam a língua, formalmente, e participam de outras atividades para a própria aquisição da língua, como passeios a pontos turísticos, *shoppings* e outras atividades que possam despertar sua interação com os falantes da língua-alvo.

Muitas são as razões que podem servir de motivadoras para o aluno iniciar um curso de idiomas no exterior. Em um prospecto de empresa de cursos de imersão no Brasil (STB – *Student Travel Bureau*), encontram-se:

1. Aprender uma nova língua;
2. Desenvolver sua capacidade de adaptação e compreensão através da vivência com diferentes culturas;
3. Aumentar suas oportunidades de carreira, enriquecendo seu currículo com um certificado de uma escola internacional. No mercado atual, pessoas com vivência internacional têm maior vantagem competitiva;
4. Conhecer pessoas interessantes, fazer novos amigos, aumentar sua capacidade de se relacionar com pessoas;
5. Conhecer lugares com os quais só havia sonhado.

É importante ressaltar que a razão da escolha de um estudo, ou melhor, de uma pesquisa que focalizasse os cursos de imersão se deu pela sua enorme procura entre os alunos. Atualmente, são muitas as empresas que promovem esse tipo de programas de

²⁴ “Learning ESL – English within a culture where English is spoken natively”.

ESL Courses = English as Second Language (Cursos de inglês como segunda lingual), esses cursos serão tratados como cursos de L2.

estudo. Todos os semestres, vários alunos são “recrutados” por essas empresas para estudar no exterior, em algum curso de L2 (ESL).

Segundo uma reportagem realizada pelo Jornal Folha de São Paulo, na edição de domingo, dia 5 de dezembro de 2004, caderno Folha Cotidiano, a jornalista Alessandra Balles relata, em sua reportagem, os seguintes dados:

No ano de 2003, 34 mil alunos se inscreveram em algum curso no exterior e neste ano esse número aumentou para 42 mil alunos inscritos e a tendência é de um aumento, para o ano de 2005, cujo levantamento é da “Brazilian Educational & Language Travel Association” (Belta, associação que reúne 90% das instituições brasileiras da área). Os países de língua inglesa mais procurados são o Canadá, que detém 25% da procura, seguido pelos Estados Unidos, com 22%; Reino Unido, com 21%; Austrália, com 12%; e Nova Zelândia, com 9%.

Convém lembrar que esse movimento de procura por cursos no exterior ficou muito popular a partir de 1997, embora já existisse há anos e, nessa época, os Estados Unidos e a Inglaterra dominavam o mercado com uma procura de 47% cada um.

Hoje em dia, essa procura já é dividida com os outros países de língua inglesa, como foi demonstrado nos dados anteriormente. O governo do Canadá afirma que, no ano de 2004, foram emitidos 5.047 vistos de longa duração para estudantes brasileiros.

Deve-se destacar que a língua de interesse neste trabalho é o inglês. Sendo assim, faz-se necessário escolher um país e, como consequência, sua cultura. Assim, os Estados Unidos foi o país escolhido, por ser frequentemente procurado e pela facilidade de encontrar os sujeitos da presente pesquisa (alunos que retornaram de qualquer curso de imersão nos Estados Unidos, com permanência mínima de três a quatro meses).

Cabe, agora, uma breve explicação sobre algumas variedades de cursos de imersão.

Intercâmbio Cultural – *High School*

É uma das modalidades de curso de imersão na qual alunos entre 15 e 18 anos podem estudar de seis a doze meses em uma escola nos EUA. Na grande maioria dos casos, os alunos ficam em casas de famílias americanas (*host family*) e possuem uma vida “normal”, como se fizessem parte daquelas famílias. O início desses cursos é em janeiro ou

em agosto/setembro. Outro dado importante é que a procura maior, por parte dos alunos brasileiros, é daqueles com idade média de 17 anos, que cursam o *Sênior Year* nos EUA e que, geralmente, já terminaram o ensino médio no Brasil. (Fonte: Folder – Central de Intercâmbio – CI).

Cursos de Idiomas no exterior

Esses cursos são para alunos com idade superior a 15 anos, sem limite máximo de idade. Os cursos de idiomas no exterior são, geralmente, ministrados em faculdades (no caso, norte-americanas) e seus cursos seguem os moldes de ESL (*English as a Second Language*), que têm como objetivo preparar os alunos para o exame do TOEFL (*Test of English as Foreign Language*), para que, então, os alunos possam ingressar em um curso de graduação ou pós-graduação em uma Universidade nos Estados Unidos.

Os cursos são de 15 a 30 horas semanais, variando de acordo com a escola e com o tipo de curso. Quanto à acomodação, os alunos podem se hospedar em casas de família, residências estudantis ou no próprio *campus* universitário. (Fonte: Folder – Central de Intercâmbio – CI).

É importante frisar que essa será a modalidade de estudo analisada nessa pesquisa. Todos os 10 participantes realizaram o ESL ou curso de L2.

Os programas de trabalho têm sido uma opção para muitos alunos que já estudaram inglês no Brasil, mas gostariam de ter uma experiência no exterior e uma oportunidade de adquirir fluência na língua no país de origem, no caso, os Estados Unidos. Os programas mais populares são o *Au Pair* – USA e o *Work Travel* – USA.

No *Au Pair* – USA, segundo o folder da Ayusa:

Você mora e trabalha com uma família americana cuidando de crianças, ao mesmo tempo em que estuda inglês ou faz algum outro curso de seu interesse. Você receberá salário de US\$ 556,00 mais US\$ 500,00 de ajuda educacional por ano, seguro saúde, assistência durante o programa, três dias de orientação em Nova Iorque, documento para o visto, passagem aérea internacional de ida e volta. Requisitos: - idade de 18 a 26 anos; - duração de 12 meses; - ensino médio completo; - experiência com crianças; - bom nível de inglês.

Diz ainda o referido folder:

No *Work Travel – USA*, você trabalha em Estações de Esqui, *Resorts*, Hotéis, Restaurantes, etc. Ao fazer a sua inscrição, você tem acesso a todas as informações referentes a cada oferta de emprego e você faz a sua opção. Você receberá salário em torno de US\$ 6,00 a US\$ 10,00 a hora, seguro saúde, assistência durante o programa e documento para o visto. Requisitos: - ser estudante universitário; - idade 18 a 28 anos; - duração de 3 ou 4 meses; - período entre novembro e abril; - partidas: novembro, dezembro e janeiro; - exige-se bom nível de inglês (de preferência nível intermediário).

Um fator que foi de grande importância e que também serviu de meio avaliador na pesquisa foi a acomodação. O local onde os alunos ficam pode influenciar, de maneira positiva ou negativa, no curso de imersão.

Como já foi dito, uma das opções de acomodação é a casa de família (*home stay*), que representa a opção mais procurada por quem faz um curso no exterior.

As casas de família podem proporcionar, ao estudante de L2, (segunda língua) uma oportunidade de estar em contato com a cultura, modo de vida, assim como com a língua-alvo.

Algumas características sobre esse tipo de moradia, retirados do folder da STB – *Student Travel Bureau*, são:

- “Todas as famílias são relacionadas e monitoradas com rigor pelas escolas;
- Na maioria das vezes, é a opção mais econômica;
- Em alguns casos, haverá outros estudantes internacionais na mesma casa;
- Normalmente localizadas em bairros residenciais, as casas ficam a aproximadamente quarenta minutos de distância da escola, sendo que você precisará usar o transporte público da cidade, já que a família não tem a obrigação de providenciar o transporte aos alunos.
- Você terá a total liberdade para ir e vir, mas é importante seguir as regras de convívio da casa, principalmente em relação aos horários das refeições. O café da

manhã e o jantar, aliás, são as melhores oportunidades para colocar o inglês em prática.”

Como foi dito no prospecto, existem muitas vantagens nessa modalidade de acomodação que poderão beneficiar os alunos de inglês como segunda língua. A grande vantagem se resume na prática do idioma com a família e o contato direto com a cultura-alvo, diariamente.

Embora essas duas vantagens sejam muito atraentes, muitas pessoas demonstram um certo receio quanto às casas de famílias, devido às experiências negativas atribuídas à má escolha, por parte das agências de intercâmbio, das famílias que, em alguns casos, resultaram no abandono de alunos que estudaram no exterior.

Outra modalidade de acomodação são os dormitórios ou os *dorms*, como são conhecidos nos Estados Unidos. Destinam-se a estudantes dentro do *campus* universitário. Neles, os alunos poderão ter a oportunidade de viver como estudantes locais americanos.

Os quartos são, geralmente, compartilhados com alunos que podem ser nativos ou estrangeiros. Geralmente, são compartimentos simples. Normalmente, os banheiros são coletivos e as refeições são feitas na cafeteria do *campus*.

Ao se falar sobre as vantagens e desvantagens dos *dorms*, tem-se a informação de que: a vantagem sobre os *dorms* é que ele pode ser interpretado como um local ideal para conhecer outros alunos internacionais, assim como os alunos americanos. A distância é pequena entre o dormitório e as salas de aulas, podendo o aluno ir e vir à pé e usufruir de toda a infra-estrutura da universidade como biblioteca, academia, cafeteria, etc. Dentre as possíveis desvantagens, o estudante não terá a oportunidade de conhecer o estilo de vida de uma família do país; o aluno terá de seguir as regras do *campus*, que incluem desde não fumar e beber, bem como os horários de chegada aos seus aposentos; e talvez a principal desvantagem, é que irá conviver com estudantes internacionais e assim terá menos oportunidade de conviver com as pessoas do país”. (informação verbal)²⁵

²⁵ Dados fornecidos por Andréa Turnês, gerente da STB/Brasília

Fica claro, por meio dos comentários feitos anteriormente, que alunos nessa modalidade de acomodação terão acesso limitado à cultura-alvo se comparado àqueles que residem em casa de famílias americanas.

Uma possível solução intermediária talvez sejam as residências estudantis. Nesse tipo de acomodação, o estudante mora em uma casa grande ou em um prédio, que geralmente é administrado por uma ou mais pessoas, um *manager* ou um síndico. A grande maioria das residências é mista, ou seja, aceita homens e mulheres. E os estudantes convivem e compartilham as mesmas dependências nas áreas comuns. Outro detalhe é que as residências podem ficar próximas, ou não, da escola onde serão ministradas as aulas.

Essas residências têm um estilo comparado às repúblicas estudantis brasileiras. Sendo assim, nelas, a independência é maior e acabam se tornando um lugar ideal para fazer amigos e ser integrado na cultura-alvo.

Na visão dos alunos de LE, os cursos de imersão no exterior são uma grande oportunidade para se atingir uma maior proficiência na língua, já que no Brasil os cursos de idiomas dividem as cargas horárias das aulas em 2, 3, 4 e até 5 vezes por semana, com duração de uma a duas horas por dia.

Morando e estudando nos EUA, ou em qualquer outro país de língua inglesa, o aluno terá, em geral, de 15 a 30 horas semanais de estudos formais (em sala de aula). Durante o resto do dia, poderá interagir com os falantes nativos da língua-alvo.

Fica nítida a diferença de horas de estudo que o aluno terá com a língua-alvo (no caso, a língua inglesa). No Brasil, se ele estudar de maneira intensiva, ao término de cada semana, o aluno terá estudado 10 horas. Já nos EUA, em qualquer curso de L2, serão 25 horas semanais, mais a prática da língua durante o dia por mais ou menos 8 horas. Ao término de cada semana, o aluno somará 65 horas.

Pode-se entender, agora, a crença que vem sendo compartilhada por várias pessoas de que se os alunos não estudarem no exterior eles não poderão adquirir, com fluência, uma segunda língua. Contudo, essa crença não pode ser interpretada totalmente como verdadeira. O que deve ser entendido é que as horas de estudo e as vantagens de um curso no exterior são maiores do que os cursos de LE. Mas alunos de LE também podem adquirir proficiência em uma outra língua, estudando no seu próprio país de origem.

Explica-se, assim, os motivos da grande procura por cursos no exterior. Todavia, ao se estudar a língua de um país, não se pode esquecer a sua cultura e todos os fatores sócio-culturais que podem influenciar no aprendizado de uma L2. Devido a esses fatores, alunos de uma segunda língua em países estrangeiros poderão encontrar facilidades ou dificuldades no processo de aprendizagem. Ademais, por melhores que esses cursos de línguas no exterior possam ser, ao se entrar em contato com a segunda cultura, alguns alunos acabam desistindo ou não atingem as suas expectativas e acabam retornando aos seus países de origem antes do tempo e da data previstos.

Por isso, no presente trabalho foi proposto um estudo que pudesse ajudar os alunos de L2 na aquisição de uma segunda língua e acredita-se que a resposta para muitas de suas dificuldades poderia ser sanada mediante a apresentação de uma atitude cultural positiva, que deveria ser vivenciada durante os seus cursos de imersão.

CAPÍTULO 3 DEPOIMENTOS DE LÍDERES DE INTERCÂMBIO CULTURAL

Nesta parte da pesquisa, foi realizado um questionário para que se pudesse obter algumas respostas sobre a importância deste trabalho e de como ele poderá servir de ajuda, no futuro, para as empresas que trabalham com o intercâmbio cultural, com os cursos de imersão e também para os alunos de L2.

Logo, fez-se a escolha por líderes responsáveis por importantes empresas da área de intercâmbio cultural. Foram entrevistados a gerente de uma empresa de intercâmbio e o presidente do grupo de intercâmbistas, ambos de Brasília, com muitos anos de experiência no que diz respeito a cursos de idiomas no exterior, solícitos e interessados nesta pesquisa. Acredita-se que suas opiniões sejam de grande contribuição para este trabalho e, principalmente, para os alunos de L2 imersos no exterior.

Observa-se, no Anexo A, a amostra do Questionário com os Líderes de Intercâmbio Cultural e a lista das perguntas e suas respostas. Posteriormente, no Anexo B, tem-se as Transcrições das Entrevistas com os citados Líderes de Intercâmbio Cultural.

3.1 Comentário das Respostas do Questionário com os Líderes de Intercâmbio Cultural

Nesta parte do trabalho foram comentadas as respostas dadas pelos entrevistados; Elas revelam a importância deste trabalho, que é demonstrar como a atitude cultural pode influenciar na aquisição de uma segunda língua. Espera-se que essa pesquisa possa ser útil àqueles que gerenciam programas de cursos de imersão e também para os próprios alunos

de L2 que participam desses programas, de ESL,²⁶ em cursos de idiomas no exterior. Mostra-se, a seguir, os comentários:

3.1.1 Primeiro entrevistado– Presidente do grupo de Intercâmbistas:

O entrevistado disse que trabalha como fotógrafo, mas que, além dessa profissão, ele é professor de inglês para um curso de conversação.

Com relação ao seu envolvimento em alguma atividade que exigia contato com alunos que estudaram no exterior ou estrangeiros que estudavam no Brasil, ele comentou que, foi intercambista por um ano nos Estados Unidos, no estado de Óregon. Ao voltar para o Brasil, filiou-se a uma associação de ex-intercambistas, da qual, atualmente, ele é presidente. Engajado na temática de ensino (tanto de LE como L2), sabe das eventuais necessidades e dificuldades dos alunos ao estudarem no exterior.

Explicou que o grupo é um meio para pessoas manterem contato com outras culturas. Mesmo tendo voltado do seu curso no exterior, os membros dessa associação desenvolvem atividades com os alunos estrangeiros e, com isso, praticam a língua e auxiliam os alunos estrangeiros que estão estudando aqui no Brasil. O entrevistado faz parte desse programa desde que voltou dos Estados Unidos em 2000.

Na entrevista, ele afirma que a interação com pessoas estrangeiras é fundamental para a criação de diferentes perspectivas, fala sobre os arquétipos e estereótipos que são criados pela mídia sobre a realidade de outras culturas, e como as pessoas se deixam levar por esses conceitos, que podem ser desfeitos, entretanto, quando existe um contato direto com essas culturas.

O entrevistado afirma, também, que o mercado de estudo no exterior aumentou muito nos últimos anos, assim como os diferentes tipos de cursos no exterior. Existem várias opções de locais para as pessoas que tenham o desejo de estudar no exterior. Outra informação importante é que, antigamente, os cursos trabalhavam muito com o intercâmbio do ensino médio para jovens. Hoje, pessoas de qualquer idade podem fazer não apenas um curso de línguas no exterior, como qualquer outro tipo de curso.

Perguntou-se o que leva uma pessoa a fazer um curso de imersão e a resposta foi a possibilidade que ela terá de aprender a língua de maneira marcante, fruto de sua experiência no local de origem da língua, de forma natural, menos formal e menos estrutural. O entrevistado também fez a seguinte analogia: o curso de idiomas pode ser comparado a uma mão, a língua é somente um dedo e a cultura pode ser um outro dedo dentre os outros.

O entrevistado também acredita que é preciso fazer mais pesquisas na área de cursos no exterior, devido à demanda. Existem muitos alunos, todos os anos, procurando fazer um curso de L2. Assim, esse tipo

²⁶ ESL – English as Second Language – Inglês como segunda língua.

de pesquisa, que acrescenta um entendimento maior para os futuros alunos imersos, ajudá-los-á a terem um rendimento melhor em seus cursos.

Ao falar dos benefícios de alunos bem aculturados, ou melhor, que assimilaram a cultura-alvo, o entrevistado falou sobre intercambistas da Alemanha que moraram em sua casa, que, hoje, trabalham na Câmara de Comércio Brasil–Alemanha. Esses ex-intercambistas adquiriram tão bem a cultura brasileira que se tornaram essenciais a executivos alemães no momento de estes negociarem com seus clientes brasileiros. Ademais, o domínio da língua desses ex-alunos é tão alto que eles servem como tradutores e intérpretes nas negociações.

O entrevistado fala como os alunos de cursos de imersão podem assimilar a cultura-alvo. Ele diz que “a cultura não vai te absorver sem que você a absorva”. Logo, é preciso integrar a cultura aos estudos. Ele sugere que as pessoas investiguem as manifestações culturais do local como, cinema, música, teatro, etc., assim como o que se passa no cenário político e econômico do país. Afirma que os alunos não precisam ser especialistas nessas questões, mas é importante que eles tenham mais do que uma noção turística do seu local de estudo. Fazendo isso, o aluno imerso no exterior poderá entender os contextos de muitas coisas daquele povo, região e cultura.

Ele acredita que o componente cultural deveria ser implementado nas aulas e nos materiais didáticos e sugere que se poderia desenvolver instrumentos que ensinariam, aos alunos, o idioma com o adicional componente cultura, por exemplo. Ele diz que poderiam ser criados cursos de computador, monitorados por professores tutores, durante os quais os estudantes poderiam fazer um passeio virtual. Por exemplo, um estudante (ou uma turma de estudantes) de francês poderia passear, virtualmente, no Louvre e, a partir daí, conversaria sobre o que foi observado, como os aspectos culturais daquela cultura-alvo. Em outro exemplo, os alunos de uma segunda língua poderiam andar pelas ruas de Londres e comprar uma cerveja em um *pub*, entre muitas outras atividades que envolvessem o aspecto cultural do local.

Ao falar sobre o ensino intercultural, ele disse que trabalhou em uma empresa de intercâmbios culturais, que tinha, em sua proposta de ensino, uma educação intercultural. Logo, ele está familiarizado com esse termo e compartilha da crença que o ensino de uma língua também deve ser baseado em uma experiência de troca cultural.

O entrevistado diz que, com o avanço da tecnologia, o mundo se tornou mais global e o ensino teve de se adaptar a essa nova era, mais evoluída. Os cursos precisam promover situações que possam gerar o intercâmbio de informações para que, então, possa existir essa troca cultural entre povos.

3.1.2 Segunda entrevistada– Gerente da empresa de intercâmbio cultural em Brasília.

Mostra-se, agora, os comentários da entrevistada, que já trabalhou em Florianópolis, em uma outra empresa de intercâmbio cultural. Hoje, é a gerente de uma outra empresa, agora em Brasília.

A entrevistada trabalha na empresa na qual ela se refere há dois anos e foi proprietária de uma franquía de intercâmbio em Santa Catarina, por cerca de sete anos.

Ela disse que gosta muito de interagir com os estrangeiros, pois acredita que, a interação com pessoas de outros países é uma experiência muito enriquecedora, pois termina-se captando um pouco da cultura em contato.

Sobre o aumento do mercado de estudo no exterior, ela concordou, principalmente pela necessidade da língua inglesa. Acrescentou que os Estados Unidos não é mais o único país a ser procurado pelos alunos de cursos de imersão. Outros países também estão no roteiro, como a Espanha, a Itália, entre outros.

A entrevistada disse que as pessoas procuram os cursos de imersão por vários motivos: para ajudar na promoção de suas carreiras; conhecer outras culturas ou fazer um intercâmbio. A entrevistada disse também que tem aumentado muito a procura pelos cursos de imersão, e os perfis das pessoas são os mais diversos possíveis, inclusive as pessoas da terceira idade também são público-alvo para esse tipo de curso.

Ao se falar das pessoas que foram beneficiadas na aquisição da língua porque assimilaram a cultura-alvo, a entrevistada disse que, quando as pessoas conseguem vencer os obstáculos do período que eles ficaram no exterior, elas voltam mais fortalecidas para casa. Já aquelas pessoas que não conseguem superar as dificuldades e diferenças, geralmente desistem no meio do curso no exterior. A entrevistada citou a experiência positiva de uma pessoa que fez um intercâmbio cultural de trabalho na Mercedes Benz e, quando voltou ao Brasil, foi contratado pela mesma empresa. Hoje, trabalha em São Paulo como um dos seus gerentes.

Sobre a aquisição da língua-alvo, ela disse que acredita ser mais fácil aprender a língua onde ela é falada e se a pessoa assimilar a cultura, o aprendizado da língua se torna ainda mais fácil.

Sobre o que os alunos podem fazer para assimilar a cultura-alvo, ela disse que eles devem estar receptivos a novos conceitos, deixar as suas visões preestabelecidas de lado e observar os hábitos e costumes, ou seja, observar a realidade dos outros com outros olhos. Por isso, ela sugere que as pessoas morem em casas de famílias, para poderem observar melhor a realidade do outro lado, assim como participar dos passeios,

mesmo que pareçam bem diferentes. Ela acredita que a pessoa imersa tem de viver como os nativos e estar disposta a ter novos pontos de vista. Com isso, poderá assimilar melhor a cultura-alvo.

A entrevistada acrescentou que o componente cultural não é bem explorado no Brasil e que tal componente deveria ser inserido em nossas práticas de aulas. Assim, afirmou, os alunos estariam mais receptivos ao diferente. A entrevistada disse ainda que, se as pessoas forem mais compreensivas em relação às novas culturas e suas diferenças, talvez ter-se-ia menos confusões, guerras e conflitos no mundo.

3.2 Conclusão dos Comentários

Por fim, acredita-se ser importante ressaltar que, de modo geral, o mercado de estudo no exterior tem crescido, pois além do que foi dito pelos entrevistados, e com base nas estatísticas apresentadas no sexto item, do capítulo dois, deste trabalho, percebeu-se que isso já é um fato comprovado.

Em relação ao foco desta pesquisa, sobre a influência de uma atitude cultural na aquisição de línguas, ambos os entrevistados acreditam que ela tem um grande impacto na aprendizagem dos alunos imersos em cursos de L2.

Percebeu-se também que, embora o grupo de intercâmbistas desenvolva atividades culturais que envolvem alunos estrangeiros imersos no Brasil com ex-alunos de diversas partes do mundo, nota-se que ainda é pouca a preparação, nesse sentido, por parte das empresas, no auxílio da assimilação de uma nova cultura para alunos que irão iniciar um curso de imersão no exterior. Apesar dessa constatação, a grande maioria dos profissionais das empresas de intercâmbio acreditam que a cultura e uma atitude cultural positiva são necessárias para que seja alcançado o sucesso desejado nos cursos de imersão. Entretanto, não existem muitos cursos ou instruções formais nesse sentido. A própria entrevistada, deixou uma sugestão de aulas e materiais didáticos, relacionando cultura com o aprendizado formal. Os dois entrevistados também reafirmam que a interação cultural como, por exemplo, morar com nativos, fazer passeios com eles, ver televisão e música locais, entre outras atividades, pode assegurar um melhor rendimento na aquisição da língua por ser um estudo imperceptível pelos alunos imersos.

Logo, fez-se necessário, neste trabalho, averiguar a influência da atitude cultural em cursos de L2 e, assim, poder sugerir um melhor treinamento para esse tipo específico de alunos, assim como para as empresas que lidam diretamente com eles.

CAPÍTULO 4 EXPERIMENTO

4.1 Metodologia da Pesquisa

Esta pesquisa consistiu em um experimento que foi executado por meio de uma abordagem de caráter quali-quantitativo (qualitativo e quantitativo) de cunho etnográfico. As ferramentas usadas na investigação desta pesquisa, com o objetivo de coletar dados, foram entrevistas por meio de questionários com perguntas fechadas e abertas e testes de inglês para avaliar o nível de conhecimento da língua-alvo de cada sujeito participante.

As respostas aos questionários foram de grande importância, pois permitiram medir o nível de atitude cultural de cada sujeito participante da pesquisa. Já com os testes de inglês, mediu-se o nível de conhecimento da língua inglesa de cada participante antes de eles iniciarem os seus cursos de L2 nos Estados Unidos. Posteriormente, ao regressarem dos seus cursos no país da língua-alvo, novamente lhes foram aplicados outro teste de inglês e questionário de atitude cultural, para que fossem avaliados o grau de progresso de cada participante após o curso de L2.

A pesquisa tinha como meta averiguar se a atitude cultural de um aluno imerso influencia na aquisição de uma L2, facilitando e acelerando o seu aprendizado caso ela seja positiva, ou dificultando e até mesmo prejudicando o seu aprendizado, caso ela seja negativa.

Com relação aos participantes da pesquisa, os catorze são adultos, ficaram o mesmo período estudando (3 a 4 meses imersos na cultura e língua-alvo) e possuem níveis semelhantes de conhecimento na língua-alvo, no caso a língua inglesa.

O estudo teve início no dia 15 de maio e terminou no dia 20 de agosto. Foram feitos dois encontros, de uma hora cada um, nos quais, 30 minutos eram destinados à realização das entrevistas por meio dos questionários de atitude cultural, e 30 minutos para as provas de inglês. Havia, ainda, 20 minutos adicionais destinados a quaisquer esclarecimentos e explicações pertinentes à pesquisa. Além das entrevistas, houve encontros do pesquisador com os participantes, no intuito de esclarecer qualquer dúvida sobre a correção dos questionários e provas.

A seguir estão dispostas as etapas do trabalho dessa pesquisa.

4.1.1 Primeira Etapa

Foram elaborados dois questionários de atitude cultural. O primeiro, realizado na primeira fase, foi um pouco mais abrangente. Tratou de vários aspectos, como o do próprio *background* do aluno. Observava-se sua motivação pessoal, comprometimento, possíveis problemas que seriam encontrados durante o curso de L2, fator cultural e o nível de atitude cultural do participante, sempre focalizando a atitude cultural pré-curso, ou seja, antes do contato com a cultura-alvo.

Após a entrevista da primeira fase de atitude cultural, cada participante da pesquisa realizou um teste de inglês antes de iniciar o seu curso, para se poder avaliar o seu nível de progresso durante o seu curso de L2. Com a prova de inglês e o questionário de atitude cultural da primeira fase foi possível verificar até que ponto o aluno de L2 desenvolveria a língua-alvo caso possuísse uma atitude cultural positiva.

4.1.2 Segunda Etapa

Na segunda fase, prosseguiu-se com o mesmo sistema de avaliação da primeira fase: um questionário de atitude cultural e um teste de inglês. No entanto, o questionário

dessa fase tratou da postura do aluno em relação à cultura-alvo após o seu contato com ela. Com este questionário, foi possível avaliar como foi o seu processo de aculturação, até que ponto o estudante imerso adaptou-se à cultura-alvo e interagiu com os nativos. Então, com os resultados do questionário da segunda fase, juntamente com os resultados das provas da primeira fase, foram feitos comentários sobre a importância da atitude cultural na aquisição de uma segunda língua de indivíduos imersos em curso de L2 no exterior.

4.2 Cenário da Pesquisa

O local de escolha para o desenvolvimento da pesquisa foi os Estados Unidos, ou seja, mais precisamente qualquer curso de ESL (*English as second language*) dentro do território americano. A razão para a escolha desse cenário em especial deveu-se à sua grande procura por parte de indivíduos desejosos de iniciar um curso de L2, já que pesquisas revelam que os Estados Unidos é um local bastante procurado por tais estudantes do Brasil.

Durante a coleta de dados (questionários e provas de inglês) da segunda fase, o local dos encontros acabou variando, pois foi necessário deslocar ao local que era mais conveniente para os sujeitos da pesquisa: alguns demonstraram interesse em realizar as provas e entrevistas em suas casas, outros, em seus trabalhos e, por fim, alguns, no local de trabalho deste autor.

4.3 Participantes

Foram selecionadas quatorze pessoas que estavam matriculadas em algum curso de imersão no país citado anteriormente. Contudo, no decorrer de seus cursos de L2, alguns deles desistiram, o que limitou o número dos sujeitos participantes desta pesquisa para dez pessoas. É importante dizer que algumas dessas pessoas foram para estados diferentes

dentro do mesmo país de escolha. No entanto, oito delas estudaram no mesmo lugar (escola e cidade): na Brigham Young University (BYU), Provo – Utah.

Como já foi explicado, a metodologia da pesquisa consistiu de duas fases: o pré-curso e o pós-curso no exterior. Em ambas, foram feitas entrevistas gravadas em áudio, com cada participante desta pesquisa. Após as entrevistas, uma prova de proficiência de inglês, retirada dos *sample tests* do livro Michigan proficiency tests, de George P. Mc Callum (1995), foi aplicada, para medir o conhecimento da língua-alvo, antes e após o curso no exterior.

Em relação aos métodos de avaliação dos questionários de atitude cultural, segue, agora, o padrão que foi utilizado para a sua avaliação. Ao se mesurar as respostas obtidas nos questionários, tentou-se classificá-las em três níveis: ótimo, regular ou fraco. Após a classificação, cada resposta recebeu uma nota de 2 a 10 pontos, conforme o grau de atitude verificado em cada resposta sendo: ótimo = 10 pontos; razoável = 5 pontos e fraco = 2 pontos.

A tabela foi disposta da seguinte maneira:

- Ótimo: encontrou-se respostas com pouca ou praticamente sem visões estereotipadas, negativas ou falsas. O aluno possui atitudes culturais positivas.
- Razoável: encontrou-se respostas nas quais o participante não pareceu muito ansioso, ou seja, a sua atitude cultural não era tão positiva. Tem fracas visões estereotipadas.
- Fraco: encontrou-se, nas respostas, fortes sentimentos negativos sobre o povo e a cultura dos Estados Unidos. O participante possui visões bem estereotipadas.

É importante frisar que essa enumeração foi escolhida com o propósito de auxiliar na confecção dos gráficos, facilitando a visualização dos resultados para os observadores deste trabalho.

Novamente sobre a mensuração dos dados, embora se tivesse as transcrições gravadas em fitas cassete, não foi possível gravar expressões faciais, gestos, entonação da voz, entusiasmo ou medo de cada participante. Durante algumas entrevistas, eles deram respostas semelhantes, mas houve diferença na nota devido às diferenças da linguagem corporal, entre outros sinais dos participantes, que foram observados pelo entrevistador.

Nos anexos C, D, E e F, encontram-se o modelo de questionário de atitude cultural da primeira fase, a transcrição do questionário de atitude cultural da primeira fase, a análise do questionário de atitude cultural da primeira fase e a prova de inglês da primeira fase, respectivamente. Nos anexos G, H, I e J, encontram-se o modelo de questionário de atitude cultural da segunda fase, a transcrição do questionário de atitude cultural da segunda fase, a análise do questionário de atitude cultural da segunda fase e a prova de inglês da segunda fase, respectivamente.

Após a coleta de dados, foram feitos gráficos que demonstram a influência da atitude cultural dos alunos na aquisição da língua e foram traçados alguns comentários sobre essa temática.

Os sujeitos participantes desta pesquisa eram aprendizes de LE, que decidiram estudar em um curso de L2 no exterior (cursos de ESL). Logo, tornaram-se aprendizes de L2 ao iniciarem os seus cursos de imersão. Todos os participantes da pesquisa se encontravam relativamente no mesmo nível de proficiência lingüística, no nível básico. Embora alguns houvessem estudado um pouco mais, seus níveis de conhecimentos não eram muito superiores aos dos outros participantes.

Em relação às características dos sujeitos participantes, o número de mulheres e homens era a mesma:

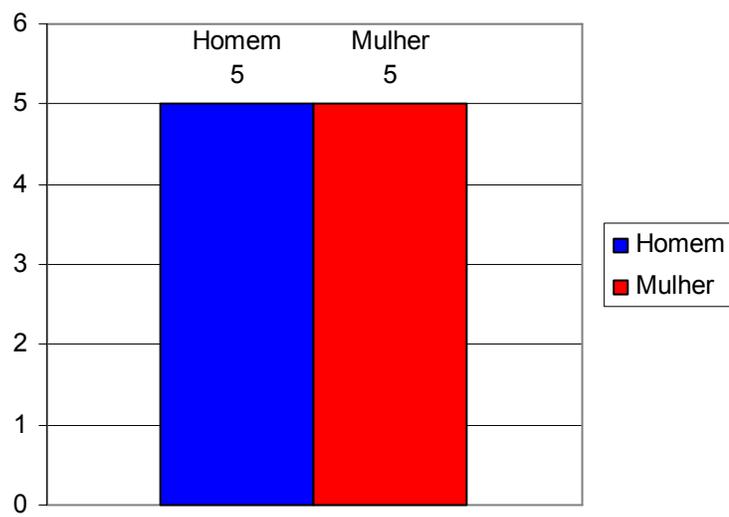


Tabela Sexos dos Participantes

Todos os participantes eram adultos e se encontravam na faixa etária dos 21 aos 40 anos:

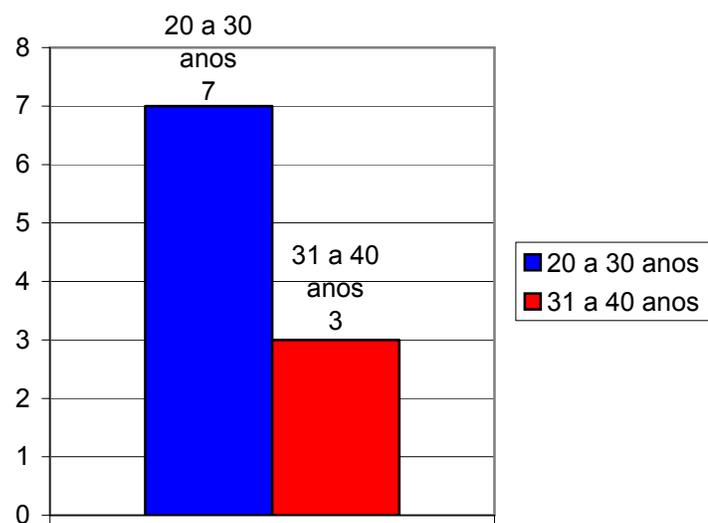


Tabela Faixa Etária dos Participantes

Como foi exposto anteriormente, um dado importante sobre os participantes foi o nível de conhecimento lingüístico da língua inglesa: 70% dos candidatos tinham um nível básico e 30% se encontravam no nível intermediário-iniciante:

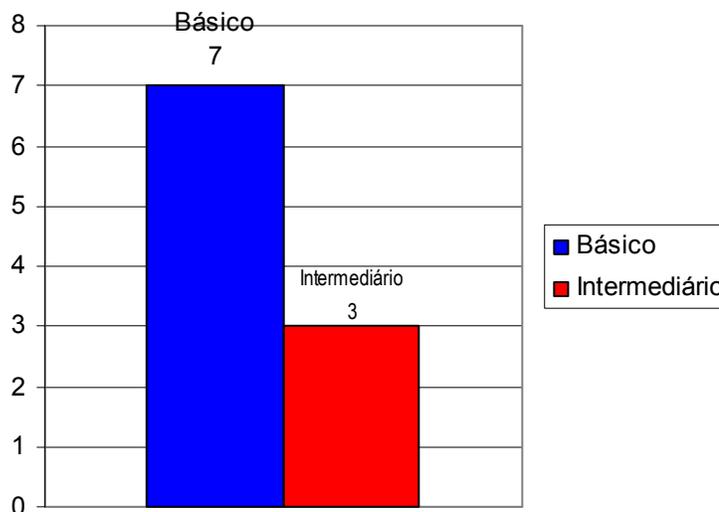


Tabela Nível de Conhecimento Lingüístico

Em relação ao nível acadêmico de cada participante, somente 30% deles possuíam o nível superior completo, 60%, nível superior incompleto e 10% haviam completado apenas o nível médio.



Tabela Nível de Escolaridade

Outro dado relevante é que somente 20% dos sujeitos participantes desta pesquisa já haviam visitado os Estados Unidos:

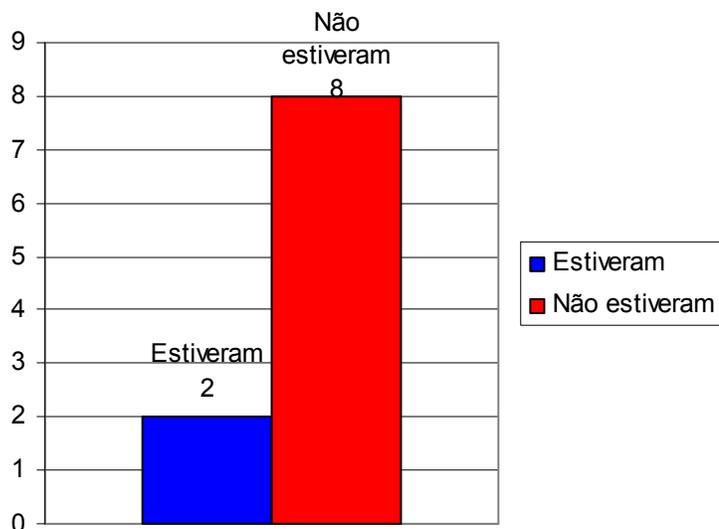


Tabela de Visita aos Estados Unidos

4.4 O Professor-pesquisador

A formação do professor-pesquisador consiste em: licenciatura plena em Letras Português/Inglês pelo Centro universitário UNICEUB. Em relação à experiência profissional, o professor tem trabalhado como professor da língua inglesa por dez anos. Ao longo desses anos, foi coordenador pedagógico de uma rede de franquias de cursos livres de línguas e, posteriormente, abriu o seu próprio curso de idiomas no qual teve a chance de trabalhar como professor, coordenador e diretor por quase oito anos.

4.5 Equipamento

O equipamento utilizado no decorrer do experimento foi um gravador, usado para registrar as respostas das entrevistas aos questionários dos sujeitos participantes. Com isso, pôde-se transcrever e analisar as repostas gravadas.

4.6 Objetivo Geral

Averiguar se alunos que possuem uma atitude cultural positiva em relação à cultura-alvo, enquanto imersos nos Estados Unidos em qualquer curso de L2, com mesma carga horária e duração de curso, podem desenvolver um nível maior de proficiência lingüística do que alunos que possuem uma atitude negativa, calcada em visões estereotipadas sobre o povo e cultura em contato.

4.6.1 Objetivos Específicos

- Constatar que a cultura e a língua não podem ser separadas, porque uma influencia a aquisição da outra e vice-versa.

- Verificar que o aluno de L2 bem aculturado, por meio de uma atitude cultural positiva, pode atingir uma proficiência lingüística maior na língua do que aqueles menos aculturados e com atitudes culturais negativas, baseadas em visões estereotipadas sobre o povo e a cultura-alvo.

CAPÍTULO 5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados referentes às duas etapas da pesquisa, mencionadas no capítulo anterior, foi realizada logo após o término das avaliações (questionários e provas) cumpridas pelos participantes. Foram necessários cerca de três meses para avaliar e finalizar, adequadamente, as informações. Após a sua conclusão, e depois de terem sido feitos comentários pertinentes, os dados foram tabulados e, finalmente, compilados em gráficos circulares numéricos. As informações obtidas foram organizadas com auxílio de uma calculadora e do programa *Excel* da Microsoft, que também auxiliou na confecção dos gráficos, que foram convertidos para figura *bitmap*, pelo programa *Paint*, também da Microsoft.

5.1 Coleta e Disposição da Análise dos Dados

Para a disposição da análise dos dados é necessário esclarecer que os dados colhidos consistem de duas naturezas distintas: as notas das respostas dos questionários de atitude cultural e as das provas de inglês, da primeira e segunda fases.

A coleta dos dados para a análise avaliativa deste trabalho teve início durante a aplicação das entrevistas, por meio dos questionários de atitude cultural, e da prova de inglês, ambos da primeira fase, antes da ida dos alunos para o curso de imersão. E finalizou-se a coleta dos dados, segunda fase, com a aplicação das entrevistas também por meio de novos questionário de atitude cultural e prova de inglês, quando da volta dos mesmos participantes.

É importante destacar que, durante a avaliação, muitos dos participantes tiveram respostas semelhantes, mas a nota se diferenciou devido às expressão facial, postura e entonação de voz de cada participante. É importante também declarar que os nomes dos sujeitos participantes são fictícios, para que as suas identidades possam permanecer anônimas.

As respostas aos questionários de atitude cultural da primeira e segunda fases foram coletados da seguinte maneira:

Primeiro, houve a transcrição das respostas. Posteriormente, elas foram analisadas e comentadas e, por último, foram avaliadas, recebendo uma representação numérica (nota).

Em relação às provas de inglês da primeira e segunda fases, a avaliação numérica se deu por meio de um gabarito.

Com as avaliações das informações, tanto dos questionários quanto das provas de inglês, pôde-se confeccionar os gráficos, de modelo circular numérico para, assim, ter-se uma visualização otimizada dos resultados e, conseqüentemente, de como a atitude cultural influencia no processo de aprendizagem de uma L2.

Ressaltando o que foi dito no capítulo do experimento, foram analisados os conjuntos iniciais (avaliações feitas antes do curso de imersão) e finais (avaliações feitas após o curso de imersão), ou seja, foram comparados os gráficos do questionário de atitude cultural da primeira fase com o da segunda fase. O mesmo ocorreu com as provas de inglês, sendo comparadas a primeira prova com a segunda. Por último, foram feitos comentários finais para cada gráfico de cada participante.

Ao término desse capítulo, foi realizada uma breve conclusão e um gráfico geral que demonstra a relação direta da atitude cultural na aquisição de uma segunda língua.

Em anexo a este trabalho, estão dispostas as amostras do processo avaliativo, que apresentam exemplos de como foi feita a análise dos comentários dos questionários da primeira fase e, posteriormente, os da segunda fase (Anexos E e I, respectivamente). Encontram-se, também, os modelos das provas de inglês (Anexos F e J) e os questionários de atitude cultural (Anexos C e G), ambos da primeira e segunda fases, respectivamente.

5.2 Tabela

A seguir, pode-se visualizar, por meio da tabela que contém a disposição do processo avaliativo, as notas referentes à primeira e segunda provas de inglês e os dois questionários de atitude cultura de antes e depois do curso de imersão no exterior.

Entrevistados	Primeira Prova (30 Questões)		Segunda Prova (30 Questões)		Primeiro Questionário de Atitude Cultural (32 Perguntas)		Segundo Questionário de Atitude Cultural (18 Perguntas)	
	Nota	%	Nota	%	Nota	%	Nota	%
Anderson	12/30	40	28/30	93	243/320	76	160/180	89
Débora	9/30	30	14/30	47	214/320	68	51/180	28
Denise	13/30	43	19/30	63	230/320	72	93/180	52
Diego	15/30	50	29/30	97	271/320	85	157/180	87
Elisa	10/30	33	24/30	80	282/320	88	132/180	73
Gabriel	12/30	40	27/30	90	274/320	86	155/180	86
Júnior	14/30	47	28/30	93	221/320	69	162/180	90
Marcelo	14/30	47	27/30	90	258/320	79	152/180	84
Pedro	12/30	40	19/30	63	224/320	70	77/180	43
Rafaela	9/30	30	19/30	63	239/320	75	98/180	54

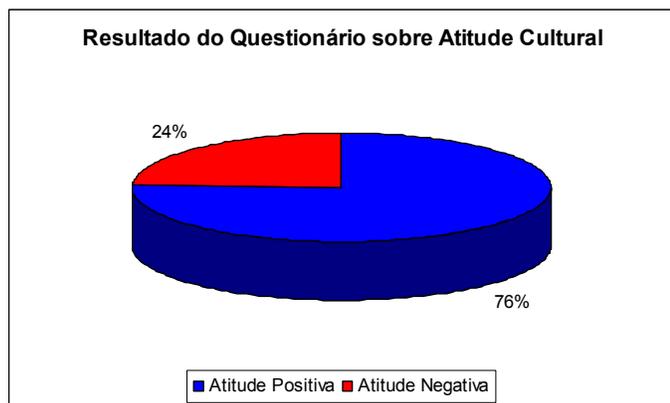
Tabela do Processo Avaliativo

5.3 Gráficos

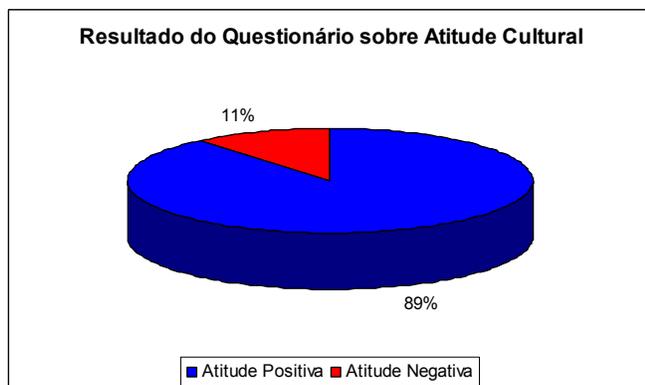
Por fim visualiza-se, agora, os gráficos comparativos, nos quais todas as porcentagens de notas são representadas, ou seja, os resultados da primeira e segunda fases, tanto das notas finais das respostas aos questionários de atitude cultural, quanto as das provas de inglês. Por último, os comentários e considerações finais que justificam esses resultados de cada sujeito participante.

Entrevistado: Anderson

Primeira Fase: Pré-Curso no Exterior



Segunda Fase: Pós-Curso no Exterior



Comentário final: O entrevistado Anderson foi um dos participantes que conseguiu aumentar, consideravelmente, o seu nível de atitude cultural e, como provável consequência, o seu nível de conhecimento na língua-alvo.

Em sua primeira entrevista sobre atitude cultural, o entrevistado obteve um nível de positividade de 76% e, na entrevista da segunda fase, seu nível aumentou para 89%, o que pode ter repercutido em um aumento do conhecimento lingüístico da língua-alvo, de 40% de acertos na prova de inglês da primeira fase para 93% de acertos na segunda fase, como pretende-se averiguar nesta pesquisa.

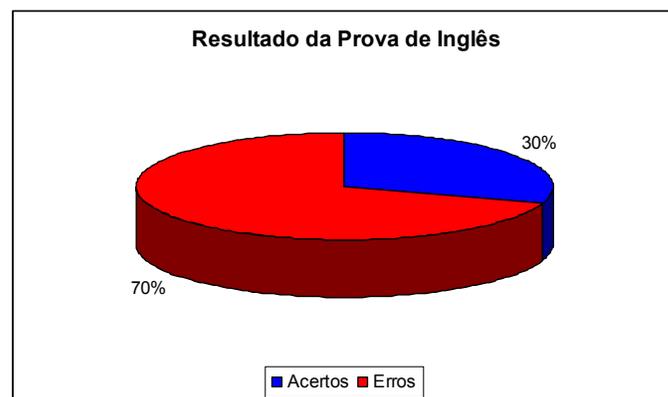
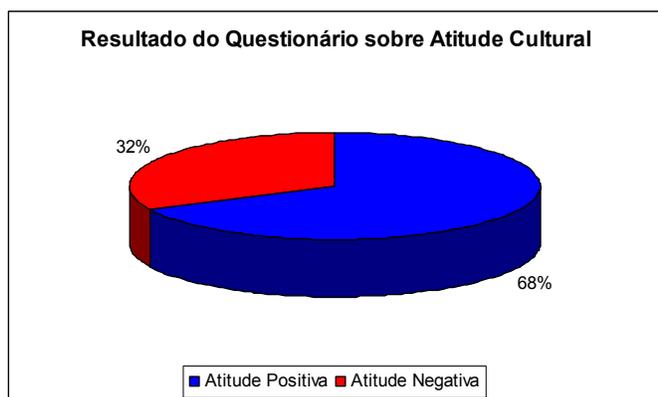
O entrevistado, em sua primeira entrevista, comentou algo importante sobre os Estados Unidos, país escolhido para fazer o curso de imersão. Ele o havia escolhido pela facilidade e vantagem de preços. Ao se considerar o resultado do seu segundo questionário de atitude cultural, verifica-se que tal opinião mudou.

O entrevistado relata que, durante a sua estadia nos Estados Unidos, pôde modificar a sua visão em relação ao povo e à cultura. Em várias respostas, demonstra que assimilou a cultura-alvo pela interação social com os nativos. Numa experiência marcante, ele diz que pôde ver como o povo americano é diferente daquilo que imaginava ser. Enquanto imerso nos Estados Unidos, o entrevistado manteve uma troca cultural. Nela, pôde aprender a cultura-alvo e compartilhar a sua cultura materna.

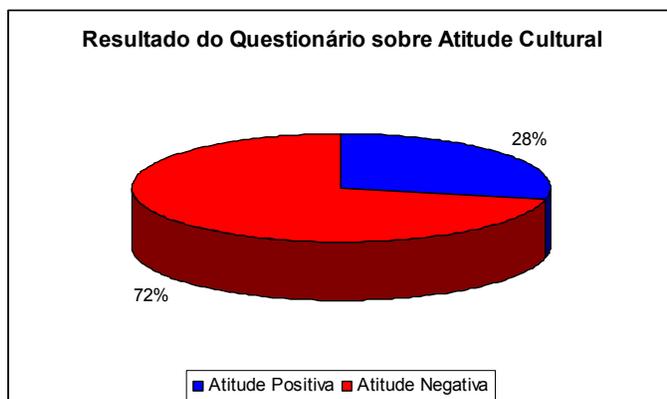
Por meio da pesquisa com o entrevistado Anderson pode-se sugerir a importância de uma atitude cultural positiva em alunos imersos em um curso de L2 e da sua possível ligação, quase que direta, na aquisição de uma língua-alvo. Observa-se que o participante pôde desenvolver uma atitude cultural positiva que, além de o possibilitar, de acessar um novo conhecimento cultural de um país sobre uma perspectiva diferente, também facilitou consideravelmente a sua aquisição da língua inglesa.

Entrevistado: Débora

Primeira Fase: Pré-Curso no Exterior



Segunda Fase: Pós-Curso no Exterior



Comentários: Por meio dos gráficos representados acima, observa-se que, no início, a entrevistada Débora possuía uma atitude cultural razoavelmente positiva. Contudo, com o contato diário com a cultura americana, ela acabou desenvolvendo uma atitude cultural negativa que, possivelmente, repercutiu em resultado tímido em sua prova de inglês na segunda fase.

Avaliando-se alguns fatores que contribuíram para que a entrevistada desenvolvesse essa atitude cultural negativa, mesmo antes de iniciar o seu curso no exterior, tem-se: a entrevistada temia a forma como poderia ser tratada nos Estados Unidos e uma possível discriminação. Embora tivesse relatado experiências positivas com o povo da cultura-alvo, Débora declarou conhecer pessoas que haviam sido discriminadas.

Outro fator negativo do nível da atitude cultural da entrevistada é que a mesma é licenciada em inglês e também trabalhava em uma rede de franquias de escolas do mesmo idioma. Mesmo com todos esses motivadores, ela não foi um dos participantes mais receptivos em aprender a cultura-alvo.

Nos Estados Unidos, a entrevistada residiu com a irmã, brasileira, o que pode ter contribuído para a falta da prática da língua-alvo, de interação social com os nativos participantes da cultura-alvo e, conseqüentemente, uma distância da cultura americana, dificultando, assim, o seu acesso à mesma.

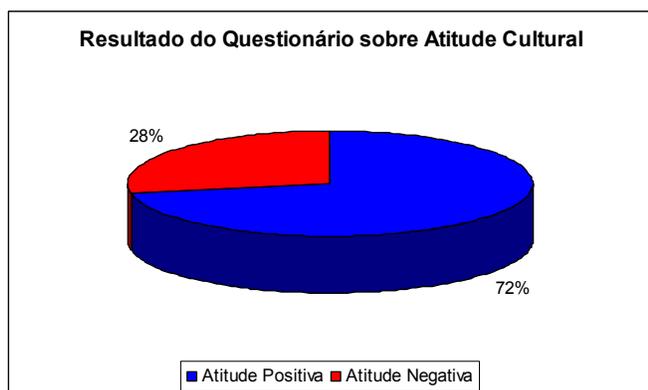
Outro fator negativo declarado pela entrevistada foi que, durante a sua experiência profissional sentiu-se discriminada. Nesse instante ela, provavelmente, ressaltou alguns efeitos do choque cultural e seu desinteresse sobre a cultura-alvo.

Em sua segunda entrevista, Débora declara que não tinha muito interesse em aprender a cultura-alvo e que o intuito da sua ida aos Estados Unidos era estudar a língua-alvo. Ela não considerava que o conhecimento da cultura americana poderia influenciar em seus estudos.

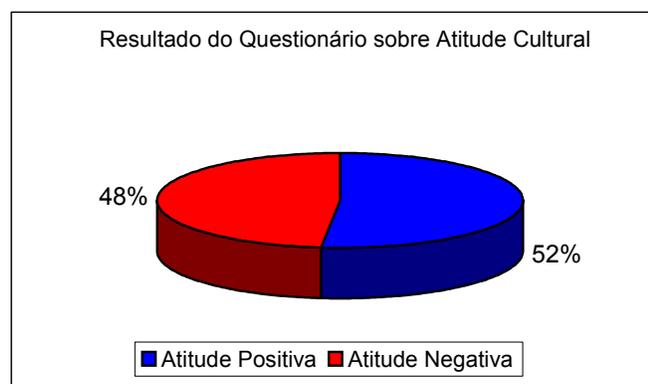
Aqui, conclui-se que a entrevistada não teve uma atitude cultural tão positiva e não teve um desejo muito forte de assimilar a segunda cultura. Com isso, ela ficou mais vulnerável a sofrer alguns dos efeitos do choque cultural, desenvolvendo uma visão estereotipada negativa e falsa sobre o povo e a cultura-alvo, o que, provavelmente, repercutiu em um resultado muito tímido ou muito aquém dos outros sujeitos participantes dessa pesquisa.

Entrevistado: Denise

Primeira Fase: Pré-Curso no Exterior



Segunda Fase: Pós-Curso no Exterior



Comentário final: Sobre os resultados da entrevistada Denise, pode-se observar que ela tinha uma atitude cultural relativamente positiva, pois em seu questionário de atitude cultural, ela obteve o resultado de 72% na primeira fase e, na prova de inglês, na primeira fase, 43%. Já na segunda fase, ela diminuiu o seu nível de positividade em sua atitude cultural e, como possível consequência, o seu desempenho na prova de inglês não foi tão expressivo. Entretanto, ela atingiu 63% de acerto, o que pode ser considerado um desempenho razoável.

Alguns motivos levaram a entrevistada a diminuir o seu nível de positividade em sua atitude cultural: em vários momentos, na entrevista da segunda fase, Denise disse que era muito observadora e, por isso, não interagiu o suficiente. Outro aspecto importante foi ela ter morado na casa de um americano que falava

português e tinha muito interesse pela cultura brasileira. Com isso, ao invés da entrevistada praticar a língua inglesa e assimilar a cultura-alvo, ela praticava a língua materna e transmitia a sua cultura. Outro aspecto, era que o amigo que a hospedou viajava muito, o que realmente dificultou o acesso de Denise à cultura-alvo por meio dele, devido à sua constante ausência.

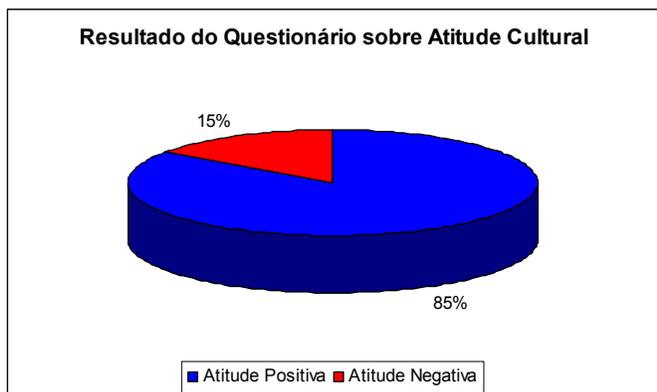
Com o acesso limitado à cultura-alvo e a utilização de muita observação, ao invés da interação social, a entrevistada declara que sentia falta de alguns aspectos de sua cultura materna. Isso possibilitou que aumentassem os efeitos do choque cultural, desenvolvendo na entrevistada, algumas apreensões e visões estereotipadas sobre o povo e a cultura americanos.

A entrevistada poderia ter aprendido mais da língua americana, caso tivesse assimilado em maior grau a cultura-alvo e interagido mais com os nativos.

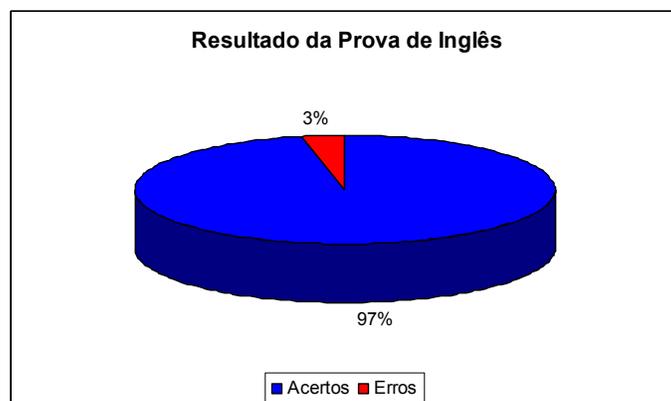
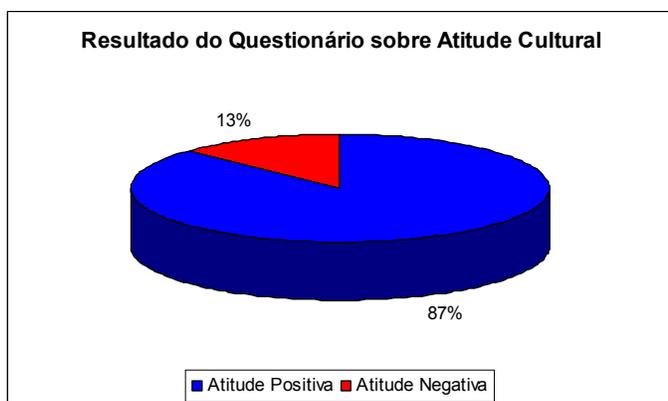
Faz-se necessária, portanto, a sugestão de se encontrar acomodações propícias para os alunos de imersão, nas quais eles tenham condições reais e concretas para assimilar a cultura-alvo. Essa foi a grande dificuldade da entrevistada Denise, conforme declarado por ela em sua entrevista da segunda fase. Logo, é possível que ela poderia ter obtido melhores resultados na aquisição da língua americana, caso ela tivesse sido mais exposta à cultura-alvo.

Entrevistado: Diego

Primeira Fase: Pré-Curso no Exterior



Segunda Fase: Pós-Curso no Exterior



Comentário final: Nos gráficos demonstrados, observa-se que o entrevistado, Diego, possuía uma atitude cultural muito positiva mesmo antes de iniciar o seu curso de L2 no exterior. Depois, com o contato e a exposição à cultura-alvo, ele pouco aumentou seu nível de atitude cultural, passando de 85% para 87%. O que é importante salientar é que, após o seu contato com o povo e a cultura-alvo, ele não diminuiu o seu nível de atitude cultural positiva. Ao contrário, aumentou-a.

Os resultados das provas de inglês só reafirmaram a influência da atitude cultural, pois por meio de uma atitude positiva, o entrevistado conseguiu uma evolução nos resultados da prova de inglês, passando de 50% de acertos na primeira fase para 97% de acertos, na segunda.

O sucesso do participante Diego em seu curso de L2 nos Estados Unidos pode ser atribuído a alguns fatores que o levaram a desenvolver uma atitude cultural positiva, por sua vez, um possível motivador para que ele pudesse adquirir maior fluência na língua-alvo.

O participante foi bem influenciado por sua mãe, que também fez um curso de imersão nos Estados Unidos e teve uma grande participação na decisão do seu filho em iniciar o curso de L2 também naquele país.

Na entrevista realizada com Diego, ele também se demonstrou sempre muito positivo em relação à língua e à cultura-alvo, mesmo antes de iniciar o seu curso no exterior. Ele disse que estudava inglês sozinho e era um aluno aplicado na escola, pois, como já foi dito, ele não freqüentava nenhum curso livre de inglês.

Diego é músico e gosta muito da música americana, especialmente o Jazz, ou seja, a música foi um dos meios ao acesso cultural, como o próprio entrevistado declarou nas entrevistas.

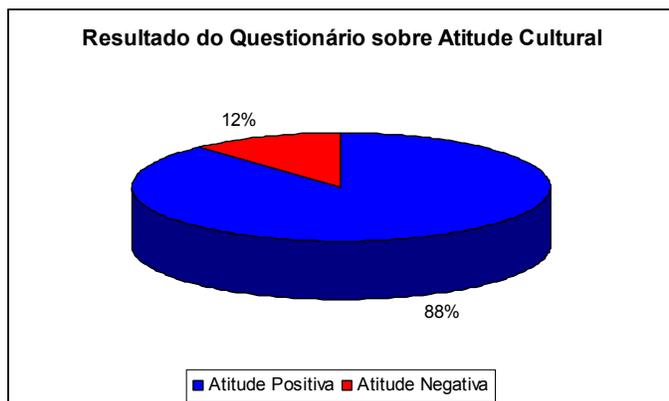
Durante o seu curso no exterior, ele sempre se demonstrou muito curioso em relação à cultura-alvo e sempre tentava interagir com os nativos. Com isso, novamente foi exposto à cultura-alvo. É importante frisar que o entrevistado não demonstrou muitos sinais dos efeitos do choque cultural.

Ele morou com uma família americana, o que o expunha à cultura-alvo diariamente, sendo-lhe possível praticar, com eles, a língua-alvo e aprender mais sobre a cultura do país-alvo. Embora o entrevistado tenha sido munido de experiências positivas durante o seu curso de L2 nos Estados Unidos, ele cita uma experiência não tão positiva, ocorrida em uma situação isolada. Contudo, graças a uma atitude cultural positiva, o entrevistado não deixou que essa experiência pudesse afetá-lo e, com isso, ele não diminuiu a sua positividade em relação ao povo e cultura-alvo.

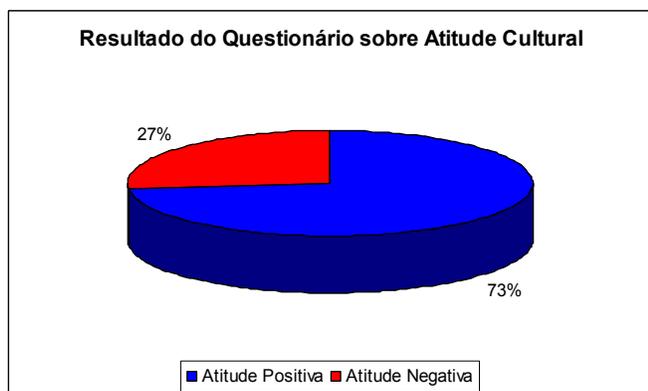
Os resultados obtidos com o entrevistado Diego revelam que a sua atitude cultural positiva em relação à cultura-alvo foi um dos fatores de importância na aquisição da língua inglesa e contribuiu para que ele obtivesse o sucesso desejado em seu curso de segunda língua, pois, por meio dela, ele procurou assimilar a cultura americana e, para isso, ele interagiu com os nativos. Através da sua admiração pela música, o entrevistado ao ler, ouvir e, como foi dito, pela interação com os nativos, teve muitas horas de estudo informal na língua -alvo.

Entrevistado: Elisa

Primeira Fase: Pré-Curso no Exterior



Segunda Fase: Pós-Curso no Exterior



Comentário: A entrevistada Elisa possuía uma atitude cultural bem positiva na primeira fase. Contudo, na segunda fase, o nível de positividade dessa atitude baixou de 88% para 73%. Sobre sua prova de inglês, mesmo com uma queda de positividade, ela pôde alcançar um bom resultado. Na primeira prova, ela atingiu o resultado de 33% e, na segunda, 80%, ou seja, um crescimento de 47%.

Faz-se importante frisar que mesmo com a queda de positividade na atitude cultural, a entrevistada ainda conseguiu manter um bom nível dessa atitude. Como possível consequência obteve um bom resultado na prova de inglês na segunda fase.

Um dos fatores que deve ter contribuído para que a entrevistada não conseguisse alcançar mais produtividade em seu curso de L2, foi o fato de ela ter realizado o curso de imersão junto com a irmã, Rafaela, que também participou desta pesquisa, comprometendo o progresso da aprendizagem de Elisa, conforme declarado pela própria entrevistada. Sua irmã era menos interessada em aprender a cultura-alvo e não tinha o desejo de interagir com os nativos. Assim, Elisa não tinha tantas chances de praticar a língua-alvo, pois a sua irmã gostava de ficar em casa e, quando ficavam a sós, falavam em português, sua língua materna.

Contudo, mesmo com todas essas dificuldades, Elisa manteve uma atitude cultural positiva e, por meio dela, como é proposto nesta pesquisa, acredita-se que ela pôde adquirir, razoavelmente, a segunda língua e atingir um bom resultado na prova de proficiência da segunda fase.

Com a entrevistada Elisa, aprende-se que novamente a moradia pode ser um ponto determinante para o sucesso ou fracasso do curso de L2 no exterior. Mesmo com um local apropriado, pois a entrevistada estava hospedada com nativos, ela tinha a companhia da sua irmã, o que não foi nada positivo, pois a irmã insistia em falar a sua língua primeira com ela.

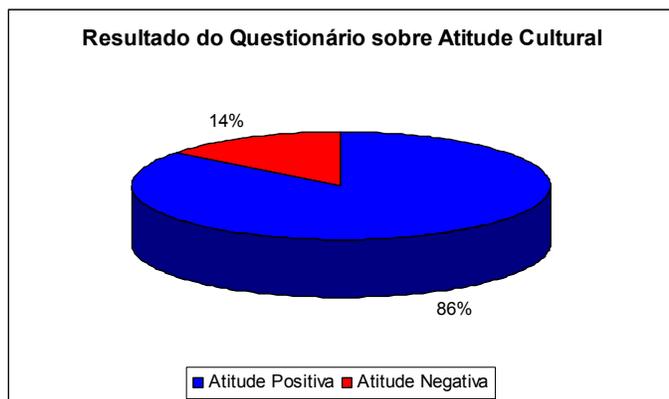
Sugere-se que, caso irmãos ou familiares façam um curso de L2 no exterior, façam-no separadamente. Essa experiência mostrou ser um fator negativo, no aprendizado de uma segunda língua nessa modalidade de ensino, cursos no exterior acompanhado de familiares ou amigos de mesma língua materna.

Em suma, mesmo com algumas dificuldades e com o declínio da positividade da atitude cultural da entrevistada atribuída à influência negativa de sua irmã, ela teve um aumento considerável no seu conhecimento lingüístico da língua inglesa e demonstrou-se muito satisfeita com o seu resultado obtido.

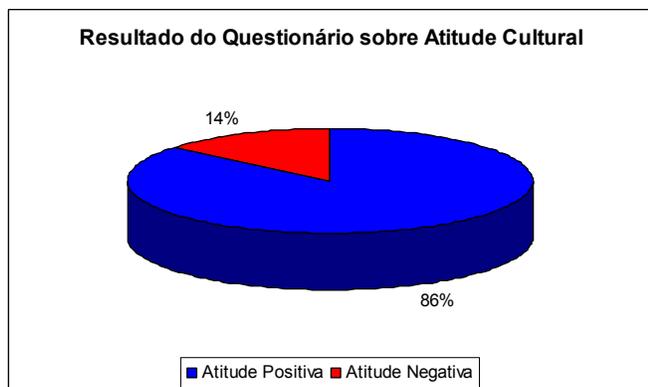
A entrevistada recomenda o curso de imersão para todas as pessoas interessadas e ressalta a importância da atitude cultural na aquisição de uma segunda língua. Declara também que poderia ter tido um maior aprendizado se tivesse uma atitude mais positiva em relação ao envolvimento com a cultura americana. Mesmo assim, pelos resultados demonstrados, acredita-se que ele obteve sucesso no curso de imersão.

Entrevistado: Gabriel

Primeira Fase: Pré-Curso no Exterior



Segunda Fase: Pós-Curso no Exterior



Comentário final: O entrevistado Gabriel foi capaz de manter o mesmo nível de atitude cultural nas duas fases desta pesquisa. Ele manteve o nível de 86% de positividade nas duas fases, o que foi algo louvável, pois alguns participantes, ao serem expostos à realidade da cultura-alvo, diminuíram o seu nível de positividade consideravelmente. No resultado da prova de inglês, ele passou de 40% na primeira fase para 90% de acertos na segunda; quase 50% a mais de conhecimento adquirido na língua-alvo, o que é considerado um grande avanço.

Talvez fique, mais uma vez, evidente a possibilidade de se sugerir que a atitude cultural positiva pode influenciar na aquisição de uma segunda língua. O resultado do entrevistado Gabriel, assim como de outros, contribui para essa constatação: ao se ter uma atitude cultural positiva, tem-se mais horas de estudo informal.

Com isso, é possível adquirir, com mais proficiência, a segunda língua. Ao contrário, ou seja, adotar uma atitude cultural negativa, com menos interesse sobre a cultura-alvo, significa menos horas de estudo informal e aprendizado da língua reduzido.

O sucesso que o participante Gabriel obteve pode ser atribuído a alguns fatores que devem ser considerados. Desde a primeira entrevista o participante já havia demonstrado uma atitude bem positiva em relação à cultura-alvo. Durante o curso de L2, Gabriel conseguiu manter o mesmo nível de positividade do que antes de iniciá-lo, sempre demonstrando um alto nível de comprometimento no aprendizado da língua e um forte desejo de assimilar a cultura-alvo. Ao contrário de suas irmãs, Elisa e Rafaela, ele ficou hospedado em um local independente e sem o convívio com elas ou com qualquer outro falante da língua portuguesa.

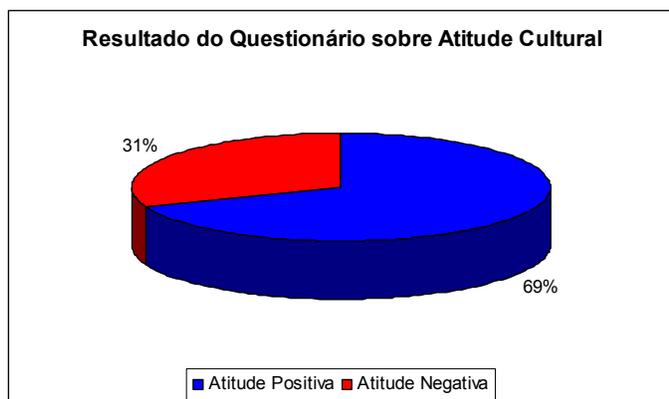
Interessante que o entrevistado teve muito pouco contato com as suas irmãs, o que demonstra ainda mais o seu desejo de se inserir na cultura-alvo.

Durante o seu curso de L2, Gabriel falava dos amigos que fez e dos estereótipos que pôde eliminar pelo fato de entender mais a cultura americana. Fala também da sua admiração pela segunda cultura e de como ficou impressionado pelo patriotismo americano e a experiência de ter participado da comemoração do dia de independência americana, “o quatro de julho”.

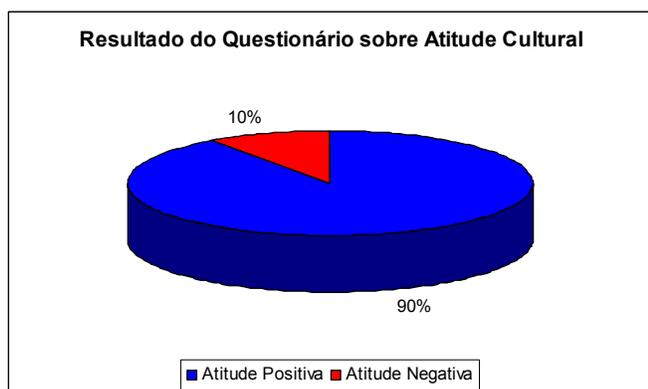
Como foi dito, pode-se perceber, mais uma vez, pela análise dos resultados obtidos do entrevistado em questão, como a atitude cultural, sendo positiva, pode influenciar na aquisição de uma segunda língua, facilitando e acelerando o aprendizado da língua-alvo.

Entrevistado: Júnior

Primeira Fase: Pré-Curso no Exterior



Segunda Fase: Pós-Curso no Exterior



Comentário final: Uma das grandes vantagens do Júnior sobre os outros entrevistados foi a sua experiência prévia no Japão como estudante de L2. Mediante essa experiência, o entrevistado pôde eliminar muitas das dificuldades que o aluno de imersão geralmente possui pelo simples fato de ele já ter morado no exterior. Ainda sobre a sua experiência no Japão, o entrevistado disse que aprendeu a amar muito a cultura japonesa, fazer muitos amigos e, com isso, assimilar bem a língua japonesa. Nota-se que ele já havia passado pelo processo de aculturação e sua experiência do passado pôde ajudá-lo em um novo processo, agora em uma outra cultura.

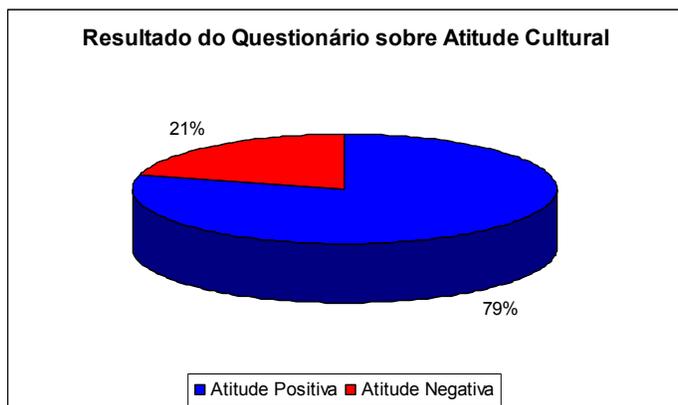
Contudo, ao falar sobre o seu interesse em estudar a língua inglesa nos Estados Unidos, o entrevistado citava seus anseios profissionais e como essa experiência poderia ajudá-lo a atingi-los. No entanto, ele não tinha tanta admiração ou preocupação em assimilar a cultura-alvo. Em sua primeira entrevista sobre atitude cultural, o resultado foi razoavelmente baixo em relação aos outros participantes. Todavia, ao iniciar o contato com a cultura-alvo e o povo americano, a sua atitude foi se modificando e ele começou a ter mais curiosidade sobre esses aspectos. A partir dali, aflorou o desejo de assimilar a cultura americana.

O aluno assimilou bem a cultura-alvo e criou uma certa admiração pelo povo americano. Fez amizades e, assim, pôde interagir bastante com os nativos. É possível que esses sentimentos positivos e a interação social com os nativos, além de outros fatores, tenham feito com que o entrevistado Júnior adquirisse a língua-alvo de maneira eficaz. Pode-se observar a evolução do seu conhecimento lingüístico na língua inglesa, pois antes de iniciar o seu curso de L2, o aluno obteve 47% de acertos e, ao término do seu curso no exterior, chegou a ter 93% de acertos no teste de inglês.

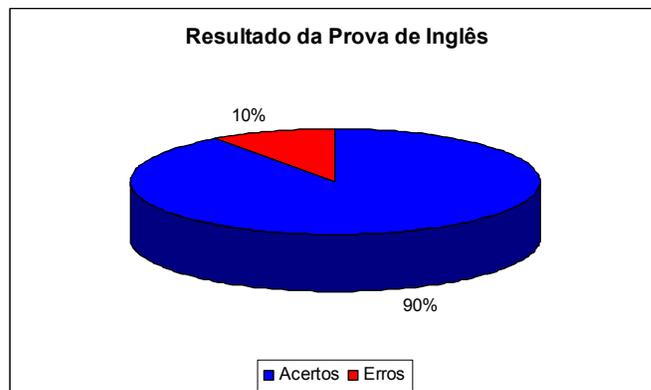
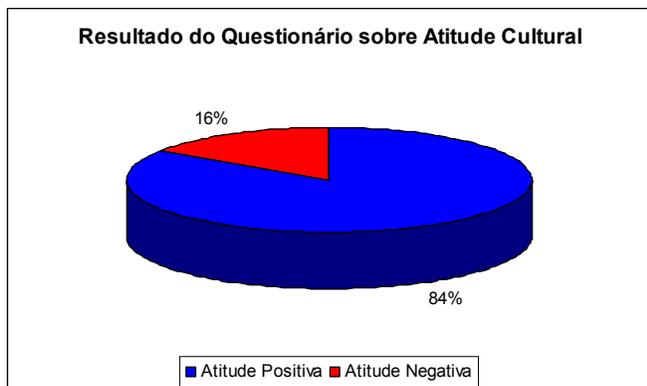
Por meio do resultado do Júnior, notou-se, mais uma vez, que é possível que a atitude cultural do aluno, sendo positiva, beneficie a aquisição de uma segunda língua. Ela pode modificar visões do passado que, por vezes, são falsas e estereotipadas, além de ajudar o aluno a evoluir o conhecimento lingüístico. Como resultado da explicação acima, pode-se observar também que o aumento do nível de positividade de atitude cultural do entrevistado de 69% da primeira fase, para 90% na segunda fase, sugerindo, assim, mais uma vez, uma possível relação entre uma atitude cultural positiva e um bom desempenho lingüístico nos cursos de imersão.

Entrevistado: Marcelo

Primeira Fase: Pré-Curso no Exterior



Segunda Fase: Pós-Curso no Exterior



Comentário final: Sobre os resultados do entrevistado Marcelo, observa-se uma atitude cultural bem positiva mesmo antes de começar o seu curso de inglês no exterior. Pode-se notar que, durante o seu curso de L2, ele aumentou um pouco o seu nível de positividade em sua atitude cultural, passando de 79% para 84%.

Pode-se entender que a visão positiva do entrevistado não foi alterada com a exposição à realidade e à cultura-alvo. Contudo, houve um pequeno crescimento de positividade na forma que ele vê, hoje, o povo e a cultura americanos.

Sobre seu desempenho na língua-alvo, notou-se que o entrevistado tinha um conhecimento básico e obteve 47% na prova de proficiência da língua antes de iniciar o curso de L2. Depois de ter concluído o seu curso de inglês no exterior, ele obteve 90% de acertos na prova.

Acredita-se que o sucesso do entrevistado, em seu curso de inglês no exterior, deve-se muito à sua forma positiva de ver a cultura e povo americanos.

Na primeira entrevista realizada com o entrevistado, ele demonstrou o seu forte desejo de poder estudar inglês nos Estados Unidos. Falou da sua admiração pelo o povo e de sua curiosidade em poder, um dia, conhecer mais a fundo a cultura norte-americana.

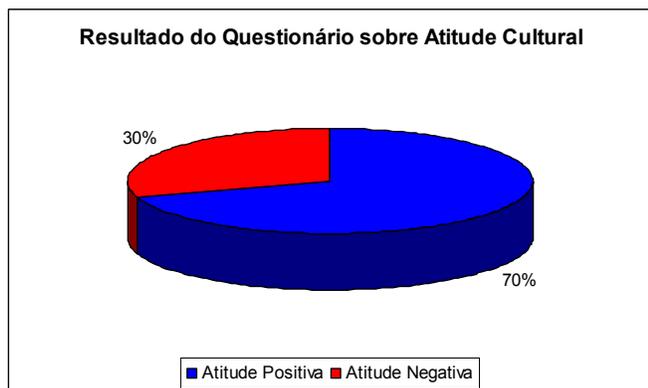
Durante o seu curso no exterior, Marcelo manteve esse mesmo anseio em conhecer a cultura-alvo, o que o motivou a interagir socialmente com os nativos em busca de mais conhecimento cultural. Isso, possivelmente, fez com que ele avançasse mais rápido nos estágios da aculturação e não sofresse tanto os efeitos do choque cultural. Um dado interessante é que o entrevistado era casado há pouco tempo quando decidiu estudar em um curso de L2 nos Estados Unidos e, mesmo assim, ele não deixou que a saudade interferisse em seu progresso na aquisição da língua inglesa.

O entrevistado já foi aluno de LE e, de certa forma, esse estudo prévio contribuiu no desenvolvimento de uma atitude cultural positiva e, como consequência, na eficácia de sua aquisição da língua inglesa enquanto imerso.

Entende-se as grandes dificuldades que ele teve de atravessar para chegar ao nível de conhecimento lingüístico que possui hoje na língua inglesa, como foi dito por ele mesmo em suas repostas a muitas perguntas da primeira e segunda fases. Contudo, mediante a atitude cultural positiva transmitida pelo entrevistado, talvez seja possível entender como ele pôde sobrepujar as suas dificuldades, como a solidão e saudades de casa, entre outras, e poder assimilar a cultura e língua-alvo com sucesso. Compara-se, assim, o aumento crescente e considerável em seu conhecimento lingüístico da língua inglesa, antes e depois do curso de L2 nos Estados Unidos.

Entrevistado: Pedro

Primeira Fase: Pré-Curso no Exterior



Segunda Fase: Pós-Curso no Exterior



Comentário final: O entrevistado Pedro foi um caso atípico, pois ele era o participante que mais possuía contato com o povo e talvez com a cultura americana antes de iniciar o seu curso de L2, uma vez que trabalhava na embaixada dos Estados Unidos em Brasília.

Faz-se importante frisar que o entrevistado, em sua primeira entrevista, relatou possuir uma certa admiração pelo povo e pela cultura-alvo. Seu nível de admiração foi comprovado no resultado da primeira entrevista de atitude cultural realizada na primeira fase desta pesquisa, na qual o entrevistado atingiu 70% de positividade. Contudo, após o contato com o povo, o entrevistado começou a enxergá-lo de maneira negativa e o seu resultado em seu segundo questionário sobre atitude cultural indica uma positividade de somente 43%.

Os resultados nos testes de inglês indicam que o progresso do entrevistado, no conhecimento da língua inglesa, não foi grande, pois em seu primeiro teste ele atingiu 40% de acertos e, posteriormente, no teste da segunda fase, atingiu 63%. Pode-se notar que a evolução de seu conhecimento após o curso de L2 nos Estados Unidos só trouxe um aumento de 23%, o que não é muito ao se considerar o progresso dos outros participantes com atitudes culturais mais positivas.

Alguns fatores podem ter influenciado o entrevistado negativamente, juntamente com a sua atitude cultural relativamente baixa. Diferentes fatores acabaram refletindo um resultado menor em seu teste de inglês se comparado àqueles entrevistados com níveis de positividade cultural maiores.

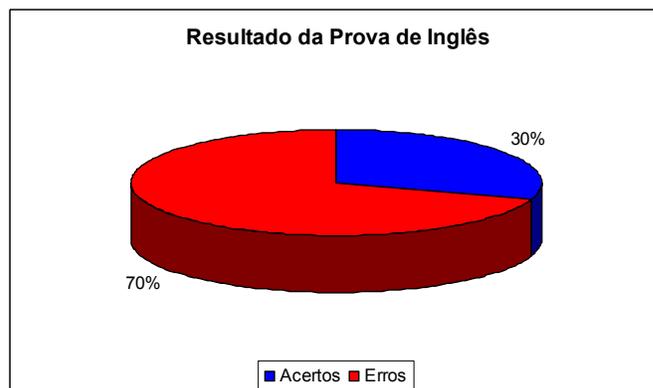
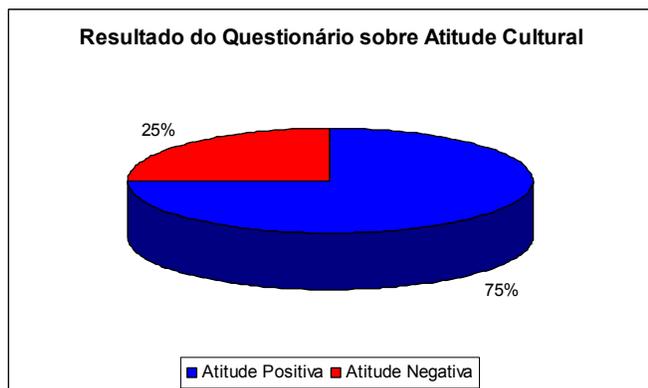
Um deles pode ter sido o fato de que entrevistado, por muitas vezes em suas respostas da segunda pesquisa, declarou que não havia se preocupado muito com a assimilação da cultura-alvo, pois estava mais preocupado em somente adquirir a língua inglesa e não a cultura americana.

Outro fator que pode ter comprometido ainda mais os seus resultados foi a criação de estereótipos de fundo falso e negativo, como foi revelado pelo entrevistado nas respostas do questionário da segunda fase. Pedro comenta que os americanos se julgavam superiores aos outros povos e diziam que o povo brasileiro era visto de maneira bem negativa. Por esses motivos, entre outros, o entrevistado foi desenvolvendo uma atitude cultural negativa em relação ao povo e à cultura-alvo. Ele perdeu muito da motivação em aprender e assimilar a segunda cultura em contato. Sugere-se que o resultado desse tipo de atitude pode ter sido uma das causas de seu baixo desempenho no teste de inglês na segunda fase.

Da mesma forma que é pretendido provar que uma atitude cultural positiva influencia de maneira positiva a aquisição de uma segunda língua, sugere-se que uma atitude cultural negativa poderia também influenciar, negativamente, a aquisição de uma segunda língua, como pode ser observado no comentário acima, sobre o entrevistado Pedro.

Entrevistado: Rafaela

Primeira Fase: Pré-Curso no Exterior



Segunda Fase: Pós-Curso no Exterior



Comentário final: A entrevistada Rafaela participou desta pesquisa juntamente com seus irmãos e acabou sendo a participante com o menor desempenho entre eles, tanto na atitude cultural como na prova de inglês. Nota-se que, ao iniciar o seu curso no exterior, ela não possuía uma visão tão negativa do povo e cultura americanos. Contudo, com o contato e a exposição à realidade cultural da segunda cultura, ela desenvolveu uma atitude mais negativa e passou de 75% de atitude cultural positiva para somente 54%. Os resultados na prova de inglês também revelam pouco progresso comparado aos outros participantes desta pesquisa, pois ela teve 30% de acertos no primeiro teste e chegou a 63% no segundo. Apesar disso, houve um progresso no conhecimento da língua-alvo, mas relativamente menor se comparado àqueles participantes com níveis mais elevados de positividade na atitude cultural.

Alguns fatores podem ter contribuído para esse tímido resultado da entrevistada. Alguns deles foram percebidos durante a entrevista. Ao se conversar e analisar as suas respostas, pode-se perceber que a entrevistada, em relação aos seus irmãos, foi a que menos demonstrou interesse na cultura-alvo. Ao se observá-la, nota-se que ela era quem menos tinha o desejo de iniciar um curso de L2 nos Estados Unidos. Acredita-se que ela estava indo mais para acompanhar os seus irmãos do que motivada, por si mesma, para esta modalidade específica de aprendizado, como ela deixou claro em algumas respostas do questionário da primeira fase.

Outro fator negativo foi que ela era a que mais receio tinha de como poderia ser tratada pelos americanos. Tinha medo de qualquer tipo de mau trato, como de fundo preconceituoso, por exemplo. Já os seus irmãos não demonstravam medo na forma de tratamento e estavam dispostos a aprender a cultura-alvo por meio da interação com os nativos dessa cultura.

No decorrer de seu curso de L2, a sua irmã Elisa, também participante desta pesquisa, reclamou que a entrevistada Rafaela insistia em falar português com ela, não tendo muito interesse em interagir com os nativos e preferindo ficar sempre com ela, Elisa. A entrevistada não tinha tanto interesse em ir a outros lugares e, se pudesse, ficaria em casa. Nota-se que, pelos comentários de sua irmã, a entrevistada sentiu alguns efeitos do choque cultural e que, talvez por seu desinteresse cultural, não tenha tido o desejo de interagir com os nativos e assimilar a cultura-alvo.

Em suma, a entrevistada Rafaela poderia ter desenvolvido um maior conhecimento na língua-alvo caso tivesse tido mais desejo de assimilar a cultura-alvo e interagir com o povo americano. É possível que, com a sua atitude cultural relativamente negativa e falta de interesse pela cultura americana, ela não tenha conseguido atingir os mesmos resultados, na prova de inglês, que os seus irmãos e outros participantes dessa pesquisa que desenvolveram uma atitude cultural mais positiva em relação à cultura americana.

5.4 Resultados Finais

Após termos realizado as entrevistas, a sua representação por meio de gráficos e os comentários pertinentes, faz-se necessário também a representação de um novo gráfico de todos os participantes, somente com os resultados obtidos na segunda fase, com comentários para finalizar este capítulo.

Os gráficos dos resultados da segunda fase são demonstrados de três maneiras: ótimo, em azul; razoável, em amarelo e fraco, em vermelho. Assim, pode-se distinguir melhor, na visualização, a diferença nos resultados da prova de inglês da segunda fase, (pós-curso no exterior), mediante o grau de positividade da atitude cultural de cada participante.

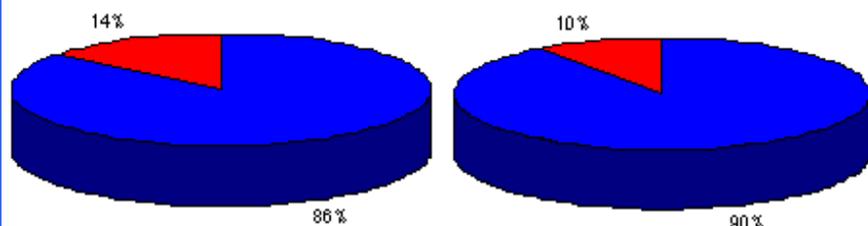
Na amostragem final dos gráficos da segunda fase (pós-curso no exterior) de todos os participantes, pode-se perceber os seguintes resultados:

De modo geral, nota-se que os participantes que demonstravam ter uma atitude cultural positiva no questionário de atitude cultural da segunda fase obtiveram melhores resultados na prova de inglês também da segunda fase e, à medida que o nível de positividade da atitude cultural de cada aluno ia abaixando, os resultados na prova de inglês também não se mostravam proveitosos.

Abaixo, observa-se uma amostragem geral dos resultados apresentados pelos participantes na segunda fase da pesquisa, nos moldes acima já explicados:

Ótimo:

Segunda Fase



■ Atitude Positiva ■ Atitude Negativa

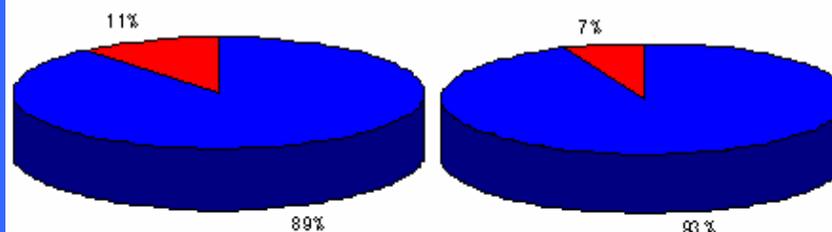
Atitude Cultural

■ Acertos ■ Erros

Prova de Inglês

Gabriel

Segunda Fase



■ Atitude Positiva ■ Atitude Negativa

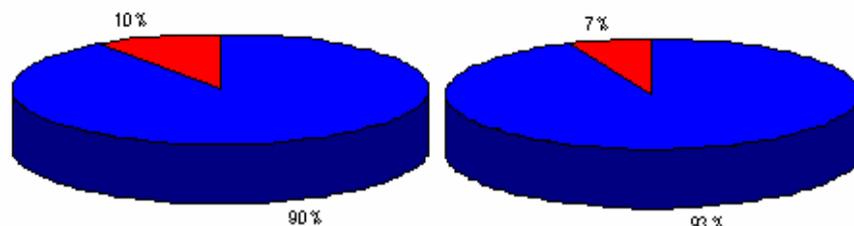
Atitude Cultural

■ Acertos ■ Erros

Prova de Inglês

Anderson

Segunda Fase



■ Atitude Positiva ■ Atitude Negativa

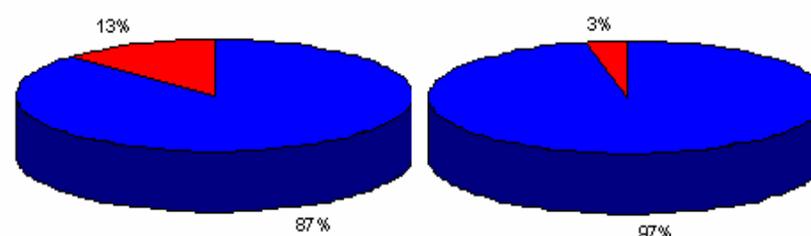
Atitude Cultural

■ Acertos ■ Erros

Prova de Inglês

Júnior

Segunda Fase



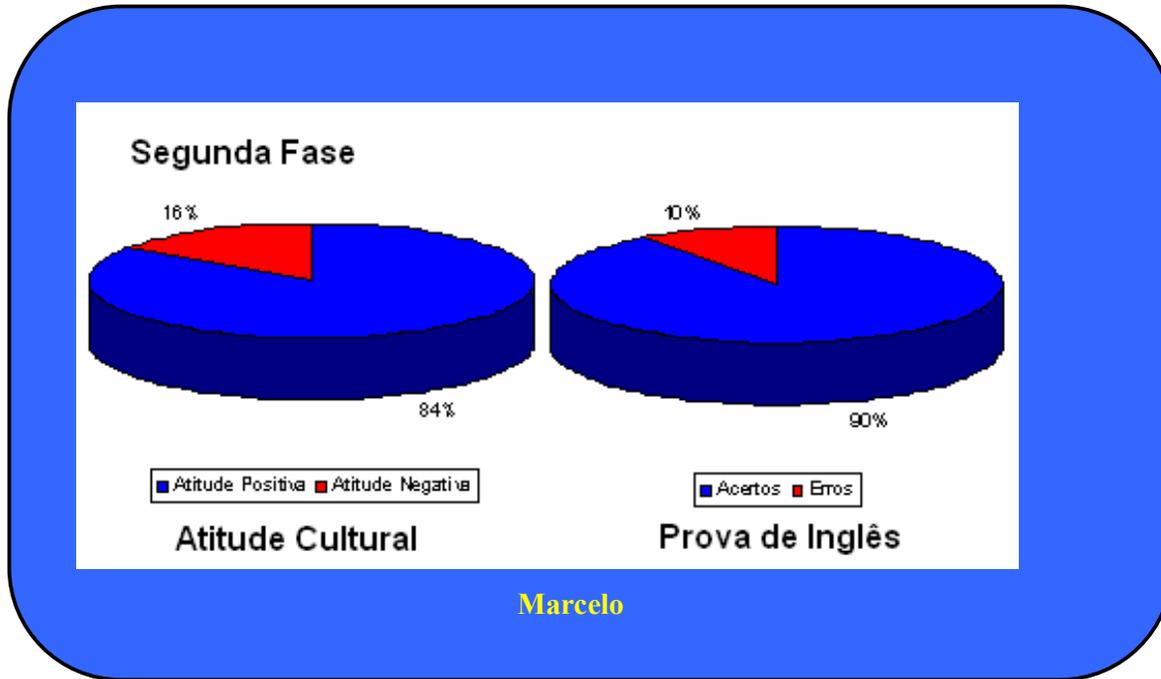
■ Atitude Positiva ■ Atitude Negativa

Atitude Cultural

■ Acertos ■ Erros

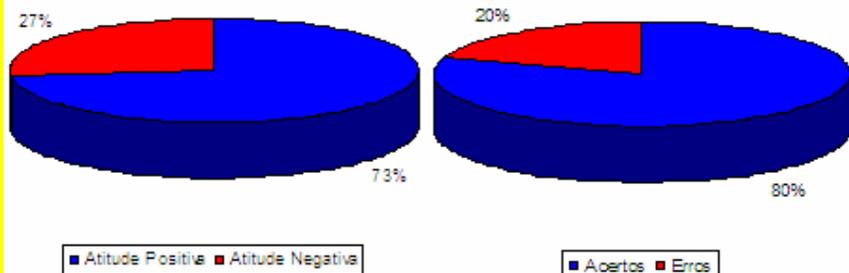
Prova de Inglês

Diego



Razoável:

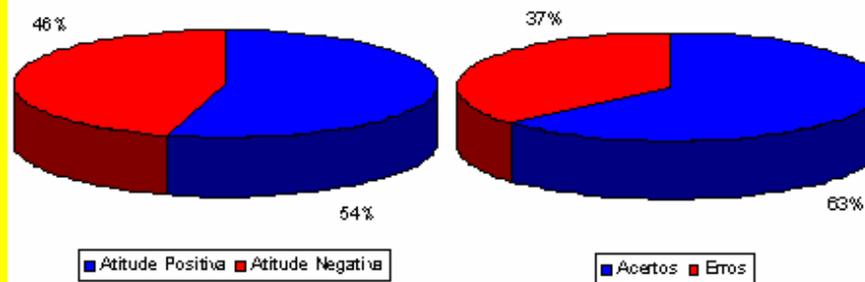
Segunda Fase



Atitude Cultural

Prova de Inglês

Segunda Fase

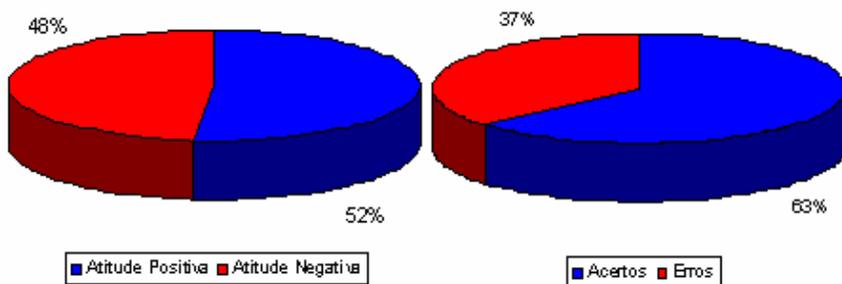


Atitude Cultural

Prova de Inglês

Elisa

Segunda Fase

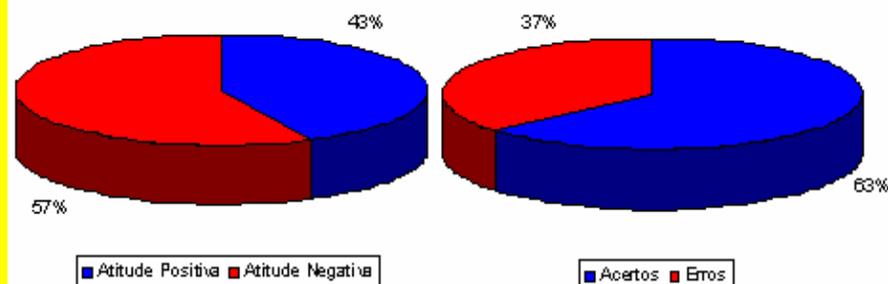


Atitude Cultural

Prova de Inglês

Rafaella

Segunda Fase



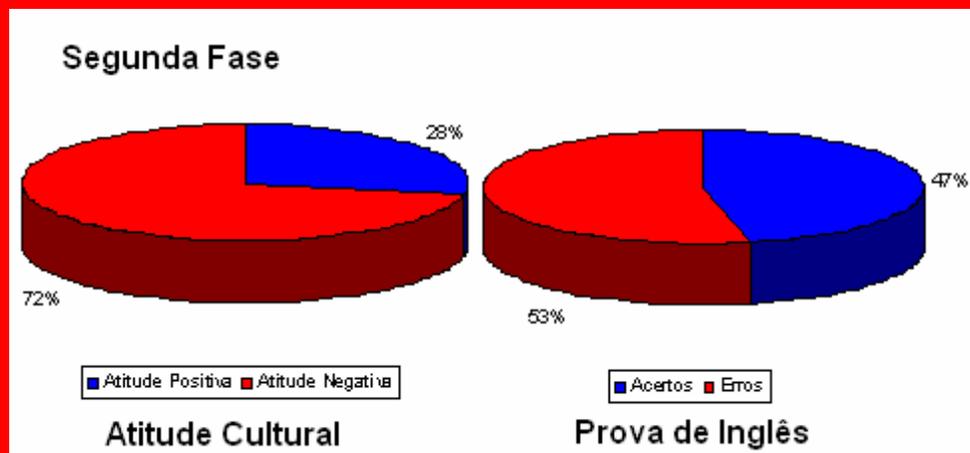
Atitude Cultural

Prova de Inglês

Denise

Pedro

Fraco:



Débora

Como os entrevistados com atitude cultural positiva se beneficiaram mais do que os outros com atitudes mais negativas? Com base nos comentários das entrevistas e após o contato com cada participante, pôde-se chegar às seguintes observações:

1. Os alunos com atitude cultural positiva tinham mais vontade de conhecer a cultura-alvo, e por meio dessa curiosidade eles tinham um contato com alguma habilidade da segunda língua. Por exemplo, alguns alunos queriam ler para conhecer algum aspecto cultural dos Estados Unidos. Assim, ao ler, estavam praticando a compreensão oral. Outros alunos falavam que assistiam televisão para entender melhor a cultura-alvo, e com isso, também praticavam a compreensão oral.
2. Outra maneira que, inclusive, destacou-se por ser talvez a mais importante, segundo os alunos entrevistados, era quando eles, os participantes, munidos de atitude cultural positiva e hospedados em locais que lhes ofereciam essa oportunidade, interagiam com os nativos e, assim, praticavam a expressão e compreensão orais. É importante frisar que, quanto mais positividade na atitude cultural os participantes imersos possuíam, mais contato tinham com os nativos, ou seja, mais interação e horas de estudo informal eles tiveram.
3. Os participantes com atitude cultural menos positiva, além de não terem tido uma maior prática nas diferentes habilidades da língua-alvo, também não tiveram muita interação com os nativos, se comparados àqueles alunos que tiveram maiores índices de positividade. Logo, os alunos com menos positividade tiveram, como consequência, menos horas de estudo informal na língua alvo.
4. Os sujeitos com atitudes culturais mais negativas também tiveram dificuldades que talvez não tenham sido vivenciadas tão fortemente pelos participantes com atitudes culturais mais positivas. Uma dessas dificuldades foi o efeito do choque

cultural. Como consequência, eles tiveram desempenhos menores na língua-alvo.

5. Os participantes com atitude cultural negativa tinham mais saudades de suas famílias, ficavam mais sozinhos, como já foi dito, não interagindo muito com os nativos e desenvolvendo estereótipos negativos e falsos sobre a cultura-alvo. Isso os levava a um sentimento de inadequação e desconforto. Já os participantes com atitudes culturais mais positivas, tiveram mais facilidade no processo de aculturação e tiveram muita facilidade em se adaptarem à segunda cultura.

Entenda-se que existem muitos fatores que influenciam na aquisição de uma segunda língua e este trabalho não tem a pretensão de afirmar que a atitude cultural é o único fator de importância nessa aquisição. Entretanto, pôde-se observar como, na prática, uma atitude cultural positiva beneficiou os alunos na aquisição de uma segunda língua, enquanto imersos nos Estados Unidos.

Outro detalhe de real importância é de que todos os participantes desta pesquisa estavam imersos em um curso de inglês como segunda língua, cujo país da língua e cultura-alvo eram os Estados Unidos. Quando os participantes desenvolviam uma maior simpatia e curiosidade pela cultura-alvo, essa atitude positiva resultava numa maior intensificação de interesse e de entrosamento pela cultura e povo do país imerso. Os entrevistados, culturalmente envolvidos com atividades como passeios, conversas com os nativos e assistir televisão ou rádio local do país imerso, tinham, como resultado, um maior desejo de aprender a língua-alvo. Já ao contrário, com um sentimento negativo pelo povo e costumes, havia mais chances de os participantes desenvolverem uma atitude cultural negativa, calcada em estereótipos falsos e negativos e comprometendo o sucesso dos seus cursos de L2. Então, salienta-se a importância da cultura e do seu papel na aquisição de uma segunda língua e de como ela pode ser, por vezes, o acesso a essa segunda língua.

A atitude cultural talvez não seja o único fator de importância na aquisição de uma língua, mas ela tem lugar de influência nesse processo. Essa comprovação é observada nos gráficos da maioria os participantes, nos quais há uma forte ligação entre aqueles participantes com atitudes culturais positivas e resultados bem elevados na prova de inglês.

Pela avaliação contida nesta pesquisa, pode-se concluir que os objetivos deste trabalho foram comprovados.

CAPÍTULO 6 CONCLUSÃO

Ao término deste trabalho, foi necessário refletir sobre algumas últimas considerações a respeito do tema da pesquisa – a atitude cultural – e deixar algumas sugestões para as pessoas que se interessam em fazer um curso de inglês no exterior, não esquecendo também de sugerir a importância desta pesquisa para as empresas que promovem o intercâmbio cultural aos alunos brasileiros de L2, e por último, fazer alguns comentários sobre o que deveria conter nas aulas dos cursos de L2.

O tema dessa obra é algo que prendeu-me a atenção e motivou-me a escrever do início ao fim desse trabalho. Presenciei muitas experiências positivas e negativas que ocorreram no decorrer da minha vida profissional como professor com meus alunos de L2. Por vezes, existiam os alunos que atingiam bons resultados, porém houve outros que sofriam experiências relativamente negativas e demonstraram resultados não muito positivos. Logo, o desafio dessa pesquisa era encontrar um aspecto ou um fator que pudesse ajudar esse tipo específico de aluno imerso em um país da língua-alvo.

Então após muitas observações de alunos de L2 já retornados do exterior e também do conhecimento que fui adquirindo nas disciplinas do curso de Linguística Aplicada da Universidade de Brasília, pude encontrar esse aspecto: a cultura, mas não só a cultura, e sim a atitude cultural.

Outro aspecto que despertou-me muito interesse em realizar uma pesquisa que falasse de atitude cultural de alunos de L2, foram as experiências de alguns professores de língua estrangeira de meu conhecimento, que assim como eu também foram alunos de L2 nos Estados Unidos no passado, e que graças a suas atitudes culturais positivas entre outros fatores, fizeram com que tivessem boas experiências de caráter cultural que facilitaram suas aquisições da língua-alvo. Eu mesmo, embora algumas vezes, mesmo não concordando

com algumas visões políticas e outros aspectos sobre a cultura-alvo, emocionou-me e continuo a me emocionar ao falar dos meus “irmãos” e “pais” americanos.

Essa, com certeza, foi uma experiência especial e marcante para toda a vida desses que tiveram esse tipo de experiência no exterior e não foi diferente comigo. Somos brasileiros e orgulhosos da cidadania brasileira, contudo hoje muitos de nós, nos vemos como brasileiros americanos. Amamos o povo americano juntamente com sua cultura, graças às excelentes e marcantes experiências vividas no tempo de estadia nos Estados Unidos.

Sobre a língua-alvo inglesa, eu como aluno de L2 no passado, do qual comentei anteriormente, obtive experiências pessoais tão positivas e o nível de proficiência na língua adquirido em meu curso de imersão, permitiu-me tornar um professor de inglês como língua estrangeira. E é assim que eu venho ganhando a vida por mais de 10 anos. Tem-se a convicção que isso foi possível devido à minha atitude cultural positiva em relação à cultura americana dentre outros fatores.

Com os conhecimentos da Linguística Aplicada, como já foi dito antes, e em especial da disciplina de Ensino de Língua Estrangeira como Espaço de Transculturalidade, ministrada pela professora doutora Cynthia Ann Bell dos Santos, foi adquirido o entendimento da importância da cultura nas práticas de ensino e aquisição de uma língua. Assim, delimitou-se o tema deste trabalho de cultura para a atitude cultural dos alunos brasileiros imersos em cursos de L2 nos Estados Unidos.

Começou-se o projeto deste trabalho acreditando que, caso os alunos de L2 imersos no país da língua e cultura-alvo pudessem desenvolver uma atitude cultural positiva, eles poderiam adquirir um nível maior de proficiência do que aqueles alunos que possuíssem uma atitude negativa cultural, calcada em visões estereotipadas sobre o povo e cultura-alvo.

Hoje, depois de ter-se concluído esta pesquisa, continua-se defendendo o papel da cultura no ensino de línguas, confirmando que a atitude cultural pode contribuir para um resultado positivo ou negativo durante um curso de L2 no país da língua-alvo.

Após o término deste trabalho, acredita-se ser verdade que a atitude cultural de um aluno, sendo positiva, pode influenciar em um ensino mais eficaz, mesmo sabendo-se que existem outros fatores determinantes na eficácia de um aprendizado de L2.

A maioria dos participantes que demonstraram um alto nível de positividade em relação à cultura-alvo obteve excelentes resultados nas provas de inglês, ao contrário daqueles que demonstravam um nível considerável de negatividade em suas atitudes culturais em relação ao povo e cultura-alvo.

Como foi dito anteriormente, na introdução da conclusão, teve-se algumas experiências prévias de cunho positivo e negativo com alunos que haviam feito cursos de imersão. Logo, partindo do interesse pelo assunto, desenvolveu-se esta obra com objetivo de beneficiar os alunos de L2. Contudo, desconhecia-se a amplitude deste tema, pois foi começando a pesquisa que ficou evidente a existência de muitas pessoas envolvidas em um curso de idiomas no exterior, além dos alunos de L2.

Existem muitas empresas de intercâmbio cultural que promovem esse tipo de trabalho, que consiste em recrutar alunos brasileiros e mandá-los para um curso de L2 em vários países do mundo. Pode-se entrar em contato com as maiores companhias desse segmento, na busca de auxílio e entendimento em nossa pesquisa.

Faz-se importante lembrar que, após terem sido identificadas as empresas de intercâmbio com maior procura, foi realizado um questionário com os representantes de duas dessas empresas, por meio do qual percebeu-se muito interesse, das próprias empresas de intercâmbio, na realização de uma pesquisa que pudesse tratar sobre a importância da atitude cultural na aquisição de uma segunda língua no exterior.

Por meio da entrevista com os dois representantes das duas empresas citadas anteriormente, foi permitido verificar que, além do interesse deles em uma pesquisa que pudesse ajudar os alunos de L2, ocorrem alguns problemas que dificultam o processo de aquisição da língua-alvo.

Essas empresas estão trabalhando com os intercâmbios culturais há anos, mandando, anualmente, milhares de alunos, e a cada ano, esses números têm aumentado. Ao manter-se contato com essas empresas, mesmo com suas experiências no ramo de cursos de imersão, pode-se perceber que existe muito interesse comercial e que não existe um cuidado com o aprendizado da cultura-alvo. Essas empresas nem ao menos possuem um departamento cultural para ajudar os alunos em suas perspectivas de assimilar a cultura-alvo, reduzindo, assim, o choque cultural. Muitos dos alunos na iminência de iniciar o curso de imersão não estão a par da cultura do país da língua-alvo, para onde vão com pouco ou nenhum conhecimento da cultura-alvo e, conseqüentemente, despreparados em relação a essa cultura do local. Por isso, a pesquisa concentrou-se em reunir participantes que iriam iniciar um curso nos Estados Unidos. A razão disso foi de os Estados Unidos serem um país de muita evidência, deduzindo-se, portanto, que seria fácil falar sobre a sua cultura, além de ele ser muito procurado por estudantes.

Com relação ao despreparo dos candidatos a cursos de imersão, para ilustrar a falta de informação sobre os países aonde eles iriam estudar, perguntava-se aos futuros alunos de L2 quais eram as principais capitais de países como Austrália. Nunca se ouvia Canberra, mas, sempre, Sidney. Chegou-se ao ponto de se ouvir que Auckland era a capital da Austrália, sendo que Auckland nem fica na Austrália, mas, sim, é uma cidade da Nova Zelândia. A idéia original ao se fazer essas perguntas não era a de testar o conhecimento de geografia dos alunos de L2, mas sim de mostrar a falta de informação que eles possuem do local aonde irão estudar.

Tais informações, embora sejam detalhes e não estejam relacionadas diretamente às culturas dos países, podem ilustrar o despreparo dos alunos de cursos de imersão e a falta de informação relacionada à cultura-alvo, fornecidas pelas empresas de intercâmbio.

Qual seria a sugestão deste trabalho para as empresas de intercâmbio cultural? A organização de um departamento cultural nessas empresas, para que, assim, possam prestar apoio às necessidades desses alunos imersos em curso de L2. Tais departamentos deveriam dispor, obrigatoriamente, aos alunos, as mais diferentes informações sobre os diversos países-alvo. Seriam mostrados os diferentes costumes e hábitos do país em contato e as diferenças reais e não estereotipadas do local de interesse. Uma das principais contribuições desse departamento seria a diminuição dos efeitos do choque cultural nos seus futuros alunos imersos quando os mesmos fossem expostos à realidade cultural do país-alvo.

Quais seriam as diferenças que tais informações poderiam trazer para o aluno de L2? A primeira é a possibilidade de o aluno avaliar melhor o local de sua escolha. Muitas vezes, a decisão do local dos cursos é feita através da observação de fotos e folders. Observa-se, aqui, outro aspecto importante: o de mostrar, aos alunos, as vantagens e desvantagens de cada local. Por exemplo, ao demonstrar o interesse pelos Estados Unidos, o aluno que fosse realizar um curso de L2 na região metropolitana de Dallas/Texas teria informações sobre como ele deve se locomover, pois o texano, de modo geral, é orgulhoso de sua caminhonete e lá não existe um bom transporte público. Uma possível solução, caso o aluno goste de bicicletas, é pedalar até os pontos importantes, como do local do curso até a residência. Outro exemplo de informação seria a alimentação: o que se come em Dallas? Pelo fato de Dallas ser uma região metropolitana, existem os bairros mexicanos, chineses e, é claro, a boa comida sulista americana. Os alunos têm uma variedade de comidas. Eles poderiam comer “o feijão e arroz” presentes nas comidas mexicana e brasileira, a comida chinesa, que é tão popular no Brasil e as deliciosas e enormes porções de filets e batatas fritas presentes na mesa sulista americana e, novamente, na cozinha brasileira. O clima seria outra informação interessante. Muitos têm a visão de que não faz frio no Texas, e que lá é um grande deserto. Para a surpresa desses, neva e há, também, locais com “selva”, como na cidade de Tyler, uma das mais arborizadas dos Estados Unidos. Acaba-se descobrindo que o leste do Texas é verde e o oeste, desértico.

Essas são algumas ilustrações bem simples do que poderia ser dado aos alunos de curso de L2 que estariam imersos, por exemplo, em Dallas/Texas. Embora essas informações tenham um aspecto banal, elas poderiam fazer muita diferença na vida de um aluno imerso em um país estrangeiro, em uma cultura que possui especificidades e diferenças dentro do seu cotidiano.

Muitos estereótipos falsos e negativos a respeito do povo e do local do seu curso, que o aluno de L2 poderia ter, seriam minimizados pela sua simples exposição à realidade antes mesmo de eles iniciarem os seus cursos no exterior. Por meio do departamento cultural dessas empresas de intercâmbio cultural, seria possível diminuir futuros problemas durante o curso de L2, como é o caso do choque cultural e outros problemas, como irritação, auto-questionamento, rejeição, depressão e saudades de casa entre muitos outros. Tem-se a convicção de que a atitude cultural influencia na aquisição de uma segunda língua. Esses departamentos culturais, nessas empresas, ajudariam com informações que pudessem ser úteis para as necessidades específicas desses alunos.

Especificamente em relação aos alunos de L2, identificou-se, neste trabalho, que muitos deles se mostram interessados em realizar um curso de L2 no exterior visando somente o lado profissional. Logo, para muitos, não interessa o local, e sim que nesse local seja falado o idioma de seu interesse. Assim, por muitas vezes, a escolha do local é feita por aquele local que possui o melhor preço, ou a melhor promoção ou condição de pagamento, o que não é desejável. O aluno deve iniciar um curso de L2 em local cuja cultura do povo ele admire. Ou seja, que ele possa criar uma empatia pela cultura alvo, para que a sua atitude cultural seja positiva.

Outra observação importante é a de que muitos alunos falavam que não estavam preocupados em aprender a cultura-alvo. Logo, questiona-se: como uma pessoa irá morar em um local, por pelo menos 4 meses, e não tem nenhum interesse em conhecer sua cultura?

As pessoas interessadas em fazer um curso de L2 no exterior devem estar motivadas ou curiosas sobre a cultura do país-alvo. Logo, devem escolher um local que inspire, nelas, o interesse pela busca de um maior conhecimento dos costumes, hábitos, diferenças e realidades do povo e cultura do local do país de sua escolha.

Seria interessante já possuir um roteiro de coisas que eles desejam fazer nesses locais de escolha, no sentido de motivá-los a buscarem o conhecimento da cultura-alvo. As empresas de intercâmbio poderiam orientá-los sobre os aspectos culturais de cada local, como já foi dito anteriormente.

Qual seria a importância de o aluno desenvolver uma simpatia ou curiosidade pelo país-alvo? A resposta mais adequada, segundo este trabalho, é de que, com essa curiosidade, simpatia e admiração, ele poderá desenvolver uma atitude cultural positiva e, a partir dela, ter o desejo de interagir com o povo da cultura-alvo. Ao interagir com eles, o aluno de L2 estará praticando a expressão e compreensão oral (a fala e a audição). Ao desenvolver uma simpatia pela cultura, o aluno terá, também, o desejo de ler mais sobre os costumes, história e hábitos da cultura-alvo. Assim, ele praticará a compreensão da escrita e da leitura.

Nessa mesma linha de pensamento, o aluno de L2 com uma atitude cultural positiva, ouviria o rádio, assistiria TV e teria contato com outros veículos de comunicação, para conhecer mais a cultura-alvo e, assim, praticaria a compreensão oral.

Em suma, se o aluno de L2 tem uma atitude cultural positiva, ele tem mais horas de estudo na língua, pois a cultura pode ser o acesso para novas maneiras de estudo. Com essas horas a mais de estudo que são desenvolvidas de maneira informal, o aluno de L2 não se cansaria tanto e, com isso, possuiria uma carga horária de estudo maior nos cursos de L2.

Por fim, cita-se algumas sugestões sobre o que poderia ser ensinado nos cursos de L2. Em uma conversa informal com o Professor Almeida Filho, ele declara acreditar que os

cursos de L2 deveriam explorar mais o lado cultural em suas aulas, pois, hoje em dia, eles enfatizam muito o estudo formal e, assim, ficam muito semelhantes aos cursos de LE”.

Muitos participantes desta pesquisa disseram que a grande diferença entre os cursos de segunda língua e os cursos de língua estrangeira é a prática do idioma. Então, ao invés de os alunos de L2 ficarem trancados em uma sala de aula por horas estudando a gramática da língua-alvo, sem nenhuma interação com os nativos, eles poderiam focar mais a interação com aulas práticas, com pessoas nas ruas em situações reais do cotidiano americano, ou em situações simuladas de *role play* (psicodramas) na sala de aula.

Em algumas escolas de L2, pode-se observar que elas promovem passeios com os alunos e instrutores, pela cidade e seus pontos turísticos. Apesar disso, muitos alunos preferem ficar estudando em bibliotecas, ao invés de participar desses passeios, pois acham que estão perdendo tempo importante de estudo. Muitos deles se esquecem de que esses passeios serviriam de tempos preciosos de estudo, pois as pessoas poderiam estar em contato com a língua e, assim, tendo um estudo informal, mas muito importante para o desenvolvimento de habilidades de compreensão e expressão orais.

Outro ponto que poderia ser abordado e que iria ao encontro desta proposta de pesquisa é que, dentro das aulas, poder-se-ia enfatizar a cultura do país e, até mesmo, a cultura regional do local. Poderia ser feito um ensino integrado entre gramática, leitura, escrita e compreensão oral sobre temas e textos culturais e, dessa forma, os alunos de L2 poderiam ter um maior conhecimento da cultura-alvo por meio de exercícios que desenvolvessem as quatro habilidades da língua.

Teve-se a idéia, então, de entrar em contato com uma das escolas de ESL, que foi mencionada por alguns dos participantes, o ESL da BYU University. Em contato com o professor doutor Willis Faills, que é professor de português como língua estrangeira, ele se demonstrou muito interessado em conhecer um pouco mais o presente trabalho e compartilhou uma idéia semelhante à do professor Almeida Filho. Segundo ele: “os cursos de inglês como segunda língua precisam ter um diferencial maior do que os cursos de

língua estrangeira e também é preciso enfatizar mais o fator cultural neles”. Ressalte-se que o professor Faills é um grande conhecedor da cultura brasileira e de todos os Estados do território brasileiro, tendo morado no Brasil por 5 anos. Por isso, acredita que o componente cultural deveria estar mais presente nas aulas de L2.

Finalizando, foi muito prazerosa a realização desta pesquisa e gratificante saber da contribuição que ela significará aos alunos intercambistas, que a pesquisa indicou serem muitos. Ressalte-se, também, o apoio das empresas de intercâmbio, pois elas foram de muita ajuda, participando da entrevista com dados, entrevistas e demonstrando, sempre, muita disposição em ajudar e muita ansiedade e curiosidade pelo tema abordado neste trabalho.

Muitas dessas empresas gostariam de ter uma cópia desse trabalho para que eles possam analisá-lo. Por meio desse trabalho eles poderão encontrar sugestões para a atualização dos seus métodos de ensino para auxiliar os futuros alunos de L2.

Conclui-se, então, este trabalho ao se provar que a atitude cultural positiva de um indivíduo imerso em curso de L2 no exterior pode influenciar no bom aprendizado de uma segunda língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAR, Michael. *Language shock: understanding the culture of conversation*. New York: William Morrow and Company, 1994. p 20, 28.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. *Escolha e produção de material didático para um ensino comunicativo de línguas*. *Revista Contexturas*, Campinas, v.2, p.43-51, Novembro, 1994.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. *Língua além de cultura ou além de cultura, língua? Aspectos do ensino da interculturalidade*. In: CUNHA, M. Jandira. SANTOS, Percília (Org.). *Tópicos em português língua estrangeira*. Brasília-DF: EDUNB, 2002. p 209-215.

BROWN, H. Douglas. *Principles of language learning and teaching*. 3rd ed. Englewood Cliffs-NJ: Prentice Hall Regents, 1994. p. 168, 169,176, 174, 177,193.165

CLYNE, Michael. *Inter-cultural communication at work: cultural values in discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.p. 35

COLL, Agusti Nicolau. *As culturas não são disciplinas: Existe o transcultural?* 2^o Encontro Catalisador do CETRANS, Guarujá, SP, 2000. Disponível em: <http://www.cetrans.futuro.usp.br/encontros/catalisador/c_nicolau_> Acesso em: 09 de maio de 2003.p. 3

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru-SP: EDUSC, 1999. p. 258.

DURANTI, Alessandro. *Linguistic anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p.332, 337, 398.

FONTES, Susana. Maria. *Um lugar para a cultura*. In: CUNHA, Maria. Jandira. C.; SANTOS, Percília. (Org.). *Tópicos em português língua estrangeira*. Brasília-DF: EDUNB, 2002. p.175-183.

HALL, Stuart. Who needs 'identity? In: HALL, Stuart; DU GAY, Paul. *Questions of cultural identity*. London: SAGE, 1996. p. 1-35.

HAMMERS, J.F.; BLANC, M. H. A. *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge: CUP, 2000. p. 155-157.

JENSEN, E.D., VINTHER, T. *The authentic versus easy conflict in foreign language material: a report on experiences with production and exploitation of vídeo in FLT System.s.l: Oxford, 1983. vol. 11, n. 2, p.129-141.*

KEEGAN, Warren J.; GREEN, Mark C. *Princípios de marketing global*. São Paulo-SP: Saraiva, 2002. p. 97-110.

KOTLER, Philip. *Administração de Marketing: a edição do novo milênio*. 10^a ed. São Paulo-SP: Prentice Hall, 2000. p. 454

KRAMSCH, Claire. *Context and culture in language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1993. p. 293.

KRAMSCH, Claire. *Language and culture*. Oxford: Oxford University Press, 1998. p.134.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p 25,116.

MEYER, Rosa Marina de Brito. *Cultura brasileira e língua portuguesa: do estereótipo à realidade*. In: CUNHA, M. Jandira C; SANTOS, Percília. (Org.). *Tópicos em português língua estrangeira*. Brasília-DF: EDUNB, 2002. p 201-207.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Oficina de Lingüística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas..* Campinas-SP: Mercado de Letras, 1996. p. 51-57.

RICHARDS, Jack C.; SCHMIDT, Richard W. *Dictionary of language teaching and applied linguistics – Pearson education limited* 2002. The Journal of Pragmatics 11:211-47. 3th printing. s.l: s.n., 2002. p 6, 90,138, 286, 323.

RICHARDS, Jack C.; SANDY, Chuck. *An upper-level multi-skills course*. New York: Cambridge University Press, 1998. p 94.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. *The ethnography of communication*. New York: Basil Blackwell, 1989. p. 3, 34.

CONSULTA BIBLIOGRÁFICA

ARMSTRONG, Piers. *Evolução de uma dinâmica relacional: a hermenêutica do pensar a cultura brasileira a partir dos EUA*. In: STEVENS, Cristina M. T. (org.). *Quando o tio Sam pegar no tamborim: uma perspectiva transcultural do Brasil*. Brasília-DF: Editora Plano, 2000.

BENNETT, M. *Intercultural communication in a multicultural society: beyond tolerance*. TESOL Matters, s.l., v. 6, n. 2, p. 1-15; n. 3, p. 6, nov.1996.

BYRAM, M. *Teaching and assessing intercultural communicative competence*. Philadelphia: Multilingual Matters Ltd., 1997.

CAPELAS JR., Afonso. *A educação do outro (educação indígena)*. *Revista do livro universitário*, n. 11, nov. 2002.

CAWS, Peter. *Identity; cultural, transcultural, and multicultural*. In: GOLDBERG, David Theo. (Ed.). *Multiculturalism: a critical reader*. Cambridge-MA: Basil Blackwell Ltd., 1994.

ELLIS, Rod. *The study of Second Language Acquisition*. 6th ed. Honk Kong: Oxford University Press, 1999.

HEYWOOD, A. *Political ideologies*. New York: St. Martin's Press, 1992

HINKEL, Eli. *Culture in second language teaching and learning*. New York: Cambridge University Press, 1999.

OLIVEN, RUBEN. Nation and tradition at the turn of the millennium. In: OLIVEN, RUBEN . *Tradition matters: modern Gaúcho identity in Brazil*. New York: Columbia University Press, 1996.

TRIANDIS, Harry C. *Individualism & collectivism*. Boulder-Colorado: Westview Press, Inc., 1995.

VALDES, Joyce Merrill (Ed.). *Culture Bound: bridging the cultural gap in language teaching*. 9th printing. New York: Cambridge University Press, 1988. 222 p.

VENUTI, Lawrence. *The formation of cultural identities*. In: VENUTI, Lawrence. *The scandals of translation*. New York: Routledge, 1998.

ANEXO A

QUESTIONÁRIO COM OS LÍDERES DE
INTERCÂMBIO CULTURAL

- 1) Qual é o seu nome?
- 2) O que você faz profissionalmente? Há quanto tempo?
- 3) Você tem alguma atividade que envolva algum contato com alunos, pessoas estrangeiras ou que tenham morado ou estudado em um outro país?
- 4) Onde? Quanto tempo?
- 5) Você gosta dessa interação com pessoas estrangeiras? Por que?
- 6) Você acredita que o mercado de estudo no exterior tem aumentado? E o mercado no Brasil também aumentou?
- 7) Por que os alunos fazem algum curso de imersão? O que os leva a procurar cursos no exterior?
- 8) Essa procura é muito grande?
- 9) Você acredita que seria interessante realizar mais pesquisas que pudessem ajudar esses tipos específicos de alunos (alunos que fazem curso no exterior?)
- 10) Você acha que a atitude cultural influencia na aquisição de línguas? É importante uma pesquisa que trate sobre atitude? Por que?
- 11) De que maneira a atitude cultural pode influenciar na aquisição de línguas?
- 12) Com a sua experiência, você poderia dar alguns exemplos de alunos que foram beneficiados na aquisição de L2, porque assimilaram a cultura-alvo?
- 13) O que os alunos podem fazer para assimilar a cultura-alvo?
- 14) Você acredita que os materiais didáticos, aulas, deveriam conter o componente cultura?
- 15) Você já ouviu falar no ensino intercultural? As suas implicações são positivas para os nossos alunos?

ANEXO B

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS LÍDERES DE
INTERCÂMBIO CULTURAL

Primeiro Entrevistado (Presidente de um Grupo de intercambistas) e

Segunda Entrevistada (Gerente da Empresa de intercâmbio em Brasília)

A transcrição corresponde às respostas do questionário sobre a importância do trabalho que foi realizado com representantes de duas instituições que promovem intercâmbio cultural ou cursos de imersão no exterior.

Entrevista com Presidente do Grupo de Intercambistas:

1) Qual é o seu nome?

- Meu nome é Bruno (nome fictício).

2) Bruno, estamos fazendo uma pesquisa que envolve a importância da cultura em aquisição de línguas estrangeiras ou de segunda língua e vou fazer algumas perguntas relacionadas com esse tema. O que você faz profissionalmente e há quanto tempo?

- Eu sou fotógrafo profissional, atuo na área de produção audiovisual para Web – Internet. Eu trabalho há três anos nessa profissão e também simultaneamente trabalho dando aula de inglês em cursos de conversação.

3) Você tem alguma atividade que envolva algum contato com alunos, pessoas estrangeiras ou que tenham morado ou estudado em um outro país?

- Sim. Eu fui intercambista do Grupo de Intercambistas no ano de 99 a 2000 na cidade de Óregon, nos EUA. Depois disso, eu comecei a fazer parte de um grupo, que é uma associação de ex-intercambistas, do qual eu atualmente sou presidente.

4) E o que o Grupo faz exatamente?

- Bom, o grupo é a tentativa de alguns estudantes de intercâmbio manterem o relacionamento com outras culturas, mesmo tendo voltado dessa experiência em outro país, e proporciona experiências para os estudantes de intercâmbio residentes aqui em Brasília, no caso não apenas em Brasília, mas no Distrito do Grupo, que inclui Brasília, Goiânia, Anápolis e algumas cidades pequenas de Goiás também do interior.

5) Há quanto tempo você trabalha nesse grupo?

- Oficialmente eu só comecei a trabalhar após a minha ida para o intercâmbio ou talvez um pouco antes, 99/2000, mas eu faço parte do Programa desde 1996.

6) Você é um rotariano?

- Exatamente. Oito anos. Não que eu seja um rotariano, porque rotariano só pode ser por indicação após 25 anos de idade. O programa de intercâmbio tem uma flexibilidade para jovens, ele aceita pessoas de 15 até 25 anos para cargos elegíveis.

7) E quantos anos você tem hoje?

- Eu tenho 23 anos atualmente. Estou chegando perto do fim da minha atuação como dirigente do Programa. Eu posso ser membro do grupo, mas não dirigente.

8) Você gosta dessa interação com pessoas estrangeiras? Por quê?

- Sim. Eu acho que é fundamental para a criação de diferentes perspectivas sobre o cenário não apenas do seu próprio ambiente, do seu próprio espaço cultural, como também da sua perspectiva com relação ao espaço cultural da onde essa pessoa está vindo, do ambiente de onde ela vem. Porque às vezes, os arquétipos, esterótipos que nós já temos criados nos diversos fatores, sejam eles a própria mídia, os valores até inconscientes que nós temos sobre as culturas, eles são totalmente desmanchados quando você tem um

contato e é exposto a essa cultura diretamente. Uma coisa é você vivenciar a cultura através do livro, da televisão e a outra é você experimentar essa cultura com um cara sentado no sofá da sua casa.

9) Você foi um aluno do Grupo, foi aos Estados Unidos para estudar, você acredita que o mercado de estudo no exterior tem aumentado?

- Sem dúvida. Se parar para imaginar que dez anos atrás só se falava em Estados Unidos em termos de viagem e intercâmbio de longa duração, ou seja, pessoas iriam ficar um ano nos Estados Unidos. Nesses últimos dez anos a procura pelo curso aumentou e a variedade de ofertas de cursos também porque agora você pode ir para trabalhar e estudar, você pode ir para jogar, fazer um esporte e aprender línguas. Você pode ir para esqui e aprender línguas em todas as idades, hoje em dia você não precisa ser mais só jovem para poder morar fora. Você pode ter 80 anos que existem grupos específicos para a terceira idade, para fazer um curso de línguas em Roma, por exemplo. Então a oportunidade é muito maior, isso é uma consequência acho da velocidade dos meios de comunicação. Eles aumentaram. Antes uma escolinha que ficava isolada na costa oeste do Canadá, hoje em dia ela tem o *site* dela, então se o cara lá em Pindamonhangaba quiser ir para essa escolinha estudar, ele já tem como ter acesso a isso.

10) E o mercado no Brasil também aumentou?

- É. Acho que o mercado aqui também tem crescido. Agora a gente sofre bastante com a desvalorização da nossa moeda com relação aos grandes fluxos de capitais em dólar e euro. Então, essa desvalorização para gente sempre é difícil no quesito viagem e experiências internacionais. Para o brasileiro é penoso, demora, tem que ser uma coisa planejada em longo prazo. Abrir mão de algumas coisas, não é tranquilo.

11) Por que os alunos fazem alguns cursos de imersão? O que os leva a procurar cursos no exterior?

- Olha, porque a vivência dentro da cultura propicia que o aprendizado do idioma seja meramente uma consequência e não simplesmente a causa dessa experiência. A pessoa quando está envolvida com uma experiência fora do país, ela está imersa na cultura de forma que o idioma torna-se uma consequência dessa experiência, ou seja, o simples fato dela estar vivenciando aquilo naquele local, ela está dando a chance de absorver a cultura. Então ela passa por uma ponte, ela passa por um lugar que tem uma parada de ônibus, ela vê o nome da parada de ônibus, naquela língua e ela já absorveu aquele conhecimento de uma forma que nenhuma aula daria condição para ela de viver uma “*bus stop*”, por exemplo. Ele está ali, vai visualizar aquela palavra, então ele está vivenciando o idioma de uma forma que acaba estudando a consequência e não a causa da viagem. Eu sempre gostei de falar para os alunos que eu instruí para viajar, que tem que ver o idioma como sendo apenas um dos dedos da mão do seu intercâmbio. Ele não é a mão inteira. Então ninguém vai viajar unicamente porque quer aprender o idioma, e se for, está perdendo muitas outras visões que está adquirindo com essa viagem.

12) Você acredita que seria interessante realizar mais pesquisas que pudessem ajudar esses tipos específicos de alunos (alunos que fazem curso no exterior?)

- Sim. Eu acho que uma prova disso é a falha dos tradicionais métodos de ensino de línguas. Eu falo no caso de Brasília, a falha de tentar fazer isso de forma rápida e contínua. Porque o que acontece? Sociedade informatizadíssima, todo mundo quer usar o computador, todo mundo quer saber inglês, mas ninguém quer ficar quatro anos estudando numa escola de línguas para aprender o idioma, seja ele o japonês, seja ele o chinês, seja o inglês, qualquer uma delas, as pessoas não querem viver por quatro anos, o tempo de uma faculdade, para aprender uma língua. Então é necessário, existem demandas para que novas técnicas, novas experiências em termos de linguagem sejam utilizadas para que o idioma seja aprendido de uma forma mais dentro da vivência da pessoa, porque nem todo mundo vai ter a chance de ir para aquele país para vivenciar aquela cultura. É necessário criar novos canais, que aquela cultura chegue de outras formas, que não através de um livro, de um CD, para essa pessoa. Novos canais são necessários e esses canais ainda não existem. Como você disse, há uma grande demanda e há um grande campo para experimentação na área de técnicas de absorção de idiomas, de aprendizado de idiomas.

13) Você acha que a atitude cultural influencia na aquisição de línguas?

- Bom, como a gente vem falando ao longo dessa conversa, eu acredito que a cultura é o fator determinante para aquisição da cultura, eu me sinto assim até meio... ignorante tentar aprender uma língua como japonês, por exemplo, desconhecendo onde fica a ilha de Java, que é o único lugar onde é falado o idioma. Eu não consigo ver uma forma de adquirir tal conhecimento tendo um desapego do local geográfico, do contexto histórico, do que acontece lá, da cultura, dos valores etnográficos, tudo aquilo que envolve a cultura, para que eu possa assim entender o porquê do significado que foi dado a tal signo. Uma coisa que eu acho que é inerente à linguagem é que independe de ser a língua verbal, ela antes de ser verbal, a língua é não verbal, ela foi comum pela raça humana. Se parar para pensar se ela no crescimento e desenvolvimento do ser humano, antes da gente desenvolver as línguas baseadas pelos contextos espaciais, do espaço geográfico, existia uma ligação de comunicação que não era verbal, então as pessoas se comunicavam por grunhidos, por sons e por gestos. Até hoje ele é válido aqui no Brasil, na China, nos Estados Unidos, você se comunica não verbalmente.

14) A linguagem corporal também...

A linguagem corporal, a linguagem não verbal, então nós já estamos unidos por uma certa língua não verbal, entendeu? Então, assim, você conseguir propiciar dentro de um ensino a união dessa língua, dessa linguagem não verbal com o contexto cultural das línguas pode fazer com que você aprenda diversas línguas ao mesmo tempo, de repente.

15) E de que maneira a cultura pode influenciar na aquisição de uma segunda língua?

- Alguns professores de inglês aqui acreditam que cada idioma é uma alma que você adquire. Alguns poetas e alguns escritores falam isso. E eu acho o seguinte: é... vivenciar uma outra cultura é estar aberto para outros conceitos de realidade. Então se você utilizar desses conceitos para o ensino e o aprendizado do idioma, ele vai ser muito mais enriquecedor, você não vai estar pegando unicamente um idioma, você vai estar adquirindo novos conceitos, novos padrões de moral, novos padrões de verdades dentro dessa outra cultura que você está aprendendo, então, isso vai enriquecer muito mais do que unicamente o novo conjunto de palavras que juntos formam o significado da língua.

16) E você acredita que essa influência pode ser positiva e às vezes também negativa?

- É. Eu acho que ela pode acabar sendo negativa se ela não for explorada da forma que ela deveria ser. Eu acho que é como eu disse, a pessoa que está interessada em vivenciar uma experiência em outro país unicamente pensando em viver o idioma vai ter sérios problemas de adaptação, sérios problemas de conseguir viver o local, vai ter sérios problemas de não fazer comparações, de falar “ah, no meu lugar de onde eu venho, no meu habitat é assado, é assim, é assado”, entendeu? E esse habitat é dessa outra forma, ou seja, ela criou limites e barreiras para que ela adquirisse mais conhecimentos de que é além do idioma. Então, nesse caso, o que acontece? Ela pode ser negativa quando as pessoas ou a estrutura da qual ela faz parte, não propicia que ela vivencie isso. Então pode ser que a escola faça com que ela fique num outro país, ela viaja do Brasil para o Cairo por exemplo, e passa oito horas do dia dela dentro da sala de aula, aí já é noite e ela não viu nada da cidade, ela já está cansada porque estava o dia todo na sala de aula, vai para o hotel, vai dormir. Então esse curso dela no Cairo poderia ser feito aqui no Rio de Janeiro ou em São Paulo porque ela não está vendo nada da cultura. Então pode ter o aspecto negativo também, tanto de infra-estrutura, quanto o posicionamento da própria pessoa ou a empresa, vamos dizer assim.

17) Com a sua experiência, você poderia dar alguns exemplos de alunos que foram beneficiados na aquisição de L2, porque assimilaram a cultura-alvo?

- Sim, posso dar alguns exemplos. Eu, meu exemplo pessoal de diversas oportunidades depois que fiz esse intercâmbio que adquiri conhecimentos na língua inglesa, tive várias atuações como intérprete, tradutor, como professor de inglês, professor particular de inglês e cursos que eu pude fazer, promoções na minha própria empresa pelo fato de ter uma vivência na língua fora do país e como outros exemplos eu posso te dar, por exemplo, pessoas que vieram, ficaram na minha casa, da Alemanha, que aprenderam português e atualmente

trabalham na Câmara de Comércio Brasil-Alemanha, e elas fazem parte de tradução e protocolo cerimonial entre as Câmaras, então quando as delegações de empresários brasileiros vão para Alemanha eles atuam junto a eles e quando os empresários alemães vêm da Alemanha para o Brasil eles também fazem toda a parte de acompanhamento. Então eu acho que é uma rede muito interessante essa do intercâmbio, porque acho que existe uma ligação muito forte e quando você vê que as pessoas são ligadas por algo que transcende esse valor de identidade cultural, quando se tem a capacidade de olhar para a pessoa e ver que ela é simplesmente mais um ser humano que tem problemas, dilemas, ex-namorados, ressacas, contas a pagar, etc... A única diferença é que ela está falando outro idioma, veste outra roupa, o país dela tem mil anos a mais do que o meu, mas no fundo acabamos sendo seres humanos. Isso é uma coisa que liga todos nós, de forma que a gente não podia estar dando valor para diferenças. A diferença só soma nesse sentido.

18) E o que os alunos podem fazer para assimilar a cultura-alvo?

- Eu acho que é integrar essa cultura. Eu acho que não adianta você achar que a cultura vai te absorver sem que você absorva a cultura. Então é participar das atividades culturais, ver a movimentação cultural do país, ou seja, saber o que acontece em termos de manifestações musicais, artísticas e teatrais. Acho que é importante ter noção pelo menos superficial do cenário sociopolítico do país, em que pé anda a questão econômica, a questão social, como o governo lida com essa questão. Eu não estou dizendo que você tenha que ser um especialista, saindo daqui sendo um especialista em assuntos internacionais sobre o país para onde você está indo, mas acredito que é importante você ter uma leve noção sobre todos esses tópicos sociopolíticos e econômicos porque eles vão te dar uma situação tanto nesse momento que você está vivendo quanto para frente, porque quando te perguntarem de um determinado país você não vai ter aquela visão turística de “ah, eu não tive essa visão porque a minha preocupação era o mapa, de como ia do local sul para o local norte”. Se você conseguir transcender essa barreira chegando a entender o contexto das coisas, acho que é dessa forma, de você estar inserido nas questões culturais, nas programáticas sociopolíticas e econômicas.

19) Você acredita que os materiais didáticos, aulas, deveriam conter mais o componente cultura?

- É. Acho que todos deveriam ser assim. O que aconteceu foi que os processos de comunicação das mídias evoluíram, mas os processos didáticos não evoluíram junto com eles, ainda. Para a gente do terceiro mundo, acho que poderia criar, aproveitar esse momento de transição e criar formas, métodos alternativos que se adequassem à nossa realidade, mas se adequassem à realidade digital ao mesmo tempo. Ao passo que a gente não pode pensar num Brasil em que todos vão ter direito a aprender inglês a partir de que agora *linkados* numa rede de bate-papo com câmeras e viva-voz, não tem mais teclado... seria surreal eu pensar numa sociedade onde 55 milhões de pessoas são miseráveis. É importante pensar em como essa aplicação moderna pode substituir aquela aplicação tradicional que tem que pegar um livro, produzir o livro e mandar ele para o interior do Maranhão, para que lá tenha educação. As mídias e a comunicação fazem com que as letrinhas do livro cheguem muito mais rápido e muito mais barato lá, de outras formas. Para quem está aqui, a gente não pode fechar os olhos. Tem a classe A e a classe B, de nível onde 68% das pessoas dos bairros de Brasília possuem conexão à Internet, a gente não pode fingir que essa não é a nossa realidade. A gente tem que adequar o nosso uso do aprendizado, da nossa pedagogia do ensino de tudo, não apenas de idiomas, mas de gastronomia, engenharia, música, etc... usar dessas novas ferramentas que a gente tem para ensinar, porque a gente vive um mundo de imagens. As imagens não são tão estáticas como é a página de um livro, então você pode usar de outros artifícios para chegar a um conhecimento mais elaborado e que aborde mais elementos, muito mais complexos. Que tal uma aula, por exemplo, fazendo um passeio virtual por uma rua de Londres, onde você pode interagir com uma pessoa. Você pode comprar um cigarro num café e sentar para tomar uma cerveja num pub, virtualmente. Isso já é possível, mas como poderia ser explorado? Aí sim eu vejo que seria a aplicação do uso da cultura do idioma. É você por exemplo, conseguir levar os alunos de francês para fazer um passeio no Louvre. É uma aplicação completamente normal. Entra todo mundo numa sala e passa o vídeo onde as pessoas estão ouvindo os barulhos, elas podem ver as pessoas, algumas vão abordá-la para conversar, falar alguma coisa com elas, ou seja, eu consigo visualizar mil e uma aplicações que ainda não são feitas.

20) Você já ouviu falar no ensino intercultural?

- Já. Educação intercultural. Inclusive eu trabalhei para uma empresa, cuja proposta deles era enfatizar a educação intercultural. Acho que é de fundamental importância. O nosso mundo hoje, vive a transmutação do

material do átomo para o bit, para os bits de informação. Então isso faz com que a gente possa viver essa educação intercultural de uma forma muito intensa. Então antes, a educação intercultural era você poder ter um livro que alguém trouxe para você do exterior. Isso era educação intercultural. Você ia na biblioteca e lia o livro de um espanhol que não tinha tradução para o português. Você tinha que ler o livro em espanhol. Hoje, a gente não tem mais esse tipo de educação intercultural. Hoje você quer ter uma aula sobre esse autor, você entra numa página da Internet e vai ter todos os artigos que este autor escreveu, artigos correlatos ao que ele escreveu, pode conhecer os lugares sobre o qual ele escreveu e tudo o mais. A educação intercultural aborda muito mais elementos do que a gente tinha anteriormente.

21) E como era abordada na empresa onde você trabalhou?

- O quesito principal lá era a educação junto a esse fator cultural da vivência. As pessoas teriam que vivenciar um alojamento universitário ou uma casa de família, ou um estilo. Se você quer uma casa comum onde você tem o seu quarto, mas divide as áreas da casa. Então, era propiciar que a pessoa vivenciasse um outro idioma de forma didática, numa escola e ao mesmo tempo tivesse a vivência dentro de uma família ou dentro do contexto cultural. Além disso, seriam proporcionadas viagens, lanches, confraternizações entre o grupo para que essa vivência de estudantes de outros países também pudesse ocorrer durante ao longo dessa experiência. Eu acho que é por aí. Mas, qual é o problema? Não se pode deixar de completar, que ninguém vive de filantropia. Até mesmo a filantropia precisa de dinheiro. Filantropia é uma máquina que gera dinheiro tanto quanto uma empresa. Inclusive existem empresas filantrópicas que geram milhares de dólares a mais do que muitas empresas que não são, e nem por conta disso deixam de gerar dinheiro. Acho importante também que as empresas que vão ter esse tipo de trabalho tenham uma preocupação muito grande com esse fator financeiro, que é determinante para o sucesso ou não da sua empresa. É lógico que você cobrar de um estrangeiro em reais, com o nosso dinheiro e cobrar dele em dólar, faz com que as pessoas tenham um parâmetro, às vezes muito difícil de lidar com isso. Eu vejo que tenho lidado com várias pessoas ao longo dos anos, principalmente as pessoas com menos instrução. Com os mais instruídos é muito tranquilo, mas com os sem instrução, é muito difícil. Porque ele não está preparado para ter essa vivência cultural. Para ele não é uma vivência cultural, é uma vivência meramente financeira. É alguém que possui um volume capital maior do que ele. Então, essa é uma questão ainda a ser abordada também, por outra análise, não por essa análise que a gente está fazendo de linguagem. Mas aí, é para um lado mais financeiro, que é importante também essa preocupação.

Bruno, queria agradecer sua participação nessa pesquisa e dizer que esses dados serão de grande importância para o nosso trabalho.

Foi um prazer. Qualquer informação é só entrar em contato novamente.

Obrigado.

Entrevista com a Gerente da Empresa de intercâmbio:

- 1) Andréia (nome fictício), estamos fazendo uma pesquisa e vou fazer algumas perguntas que a gente vai tentar respondê-las junto, ao longo desse tempo. O que você faz profissionalmente e há quanto tempo?**

- Eu gerencio uma agência de intercâmbio em Brasília, há dois anos.

- 2) Você tem alguma atividade que envolva algum contato com alunos, pessoas estrangeiras ou que tenham morado ou estudado em um outro país?**

- Eu tive uma franquía de uma empresa de intercâmbio, na minha terra, em Santa Catarina, durante seis ou sete anos.

- 3) E você gosta dessa interação com pessoas estrangeiras?**

- Eu acho extremamente enriquecedora, eu gosto muito. Gosto.

- 4) E por que você gosta?**

- Porque abre os horizontes. Na verdade, eu gosto de poder proporcionar para as pessoas que estão saindo do Brasil a viabilização de um sonho, de poder ajudar as pessoas que estão vindo de fora com o meu trabalho, enfim, acho isso bem legal. E a gente tem conhecimento com pessoas de diversas escolas que vêm nos visitar, é bem legal porque você capta um pouco de cada cultura.

- 5) Você acredita que o mercado de estudo no exterior tem aumentado?**

- Acredito. Acredito que tem aumentado porque cada vez mais as pessoas estão precisando de inglês. Eu acho que as pessoas e o inglês, tem aumentado muito. E antes era só Estados Unidos, hoje as pessoas estão mais abertas a conhecerem outros países, outras culturas, estão viajando muito mais e outras línguas também estão crescendo como o espanhol, o italiano, etc. Antigamente existia um grupo muito seletivo de pessoas que iam viajar. Hoje em dia todas as faixas etárias vão viajar. Eu tenho mandado gente de 60, 70 anos de idade para o exterior.

- 6) E o mercado no Brasil também aumentou? As pessoas vindo de fora para o Brasil?**

- Eu acho que tem um mercado muito grande. Sim, a gente agora está desenvolvendo um projeto – isso é extremamente confidencial – porque a empresa abriu algumas franquias fora do Brasil e a idéia de ter essas empresas fora do Brasil é justamente para trazer as pessoas para cá. Existem algumas empresa no Brasil com projeto piloto de receber, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, aqui em Brasília ainda não. A gente ainda não trabalha muito com isso, mas temos grande interesse.

- 7) Você acredita que seria interessante realizar mais pesquisas que pudessem ajudar esse tipo específico de aluno? Alunos que estudam no exterior?**

- Claro, você disse as pessoas que vêm para cá ou as que estão indo para lá?

8) As pessoas que estão indo para lá. A nossa pesquisa vai trabalhar mais com as pessoas que estão indo fazer curso no exterior.

- Hoje em dia as pessoas que estão indo para fora, vão ter que correr atrás da própria informação que ela quer do país. Existe uma mística muito grande em função de uma série de coisas. Acho que falta esse tipo de dado realmente, até mesmo para a gente. As pesquisas que são feitas muitas vezes são realizadas por organizações que a gente mesmo criou.

9) Você acha que a cultura influencia no processo de aquisição de línguas?

- Claro. Inclusive é muito importante a gente entender um pouco a pessoa, para conseguir saber onde ela vai se adequar melhor. Quer dizer, a gente colocar uma pessoa num lugar onde a cultura é muito diferente da dela, onde ela não está aberta, pode cair por terra totalmente o programa dela de intercâmbio, se a gente pensar negativamente.

10) De que maneira a cultura pode influenciar na aquisição de uma segunda língua?

- Olha, o que a gente está vendo com o que está acontecendo com os Estados Unidos, por exemplo, é nítida a postura que a gente sempre teve de ser meio colonizado pelos Estados Unidos e toda a influência que a gente tinha na nossa cultura aqui que era importada de lá. Vendo essa coisa que mudou totalmente, uma postura até um pouco antipática que eles estão tendo perante o mundo, quer dizer, está fazendo com que as pessoas acabem abrindo a cabeça para outros lugares. Para Austrália, Nova Zelândia, por exemplo, que tem toda uma idéia de geração saúde, uma época em que a gente está querendo cuidar do corpo, está todo mundo indo para a Índia (da Yoga), e com certeza, acho que as pessoas serão influenciadas pela cultura do lugar para onde elas querem ir.

11) Você acredita que essa influência da cultura pode ser positiva ou negativa?

- Pode ser negativa, claro. Por isso que há essa responsabilidade de nós mesmos entendermos (não a fundo), mas entendermos mais ou menos sobre a pessoa que está na nossa frente, o que ela espera, quais os seus sonhos e tentar adequá-la em um lugar onde isso vai ser mais possível. É isso que faz a gente, é esse o segredo do nosso sucesso.

12) Com a sua experiência, você poderia dar exemplos de alunos que foram beneficiados? (alunos de cursos de imersão, na aquisição de L2 e que assimilaram bem a cultura-alvo).

- Nossa! Tem todo o ano. Depois que a gente manda um grupo, por exemplo, de *high school*, manda crianças e voltam pessoas seguras, independentes, maduras, que se conhecem mais, que se testaram mais, que passaram por diversas dificuldades e conseguiram sair delas. Acho que esse processo que é tão difícil, de adaptação, depois que passa, ele consegue seguir em frente. Quando essa pessoa volta, volta muito mais fortalecida. Enquanto pessoa isso é muito claro. Esse processo de crescimento pessoal é muito forte. Tem pessoas que conseguiram histórias de sucesso, “aí, consegui promoção na minha carreira”! Tive um menino que foi trabalhar na Mercedes Benz, voltou sendo contratado pela Mercedes Benz, hoje está em São Paulo sendo gerente de uma determinada área. Acho que os que vão e não conseguem ultrapassar a fase mais difícil (voltam no meio do programa), mesmo essas pessoas, conseguiram uma grande experiência. Eu acho que vale muito a pena.

13) E você acha que para adquirir uma língua você precisa adquirir uma cultura? Você acha que existe uma ligação para essas coisas?

- Eu acho que sim. Primeiro, que é muito mais fácil você aprender lá onde está sendo falada a língua. Quando você assimila a cultura, o processo de aprendizado da língua se torna muito mais fácil, eu acho que sim.

14) O que os alunos podem fazer para assimilar a cultura-alvo?

- Eu acho que se despir um pouquinho dos conceitos, da sua visão de mundo, estar aberto a tentar enxergar a visão do outro, em como é que aquela pessoa vive. Por isso que morar em casa de família, participar dos programas, às vezes programa de índio, as minhas meninas dizem “nossa, o pessoal australiano faz piquenique igual farofeiro”! então, essas coisas que a gente tem, que para nós é um programa, se você conseguir se despir, se desarmar e participar disso, você está muito mais aberto a aprender as coisas deles.

15) Você acredita que os materiais didáticos, aulas, deveriam conter o componente cultura?

- No exterior?

16) Ou aqui mesmo.

- Aqui, não existe. Acho que as escolas no exterior já estão assim. Das que a gente manda, muitas escolas já estão mais abertas e inserindo isso, até porque existem todas as tribos nessas escolas. Mas aqui no Brasil isso não existe. Claro que eu acho que quanto mais a gente comentar, mais a gente vai estar aberto a isso e mais as pessoas vão estar abertas às diferenças. Tudo o que a gente vê hoje em dia de guerra, de confusão, é muito relacionado a essa intolerância que a gente tem. Acho que quanto mais a gente conseguir abrir isso, acho que mais a gente ganha, mas rico a gente fica.

17) A gente pulou duas perguntas que vou fazer agora: Por que os alunos fazem algum curso de imersão? Ou o que leva esse tipo de aluno específico a procurar um curso no exterior?

- Existem os mais diversos perfis. Existem pessoas que estão procurando na carreira, pessoas que já viajaram, mas querem fazer um tipo de intercâmbio, um tipo de viagem diferente, existem pessoas que estão querendo conhecer outra cultura mesmo, eu te falei agora dos velhinhos, a gente comentou antes, tenho muita gente querendo viajar na terceira idade, namorar, e agora as escolas também têm a maior gama de produtos. Por exemplo, degustação de vinho, cozinha, tango, tudo que você quiser. Então existem formas de motivação as mais diversas. Acho que a gente pode associar a carreira, o inglês e a experiência de conhecer.

ANEXO C

MODELO DO QUESTIONÁRIO DE ATITUDE CULTURAL FASE 1

- 1) Qual é o seu nome?(o seu nome será substituído por um número identificador)
- 2) Qual é a sua idade?
- 3) Qual é o seu grau de escolaridade? Você continua estudando? Onde você estudou?Qual é ou será a sua graduação?
- 4) Qual é o grau de escolaridade dos seus pais? O que eles estudaram? Seus pais já estudaram inglês? Comente a sua resposta.
- 5) Os seus pais já tiveram alguma experiência no exterior? Explique.
- 6) O que você faz profissionalmente? Há quanto tempo?
- 7) Existe alguma relação entre o seu curso ou profissão e a sua decisão de estudar no exterior?
- 8) Você já estudou inglês antes? Onde você estudou? Quanto tempo estudou? Em que nível você parou: básico, intermediário ou avançado?
- 9) Você já morou em algum outro país? Qual era o país? Quanto tempo morou? Você aprendeu a língua? Explique a sua resposta.
- 10) Por que você decidiu estudar inglês no exterior? Você foi incentivado por alguém? Explique.
- 11) Qual é a duração do seu curso e quanto tempo você pretende ficar no país de sua escolha?
- 12) Qual foi a sua razão em ter escolhido os Estados Unidos como país da língua-alvo? Você já foi aos Estados Unidos? Quanto tempo ficou e qual foi o propósito de sua viagem? Explique.
- 13) Você tem preferência por algum estado ou cidade nos Estados Unidos? Justifique a sua resposta.
- 14) Quanto irá custar o seu curso de inglês nos Estados Unidos?(incluindo passagem).Quem irá pagá-lo?

- 15) Aonde você irá se hospedar durante o seu tempo de estadia nos Estados Unidos? Por que você escolheu este local? Justifique a sua resposta.
- 16) Você conhece alguém que tenha feito um curso de inglês nos Estados Unidos? Quais foram três aspectos positivos e três aspectos negativos desse estudo?
- 17) Você é casado ou solteiro? Se namora, há quanto tempo? Você sentirá falta dele ou dela? Muito, razoável ou pouco? Comente a sua resposta.
- 18) Você é muito apegado a sua família? Muito, razoável ou pouco? Justifique a sua resposta.
- 19) Você acredita que o seu nível de apego a sua família poderá influenciar no seu desempenho na aquisição da língua-alvo, quando estiver estudando nos Estados Unidos? Explique a sua resposta.
- 20) Você tem afinidade por algum povo ou cultura estrangeira? Justifique e explique a sua resposta.
- 21) Você tem algum sentimento de repulsa por algum povo ou cultura estrangeira? Justifique e explique a sua resposta.
- 22) Cite três diferenças culturais entre o Brasil e os Estados Unidos?
- 23) Você acredita que essas diferenças entre as duas culturas possam afetar no seu desempenho acadêmico, enquanto estiver estudando nos Estados Unidos? Justifique a sua resposta.
- 24) Você já teve alguma experiência positiva ou negativa com algum americano ou sabe de alguém que teve? Comente a sua resposta.
- 25) O que você acha do povo americano? Tente defini-los por meio de três adjetivos.
- 26) Você tem interesse por alguma coisa específica sobre a cultura americana além da língua inglesa?
- 27) Como você acredita que nós somos vistos pelos americanos? Como eles nos classificariam? Cite três adjetivos.
- 28) Como os seus sentimentos em relação à cultura americana poderiam afetar no seu estudo de inglês nos Estados Unidos?
- 29) Se você tivesse uma experiência negativa, qual seria a sua atitude? Você abandonaria o seu curso? Justifique a sua resposta.
- 30) Quando você estiver estudando inglês nos Estados Unidos, o que você acredita ser mais importante, o estudo formal, sala de aula e livros ou o contato com os nativos? Explique a sua resposta.

- 31) Em sua opinião quais são três coisas que o aluno deve fazer e três coisas que ele não deve fazer para ter sucesso na aprendizagem da língua-alvo? Explique a sua resposta.
- 32) Quando você começa o seu curso no exterior? Você está ansioso para iniciá-lo? Muito, razoável ou pouco? Justifique a sua resposta.

Boa sorte!!!

ANEXO D

Amostras das Transcrições das Respostas do Questionário de
Atitude Cultural Primeira Fase

Nessa parte do anexo resumiu-se as transcrições iniciais do Questionário de Atitude Cultural realizado como processo avaliativo contido no capítulo 5 do presente trabalho.

Entrevista: Denise .

Eu gostaria agradecer a oportunidade de fazer essa entrevista com você, e a sua contribuição para o nosso trabalho. A primeira pergunta é: Qual o seu nome?

- Denise.

O seu nome será substituído por um nome identificador. Você não precisa ficar com vergonha ou apreensiva em responder essas perguntas está bem? Qual é a sua idade?

- 39 anos.

Qual o seu grau de escolaridade? Você continua estudando, estudou, onde você estudou ou estuda e qual é a sua graduação?

- Eu tenho duas graduações, sou bacharel em Segurança Pública, tenho licenciatura plena em educação física, tranquei Direito, fiz 6 semestres, e atualmente só estudo inglês.

Qual o grau de escolaridade dos seus pais? Seus pais já estudaram inglês? Comente sua resposta.

- Sim a minha mãe (já falecida) teve somente o segundo grau, como também o meu pai que deu início ao estudo de inglês já na 3ª idade por motivação minha. Eu tive interesse como uma terapia ocupacional.

Seus pais já tiveram alguma experiência no exterior? Explique.

- Não nenhuma experiência, somente eu.

O que você faz profissionalmente e há quanto tempo?

- Sou policial militar há 20 anos.

Existe alguma relação entre o seu curso e profissão, e a sua decisão de estudar no exterior?

- Sim, como eu fui segurança da dna. Ruth Cardoso, a ex primeira dama, ali eu sentia a necessidade de melhorar o meu inglês que até então era muito básico e onde fui descobrir que eu não falava inglês; o que eu tinha era só o colegial e não me ofereceu o nível que eu desejava. Com trocas de experiências, viagens, me forçou pra que eu me dedicasse mais ao inglês. Foi por aí, essa iniciativa que eu tive de conhecer o exterior.

Você já estudou inglês antes, quanto tempo e onde? Você parou em que nível, básico, intermediário ou avançado?

- Eu estudei no colegial no Rio de Janeiro, e paralelamente eu fazia cursinho. Eu acredito hoje, pelo que eu sei de inglês, que não tenha passado do básico.

Você já morou em outro país? Qual o país? Quanto tempo? Você aprendeu a língua? Explique a sua resposta.

- Eu nunca conheci nenhum outro país. Não aprendi língua nenhuma ainda, pretendo ampliar meus conhecimentos e estudar, praticar o inglês que até então é muito básico.

E porque você decidiu estudar inglês no exterior? Você foi incentivado por alguém? Explique.

- A minha profissão requer. Com essa experiência que eu tive de ser segurança de autoridade, isso me forçou e estimulou ao mesmo tempo a procurar a melhorar o inglês, fazer umas viagens mais complexas, e eu senti necessidade. E fiquei mais motivada por força da profissão.

Qual a duração do seu curso e quanto tempo você pretende ficar no país de sua escolha?

- A duração não está especificada, vai ser adequada ao tempo disponível. Aproximadamente 6 meses. A princípio 6 meses, mas pode ser que eu fique menos. No máximo 6 meses contínuos.

Qual a razão de você escolher os Estados Unidos como país da língua alvo? Você já foi aos Estados Unidos? Quanto tempo ficou e qual foi o propósito de sua viagem? Explique.

- Eu fui aos Estados Unidos a trabalho. Minha primeira visita foi a trabalho e aí eu percebi que o inglês está muito além do que eu espero. Tanto a nível cultural quanto a prática do inglês. Essa viagem me abriu os olhos e me motivou ainda mais pra que eu desse prosseguimento ao meu estudo de inglês. Está muito básico ainda.

Você tem preferência por algum estado ou cidade nos Estados Unidos? Justifique a sua resposta.

- Sim, a preferência é minha única oportunidade. Eu conheço uma pessoa que trabalha no serviço secreto nos Estados Unidos, ela mora em Washington, me ofereceu estadia, inclusive se eu quiser estudar eu terei essa oportunidade, já estou me preparando financeiramente, pra que eu possa pagar esse curso lá. Tendo amizade e estadia, acho que está conveniente o suficiente pra que eu possa viajar.

Quanto irá custar o seu curso de inglês nos Estados Unidos e quem irá pagá-lo?

- A passagem eu irei pagar, está cerca de 900 dólares. O curso está em torno de 600 dólares – um mês e pouco, 680 dólares aproximadamente. Porque esse curso é voltado pra estrangeiros, não é um curso contínuo, é um curso pra estrangeiros. Eles vão trabalhar exclusivamente o estrangeiro, vão tentar cobrir essa necessidade, essa dificuldade que o estrangeiro tem quando chega numa cidade desconhecida.

Você conhece alguém que tenha feito curso de inglês nos Estados Unidos? Quais os 3 aspectos positivos e 3 aspectos negativos deste estudo?

- Eu não conheço ninguém que tenha ido e que tenha me passado alguma experiência.

Vai na cara e na coragem?

- Claro.

Você é casado ou solteiro? Se namora há quanto tempo? Você sentirá falta dele ou dela muito, razoável ou pouco? Comente sua resposta.

- Pra ser sincera já fui casada, sou solteira, namoro atualmente, mas não vou sentir saudades.

Você é muito apegado à sua família? Muito, razoável ou pouco? Justifique a sua resposta.

- Eu nasci no Rio de Janeiro, a minha família especificamente é muito apegada mas com a morte da minha mãe eu me tornei mais independente. Quando cheguei em Brasília sendo policial militar fiquei mais independente ainda. E isso me favoreceu muito a eu sair daqui, viajar, se eu precisar morar em qualquer outro país, eu vou. O que me prende ainda um pouco é meu pai na terceira idade, me prende um pouco. Mas se for necessário eu vou.

Você acredita que o seu nível de apego à sua família poderá influenciar no seu desempenho da língua alvo quando estiver estudando nos Estados Unidos? Explique sua resposta.

- Eu acredito que eu estando lá se acontecer algum problema de saúde com o meu pai ou um ente próximo, meu irmão, isso venha a afetar um pouco. Porque emocionalmente a gente fica ligado aqui no Brasil. Fora isso nada.

Você tem afinidade por algum povo ou cultura estrangeira? Justifique e explique sua resposta.

- Infelizmente não conheço nenhum outro estrangeiro com afinidade. Então eu pretendo conhecer a cultura americana.

Você tem algum sentimento de repulsa por algum povo ou cultura estrangeira?

- Não, não tenho motivo nenhum. Eu precisaria ter um motivo. E não tenho.

Cite 3 diferenças culturais entre Brasil e Estados Unidos.

- Pelo que vejo pela TV e não por experiência ainda, primeiro a diferença econômica, país de primeiro mundo, cultural, acredito que as diferenças culturais influenciam em outros aspectos e acho que a terceira teria que ter essa experiência. Por enquanto só vislumbrei essas duas.

Você acredita que essas diferenças entre essas duas culturas possam afetar no seu desempenho acadêmico quando estiver estudando nos Estados Unidos?

- Pelo que eu vejo pela mídia, que os americanos não gostam muito dos latinos e eu vou ter que encarar isso, não sei de que forma. Vai depender de como eu serei recebida lá. Eu não posso responder isso até que eu chegue lá e eu não sou preconceituosa. Eu prefiro viver a situação pra depois comentar.

Você já teve alguma experiência positiva ou negativa com algum americano? Ou sabe de alguém que teve? Comente sua resposta.

- Não, não tenho nenhum exemplo de experiência positiva ou negativa. Essa minha viagem aos Estados Unidos foi muito rápida como eu falei, foi em função de trabalho, o que eu pude perceber profissionalmente é que eles procuraram o máximo mostrar a competência, isso foi constatado, a pontualidade, boa apresentação pessoal, eles mostraram o lado positivo deles. Profissionalmente o que eu pude perceber é que eles demonstram, eles querem sempre a perfeição. No trabalho eles amam aquilo ali, como a gente ama o nosso país. Esse patriotismo é bem aflorado.

Você disse que fez uma amizade com um agente do serviço secreto, de alguma forma você teve alguma experiência positiva?

- Essa experiência que eu tive com ele me aproximou porque ele conhecia muito a nossa cultura. Parecia conhecer bem o Brasil, falou bem do Brasil, teve experiências aqui, tanto ele como a família dele fala bem o português, houve essa proximidade por força da cultura. Ele conheceu o Brasil e nós podemos dialogar, eu

com o meu inglês muito básico, eu pude conversar com ele em português e conhecê-lo, ele fala muito bem de lá e me despertou uma curiosidade.

O que você acha do povo americano? Tente defini-los por meio de três adjetivos.

- Auto-suficientes, amam seu país, procuram sempre melhorar, primam muito pela qualidade de vida. Sempre.

- Você tem interesse sobre alguma coisa específica sobre a cultura americana além da língua inglesa?

- Eu gostaria de fazer um curso de negociação. Como aqui no Brasil a gente tem muitos seqüestros em pauta, os seqüestros relâmpagos, o melhor curso está lá. Eles têm técnicas de negociação pra resgate de reféns. Particularmente me atenderia muito. Só tenho esse interesse, mas reconheço que meu inglês não é suficiente pra que eu possa sair do Brasil e fazer esse curso lá, a não ser que tenha um tradutor ou alguém que possa me apoiar de perto. Fora isso, eu gostaria de conhecer o país e só.

- Como você acredita que nós somos vistos pelos americanos? Como eles nos classificariam? Cite 3 adjetivos.

- Como já falei eu não gosto de fazer um pré-conceito. Eu espero visitar os Estados Unidos e avaliar a situação. Se eu tivesse 18 ou vinte e poucos anos eu poderia até sair daqui já com estereótipo do americano, não vou fazer isso. Eu quero realmente ver e perceber (sou muito perceptiva e sensitiva), eu quero ver como é esse comportamento, porque eles agem daquela forma. Não estou somente viajando, claro que eu tenho o interesse da língua mas conhecer a cultura vai muito além disso. Não quero fazer nenhuma observação antes de fazer essa viagem. Quero aguardar.

Como os seus sentimentos em relação a cultura americana poderiam afetar no seu estudo de inglês nos Estados Unidos? Embora você não queira deixar transparecer agora algum sentimento que tenha por não ter tido esse contato melhor ou maior com o povo americano, como você acredita que seus sentimentos podem afetar de uma maneira positiva ou negativa os seus estudos de inglês nos Estados Unidos?

- Quando a gente fala de sentimento é uma coisa muito subjetiva. Eu não tenho dado nenhum que eu possa saber o grau de influência, acho que a prática vai me responder isso. Acho que com certeza quando eu voltar, eu terei essa resposta bem mais ampla. Eu acredito que tenha alguma influência, mas não passa de uma hipótese.

Se você tivesse uma experiência negativa, qual seria a sua atitude? Você abandonaria o seu curso? justifique a sua resposta.

- Eu não abandonaria o curso. Se eu tivesse alguma dificuldade desde que ela não constituísse um crime, eu teria que terminar esse curso. Não vou dizer que se for tratada com diferença, desde que não seja uma discriminação explícita, ou um preconceito, um racismo, digamos, que constitua em crime, fora isso eu vou terminar o meu curso. Tudo o que eu começo eu termino.

Mas se houver um tratamento preconceituoso, racial, você talvez abandonaria?

- Abandonaria não. Eu me defenderia. Dentro do meu nível de inglês. Eu acho que por mais que você não conheça a língua, a sua expressão facial, vai transmitir alguma coisa.

Quando você estiver estudando inglês nos Estados Unidos o que você acredita ser mais importante? O estudo formal em sala de aula e livros ou o contato com os nativos? Explique essa resposta.

- Eu acredito que sala de aula vai ser muito importante. Mas não posso desprezar o contato externo. Porque quando eu estiver nas ruas vou olhar pra direita e pra esquerda, não vou ver nada em português. Então acredito que o contato com o mundo externo vai ser tão importante quanto a sala de aula.

Na sua opinião quais são três coisas que o aluno deve fazer e três coisas que ele não deve fazer para o sucesso na aprendizagem da língua alvo. Explique essa resposta.

- Ele deve ser em primeiro lugar, pontual e disciplinado; deve rever a matéria, não só se prender ao que estudou na sala de aula, quando chegar em casa deve fazer uma revisão; e deve aplicar isso com as oportunidades que ele vai ter quando estiver fora de sala de aula. O que ele não deve fazer é por exemplo: não se dedicar e fazer o curso só por fazer, igual a um monte de curso que faz aqui, tem que realmente dar valor àquilo ali. Não somente porque está pagando. Mas porque aquilo vai ter um retorno mais pra frente. E ele não deve julgar a cultura, cada um tem o seu valor cultural, pra sair de um país pro outro pra julgar a cultura dos demais, acho que ele vai ter dificuldade. O terceiro que ele não deve fazer é fazer alguma errada. Tentar se comportar, seguir o que tem que ser feito pra ter uma rotina normal.

Quando começa o seu curso no exterior? Você está ansioso para iniciá-lo? Muito, razoável ou pouco? Justifique a sua resposta.

- Meu curso começa dia 20 de abril, está bem próximo. Estou muito ansiosa, pretendo ficar lá até 6 meses que é o tempo da minha licença especial que estou recebendo pela polícia militar, licença remunerada por 6 meses e eu pretendo ficar lá os 6 meses. Isso não quer dizer que eu vá ficar. Eu tenho esses 6 meses disponíveis.

Denise, gostaria de agradecer mais uma vez pela oportunidade de fazer essa entrevista com você, na contribuição do nosso trabalho, espero que você tenha sucesso no seu curso e que você possa atingir as metas já pré-estabelecidas aqui no Brasil. Boa sorte e muito obrigado.

- Obrigada.

Entrevista: Diego.

Eu queria agradecer a oportunidade de fazer essa entrevista com você, e a sua contribuição para a nossa pesquisa. Qual o seu nome?

- Diego

O seu nome será substituído por um nome identificador. Você não precisa ficar com nenhum receio de responder as perguntas. Qual é a sua idade?

22 anos.

Qual o seu grau de escolaridade? Você continua estudando, estudou, onde você estudou ou estuda e qual é a sua graduação?

- Eu tenho superior incompleto, continuo estudando, estudo no Uniceub e minha graduação vai ser publicidade e propaganda.

Qual o grau de escolaridade dos seus pais? Seus pais já estudaram inglês?

- Minha mãe é pós-graduada, é advogada com especialização em Direito Ambiental, já estudou inglês na Wisdom, fez um curso intensivo de 4 meses. Chegou a concluir o curso.

Seus pais já tiveram alguma experiência no exterior? Explique.

- Minha mãe já foi à Nova York. Foi fazer um cursinho de inglês de 2 meses.

O que você faz profissionalmente e há quanto tempo?

- Sou estudante desde que nasci.

Existe alguma relação entre o seu curso e profissão, e a sua decisão de estudar no exterior?

- Sim e não porque um profissional que não tem inglês fluente ele não necessariamente está no mercado. E o mercado publicitário tem muito termo técnico, tem muita coisa em inglês.

Você já estudou inglês antes, quanto tempo e onde? Você parou em que nível, básico, intermediário ou avançado?

- Sempre fui auto didata, desde criança, e aproveitei bastante o inglês do 1º e 2º grau. Curso livre nunca fiz. Mas era o tipo do aluno que terminava o livro que o professor não terminava, que assistia muito filme então o meu inglês é intermediário, avançado. Fiz alguns testes e o resultado foi esse.

Você já morou em outro país? Qual o país? Quanto tempo? Você aprendeu a língua? Explique a sua resposta.

- Ainda não morei em nenhum outro país.

E porque você decidiu estudar inglês no exterior? Você foi incentivado por alguém? Explique.

- É um sonho antigo não só da minha mãe mas meu também. Eu imagino que uma vez que a gente vá pra um país onde a língua é falada, você acaba sendo obrigado a aprender mais, a conhecer mais coisas, e ter o contato com os nativos da língua.

Qual a duração do seu curso e quanto tempo você pretende ficar no país de sua escolha?

- 6 meses e meu visto vence em 6 meses, então não tem escolha.

Qual a razão de você escolher os Estados Unidos como país da língua alvo? Você já foi aos Estados Unidos? Quanto tempo ficou e qual foi o propósito de sua viagem? Explique.

- Porque é um país que eu gosto muito, eu já estive lá em 97 quando fui à Disney por turismo e gosto muito da cultura deles.

Você tem preferência por algum estado ou cidade nos Estados Unidos? Justifique a sua resposta.

- Preferência não. Não gosto muito da área rural, não necessariamente o estado rural mas a área rural, sou uma pessoa muito urbana.

Quanto irá custar o seu curso de inglês nos Estados Unidos e quem irá pagá-lo?

- Por seis meses ele custa de 5 mil dólares incluindo passagem. Quem vai pagar, é um pedaço eu e um pedaço a minha mãe.

Onde você irá se hospedar durante o seu tempo de estadia nos Estados Unidos? Por que você escolheu esse local? Justifique a sua resposta.

- Vou me hospedar numa casa de família, escolhi porque é mais barato, e também porque estou acordando com essa família, estou tomando café com eles, e depois volto pra casa e vou conversar com eles. Toda hora do dia estou com eles.

Você conhece alguém que tenha feito curso de inglês nos Estados Unidos? Quais os 3 aspectos positivos e 3 aspectos negativos deste estudo?

- Conheço várias pessoas que tiveram tipos diferentes de experiências. Aspectos positivos: você é obrigado a falar a língua então você é obrigado a aprender mais a língua, você precisa se expressar. É o conhecimento de outra cultura, te dá uma visão de mundo completamente diferente do que você tem vivendo no Brasil, as conexões que você cria fora daqui. E tem os aspectos negativos: restri...fobia, é passível de acontecer ou não e eu acredito que dependendo da sua atitude em relação as pessoas de lá, saudade, não que eu teria problemas, mas existe as pessoas de um modo geral e a difícil adaptação a outra cultura pra quem não tem a mente aberta.

Você é casado ou solteiro? Se namora há quanto tempo? Você sentirá falta dele ou dela? muito, razoável ou pouco? Comente sua resposta.

- Eu namoro há uns três meses. Em relação à saudade eu sou muito desapegado principalmente nesse ponto de namoro. Se eu quero sair, se quero fazer alguma coisa e sei que é algo bom pra mim, saudade é claro que vai existir num primeiro momento, mas é facilmente relevado. No início sentiria alguma saudade, sentir falta da pessoa e depois diminuiria.

Você é muito apegado à sua família? Muito, razoável ou pouco? Justifique a sua resposta.

- Eu não sou uma pessoa muito família, mesmo porque eu não tenho um relacionamento comum com a minha família. Então isso acaba nem sendo tão relevante. Sou muito pouco apegado a eles.

Você acredita que o seu nível de apego à sua família poderá influenciar no seu desempenho da língua alvo quando estiver estudando nos Estados Unidos? Explique sua resposta.

- Sim e não. Acaba influenciando pelo lado positivo. Não tem aquela história de chorar de saudade. Por ser desapegado a eles eu consigo viver lá sem problemas.

Você tem afinidade por algum povo ou cultura estrangeira? Justifique e explique sua resposta.

- Com os Estados Unidos. Eu gosto da determinação do povo americano, de como a tragédia que aconteceu no 11 de setembro eles conseguem se ajudar, o patriotismo que eles têm, não existe em outro lugar do mundo, eles demonstram muito isso.

Cite 3 diferenças culturais entre Brasil e Estados Unidos.

- O primeiro, a forma como o povo vê o seu país. Aqui a gente tem o costume de ver o país de forma negativa. Tirando momentos de copa do mundo, a gente vê o nosso país de uma forma negativa. Nos Estados Unidos ao contrário, eles se vêem de uma forma muito positiva. Segunda diferença cultural, isso é básico, alimentação. A base de alimentação de um país é diferente da base da alimentação do outro. E a terceira é quanto recurso é empregado na educação lá e quanto é aqui. Você vê em filmes, por amigos que foram, você vê que em toda sala tem um computador, tem professor, tem retro projetor, TV, vídeo cassete, é diferente a forma que as pessoas vêem a escola pública.

Você acredita que essas diferenças entre essas duas culturas possam afetar no seu desempenho acadêmico quando estiver estudando nos Estados Unidos?

- Elas podem afetar, mesmo porque é outra cultura. Pode haver choque cultural imediato, antes da assimilação daquela cultura, antes de eu estar lá e gostar de estar lá, então no início pode ser complicado pela própria língua. Pode afetar inicialmente sim o meu desempenho.

Você já teve alguma experiência positiva ou negativa com algum americano? Ou sabe de alguém que teve? Comente sua resposta.

- Eu tive experiências ótimas com americanos quando eu fui à Disney, as pessoas pareciam, ao contrário do que muita gente diz, foram muito abertos comigo, em lojas me trataram super bem, tudo bem que eu era turista, mas se a gente está falando de experiências positiva, sim, eu tive experiências positivas. Experiências negativas não tive praticamente nenhuma.

O que você acha do povo americano? Tente defini-los por meio de três adjetivos.

- Eu acho um povo culturalmente defasado, em relação a cultura mundial, eles são muito fechados. São fechados, são patriotas e são preocupados nos sentido de dentro do país.

- Você tem interesse sobre alguma coisa específica sobre a cultura americana além da língua inglesa?

- A música deles. Por ser músico, eu gosto bastante da música deles e acredito que vou ter oportunidade pra aprender mais sobre jazz.

Você disse anteriormente que você era auto didata, no aprendizado da língua inglesa. E o que despertou tanto interesse na língua inglesa, no estudo da língua inglesa? Eu sou professor de inglês e vejo os jovens forçados a estudar inglês, e você ao contrário, você estudou por conta própria. O que te despertou o interesse pelo estudo da língua inglesa?

- Eu sempre fui apaixonado por línguas. E sempre gostei de algo que me levasse a aprender mais coisas. Eu sempre imaginei que eu sabendo o inglês eu poderia ouvir melhor um filme, uma música, poderia ler mais um monte de livros.

Você gosta de leitura, cinema, música...

- Eu imaginei que ao aprender aquilo, iria abrir uma gama de opções bem maiores do que eu teria só sabendo o português.

E no caso da língua inglesa, os filmes são em inglês, as músicas...

- A indústria cultural gira em torno do inglês. São os principais motivos.

Se você tivesse uma experiência negativa, qual seria a sua atitude? Você abandonaria o seu curso? Justifique a sua resposta.

- Se eu tivesse uma experiência negativa, principalmente pela minha postura em relação a vida, é muito difícil eu abandonar o curso por causa disso. Eu sou daqueles que dizem que a gente se lasca mas se diverte um monte. Então qualquer experiência, positiva ou negativa, é uma experiência. Experiências negativas fazem a gente crescer muito mais.

Quando você estiver estudando inglês nos Estados Unidos o que você acredita ser mais importante? O estudo formal em sala de aula e livros ou o contato com os nativos? Explique essa resposta.

- O estudo formal vale pela parte teórica da coisa. E a convivência com os nativos com certeza ajuda um monte a botar isso em prática. Mesmo porque nem só de *"the book is on the table"* vive uma pessoa que fala inglês.

Então você acredita que os dois sejam importantes mas, talvez o contato...

Talvez o contato seja mais importante porque você absorve muito ouvindo outra pessoa. Sou muito visual e auditivo. Ouvir uma pessoa falar comigo talvez eu aprenda melhor, absorva melhor do que simplesmente lendo ou um professor expondo aquilo pra mim.

Na sua opinião quais são três coisas que o aluno deve fazer e três coisas que ele não deve fazer para o sucesso na aprendizagem da língua. Explique essa resposta.

- Três coisas: chegar com atitude positiva, sabendo que você é passível de erro e passível de que as pessoas te endentam errado. Uma vez que você chegue com a mente aberta, as coisas acabam entrando muito mais fácil, mesmo porque você está de mente aberta, você está pra o que der e vier. Se preparar muito psicologicamente. Saber: estou saindo do meu país e pode haver um choque cultural. E a 3ª é não desistir. Há um objetivo e tem que completar esse objetivo. Três coisas que não deve fazer: não achar que lá é aqui. Não agir lá da mesma forma que você agiria aqui. São culturas diferentes e as pessoas não vão te entender da mesma forma; Não desesperar em momento algum, por saudade ou por qualquer coisa que seja. Não achar que é o fim do mundo qualquer coisa que aconteça. E terceira: querer inserir sua cultura lá, querer ser embaixador da sua cultura lá, mesmo porque eles não vão estar interessados.

Quando começa o seu curso no exterior? Você está ansioso para iniciá-lo? Muito, razoável ou pouco? Justifique a sua resposta.

- O curso começa no início de maio, eu realmente estou muito ansioso porque eu quero ter esse contato, eu quero fazer isso logo e voltar com os conhecimentos todos.

Ótimo. Diego queria desejar boa sorte pra você no seu curso e espero que você consiga atingir o seu nível de expectativa inicial e quando retornar pra sua casa. Muito obrigado.

ANEXO E

Análise do Questionário de Atitude Cultural

Análise das perguntas e avaliação numérica:

Nota: 230 pontos

Porcentagem de acertos: 71,87 %

Entrevistado: Denise.

Pergunta 1. Qual é o seu nome? (o seu verdadeiro nome será substituído por um nome fictício)

Nome.

Comentário: Nome do entrevistado.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 2. Qual é a sua idade?

Idade, ela é adulta e possui 39 anos.

Comentário: A entrevistada é adulta assim como todos outros sujeitos participantes dessa pesquisa.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 3. Qual é o seu grau de escolaridade? Você continua estudando? Onde você estudou? Qual é ou será a sua graduação?

Ela é formada em educação física e possui bacharelado em segurança pública.

Comentário: A entrevistada é formada pela academia de polícia onde estudou inglês em seu curso de formação e também é formada em educação física. Na profissão da entrevistada o inglês pode ser utilizado em algumas situações.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 4. Qual é o grau de escolaridade dos seus pais? O que eles estudaram? Seus pais já estudaram inglês? Comente a sua resposta.

A mãe é falecida e o pai estudou inglês incentivado pela própria Denise.

Comentário: É interessante que ao invés da entrevistada ser motivada pelo o pai a estudar inglês, ela quem incentivou e custeou um curso de inglês para o mesmo.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 5. Os seus pais já tiveram alguma experiência no exterior? Explique.

A entrevistada declara que os seus pais nunca tiveram qualquer experiência no exterior.

Comentário: Os pais da entrevistada não possuem experiência que pudessem servir de motivador na ânsia de iniciar um curso de imersão no exterior.

Nota: fraco = 02.

Pergunta 6. O que você faz profissionalmente? Há quanto tempo?

Ela é policial militar a 20 anos.

Comentário: A entrevistada já atua como policial por vinte anos e hoje é uma oficial, um major e na sua função de oficial já teve várias oportunidades de usar o inglês em diferentes ocasiões.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 7. Existe alguma relação entre o seu curso ou profissão e a sua decisão de estudar no exterior?

Ela disse que sim, pois já foi segurança da ex-primeira dama Ruth Cardoso, e devido as viagens e as trocas de experiência já precisou da língua inglesa. A entrevistada sente a necessidade de aprimorar o seu nível de conhecimento na língua inglesa.

Comentário: Aqui ela expressa a necessidade em seu trabalho do uso e a importância da língua inglesa. Denise também demonstra o seu anseio pela aprendizagem da língua inglesa.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 8. Você já estudou inglês antes? Onde você estudou? Quanto tempo estudou? Em que nível você parou: básico, intermediário ou avançado?

Ela estudou o inglês na escola e chegou a fazer alguns cursos, mas nunca passou do nível básico.

Comentário: A entrevistada encontra-se no mesmo nível de conhecimento da língua inglesa dos outros participantes dessa pesquisa.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 9. Você já morou em algum outro país? Qual era o país? Quanto tempo morou? Você aprendeu a língua? Explique a sua resposta.

Ela nunca conheceu outro país, além do Brasil e nem aprendeu alguma outra língua, além do português.

Comentário: A entrevistada nunca estudou fora do país, mas já viajou para os Estados Unidos e a sua viagem serviu de experiência na escolha do país da língua-alvo.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 10. Por que você decidiu estudar inglês no exterior? Você foi incentivado por alguém? Explique.

Ela diz que foi incentivada por força da profissão, principalmente depois de ter sido segurança de uma autoridade pública e pelas viagens que tinha de fazer ocupando esse cargo.

Comentário: Ela teve como motivo maior na sua profissão, pois com as suas viagens e após ter sido segurança da ex - primeira dama o inglês se tornou quase que uma exigência para a entrevistada. Espera-se que o seu desejo de ascensão profissional possa impulsioná-la também a conhecer a cultura-alvo além da língua.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 11. Qual é a duração do seu curso e quanto tempo você pretende ficar no país de sua escolha?

Ela disse que no máximo poderá ficar seis meses, mas pode ser que fique menos tempo. A escolha do país foi os Estados Unidos.

Comentário: A entrevistada ficará no máximo seis meses nos Estados Unidos e caso faça isso, ela teria uma vantagem sobre os outros participantes, pois eles pretendem ficar apenas quatro meses. Entretanto, os cursos de L2 são de quatro meses, logo não está definido para a entrevistada se ficará nos Estados Unidos após o término do seu curso.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 12. Qual foi a sua razão em ter escolhido os Estados Unidos como país da língua-alvo? Você já foi aos Estados Unidos? Quanto tempo ficou e qual foi o propósito de sua viagem? Explique.

Ela disse que se interessou pelos Estados Unidos ao viajar pelo país a trabalho, acompanhando a primeira dama. Dessa maneira a entrevistada pode perceber que precisava aprender a cultura assim como a língua, pois os seus conhecimentos eram muito básicos.

Comentário: Ela se diz interessada pela a cultura da língua-alvo, após ter conhecido os Estados Unidos em algumas viagens a trabalho.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 13. Você tem preferência por algum estado ou cidade nos Estados Unidos? Justifique a sua resposta.

Ela diz que tem preferência por Washington, pelo o fato de ter um amigo que é agente do serviço secreto americano que ofereceu estadia e poderá ajudá-la em relação aos cursos.

Comentário: A vantagem de estar em contato com esse amigo da entrevistada é que assim ela poderá praticar a língua-alvo com ele diariamente e ao mesmo tempo terá um apoio em possíveis dificuldades enquanto estiver imersa em um novo país e cultura.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 14. Quanto irá custar o seu curso de inglês nos Estados Unidos? (incluindo passagem). Quem irá pagá-lo?

Ela diz que a passagem custará cerca de 900 dólares e ao curso custa 680 dólares mensais, ela fala da vantagem do curso que é voltado para estrangeiros e para suas necessidades específicas.

Comentário: Existe um alto nível de comprometimento pela entrevistada, já que ela será a única pessoa a pagar o seu curso e interpreta-o como um investimento em sua carreira profissional.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 15. Aonde você irá se hospedar durante o seu tempo de estadia nos Estados Unidos? Por que você escolheu este local? Justifique a sua resposta.

Como já foi dito em respostas anteriores, ela declarou que irá se hospedar na casa de um amigo americano.

Comentário: O local é perfeito para a prática da língua e o enriquecimento pela a busca de conhecimento da cultura-alvo. Contudo como seu amigo fala português, existe a preocupação que ela terá dificuldades em falar somente o inglês com ele, pois é possível que o seu amigo também queira praticar o português com ela.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 16. Você conhece alguém que tenha feito um curso de inglês nos Estados Unidos? Quais foram três aspectos positivos e três aspectos negativos desse estudo?

Ela disse que não conhece ninguém que tenha feito o curso de inglês no exterior.

Comentário: Ela não tem nenhuma influência negativa e nem positiva, pelo simples fato de não conhecer alguém que tenha feito um curso de L2 no exterior.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 17. Você é casado ou solteiro? Se namorar, há quanto tempo? Você sentirá falta dele ou dela? Muito, razoável ou pouco? Comente a sua resposta.

Ela já foi casada, mas hoje está namorando e diz que não sentirá falta do namorado.

Comentário: A entrevistada declara que não sentirá falta do seu namorado o que demonstra um pouco da sua disciplina militar e o seu nível de compromisso com o seu curso de L2.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 18. Você é muito apegado a sua família? Muito, razoável ou pouco? Justifique a sua resposta.

Ela diz que se acha muito independente, pois com a morte da sua mãe ela se mudou para a Brasília e com a sua profissão foi forçada a ter esse tipo de postura mais independente.

Comentário: A única pessoa que ela se preocupa é com o seu pai, pois ele sendo idoso requer mais cuidado e atenção. Mas isso não será problema para a entrevistada pelo fato de ela ser uma pessoa bem preparada para assumir responsabilidades e cumpri-las até o fim, contudo, não foi à primeira vez que ela demonstrou uma pequena preocupação com o seu pai na entrevista.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 19. Você acredita que o seu nível de apego a sua família poderá influenciar no seu desempenho na aquisição da língua-alvo, quando estiver estudando nos Estados Unidos? Explique a sua resposta.

Ela diz que se não acontecer nenhuma tragédia na família não terá problema algum em ficar longe da família.

Comentário: A entrevistada disse que caso não haja uma tragédia, os seus sentimentos em relação a sua família não iriam interferir no seu desempenho durante o seu curso de L2 nos Estados Unidos. Contudo ela se demonstrou preocupada em deixar o seu pai sozinho no Brasil.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 20. Você tem afinidade por algum povo ou cultura estrangeira? Justifique e explique a sua resposta.

Ela diz que não conhece, por isso não tem nenhuma afinidade, mas pretende conhecer a cultura americana, ou seja, ela tem algum interesse ou curiosidade pela a cultura americana.

Comentário: A entrevistada já declarou nessa entrevista que se interessou pela cultura dos Estados Unidos após uma viagem a esse país, contudo ao responder essa pergunta específica ela não soube responder se havia alguma preferência por algum país.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 21. Você tem algum sentimento de repulsa por algum povo ou cultura estrangeira? Justifique e explique a sua resposta.

Ela diz que não tem sentimentos negativos. A entrevistada falou algo interessante que precisaria de algum motivo e pelo fato de ela não ter qualquer motivo, não poderia desenvolver sentimentos de repulsa por nenhuma cultura.

Comentário: Ela disse que não tem nenhum sentimento de repulsa por nenhuma cultura e declarou de forma bem esclarecida e livre de estereótipos.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 22. Cite três diferenças culturais entre o Brasil e os Estados Unidos?

Ela não conhece muito sobre as diferenças culturais, por isso está indo para os Estados Unidos para conhecer melhor a cultura. Pelo o que ela vê na televisão, eles são um país de primeiro mundo com uma economia mais forte.

Comentário: A entrevistada preferiu não opinar sobre as diferenças culturais, pois não conhece muita a cultura-alvo, mas em seu pequeno comentário, ela não demonstra um sentimento negativo ou falso sobre o povo ou o país da cultura-alvo.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 23. Você acredita que essas diferenças entre as duas culturas possam afetar no seu desempenho acadêmico, enquanto estiver estudando nos Estados Unidos? Justifique a sua resposta.

A entrevistada acredita que os americanos são preconceituosos e que não gostam de latinos, e tem medo de como será tratada.

Comentário: Nessa resposta a entrevistada demonstrou um forte sentimento negativo e estereotipado em relação ao povo da cultura-alvo. Outra preocupação da entrevistada que foi expressa nessa resposta é o fato de que ele se preocupa com a maneira que ela poderá ser tratada enquanto imersa nos Estados Unidos.

Nota: fraco = 02.

Pergunta 24. Você já teve alguma experiência positiva ou negativa com algum americano ou sabe de alguém que teve? Comente a sua resposta.

Ela disse que não conhece muito e não teve muitas experiências positivas ou negativas, pois as suas viagens eram muito curtas. Depois falou que a única experiência que ela teve foi com esse amigo, que conheceu em uma das suas viagens. Seu amigo era muito simpático e se aproximou dela pois conhecia bastante a cultura brasileira e sabia falar um pouco de português.

Comentário: Embora o seu contato tenha sido pouco com o povo ela pode citar uma experiência positiva em relação ao povo da cultura-alvo, pois teve um contato com uma pessoa que se tornou um amigo seu e inclusive a entrevistada irá se hospedar na casa dele. Entretanto, anteriormente ela se demonstrou tremendamente assustada da forma de como poderia ser tratada pelo fato de ser latina.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 25. O que você acha do povo americano? Tente defini-los por meio de três adjetivos.

Para ela os americanos são auto-suficientes, amam seu país, primam pela a qualidade e são perfeccionistas.

Comentário: Novamente ela não demonstra uma visão negativa sobre a sua visão de como são os americanos e vê-os de uma maneira bem positiva.

Nota: ótimo =10.

Pergunta 26. Você tem interesse por alguma coisa específica sobre a cultura americana além da língua inglesa?

Disse que além do curso de inglês ela teria interesse de fazer um curso de negociação para seqüestros, mas sente que o seu inglês ainda não é suficiente. Fora isso, ela quer viajar pelo país e conhecê-lo um pouco mais.

Comentário: Ela demonstra um interesse específico em sua área de trabalho, mas não fala sobre nenhum outro interesse como, por exemplo, algo específico dentro da cultura-alvo do país de sua escolha. Contudo ela demonstrou um leve interesse turístico pelo país da cultura-alvo.

Nota: fraco = 02.

Pergunta 27. Como você acredita que nós somos vistos pelos americanos? Como eles nos classificariam? Cite três adjetivos.

A entrevistada diz que ficou pouco tempo nos Estados Unidos, ficava no máximo vinte dias, por isso não sabe como nós somos vistos. Logo ela prefere aguardar para responder essa pergunta e observar como eles nos vêem. Ela diz também que não quer ter nenhum estereótipo do povo americano, sem antes conhecê-los. A resposta foi muito positiva por parte da entrevista, pois essa deveria ser a atitude de todos os entrevistados.

Comentário: A entrevistada prefere observar como nós somos vistos pelos os americanos quando estiver lá. No entanto, anteriormente ela disse que os americanos eram preconceituosos com os latinos e sentia medo de como iria ser tratada quando estivesse em seu curso de L2 nos Estados Unidos.

Nota: fraco = 02.

Pergunta 28. Como os seus sentimentos em relação à cultura americana poderiam afetar no seu estudo de inglês nos Estados Unidos?

Ela não sabe o grau de influência e prefere não responder porque gostaria de esperar até a sua volta, para poder coletar mais dados sobre a cultura e o povo americano. Então assim, de uma forma mais objetiva ela poderá falar como nós somos vistos por eles, como eles são e como esse sentimentos afetaram ou afetarão no seu estudo da língua inglesa.

Comentário: Ela não sabe até que ponto esses sentimentos poderiam afetá-la, por não saber bem como nós somos realmente vistos pelos os americanos.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 29. Se você tivesse uma experiência negativa, qual seria a sua atitude? Você abandonaria o seu curso? Justifique a sua resposta.

Ela disse que não abandonaria o curso, só se houvesse algo que implicasse em um ato criminal, fora isso ela o terminaria.

Comentário: Devido a sua formação profissional e a uma postura bem comprometida Denise se demonstra bem decidida e não acredita que desistiria do seu curso de L2.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 30. Quando você estiver estudando inglês nos Estados Unidos, o que você acredita ser mais importante, o estudo formal, sala de aula e livros ou o contato com os nativos? Explique a sua resposta.

Ela diz que os dois têm a mesma importância.

Comentário: Denise disse que as duas práticas de estudo têm a mesma importância, o que é verdade, contudo ela não se demonstrou muito interessada na interação com os nativos que é uma excelente forma de conhecer a cultura-alvo e conseqüentemente aprimorar os seus conhecimentos na língua-alvo.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 31. Em sua opinião quais são três coisas que o aluno deve fazer e três coisas que ele não deve fazer para ter sucesso na aprendizagem da língua-alvo? Explique a sua resposta.

Ela fala que o aluno deve ser pontual e disciplinado, deve rever a matéria, pois ela relatou que se não rever a matéria não aprenderá. Deve aplicar o que foi aprendido em oportunidades fora da sala de aula. As coisas que o aluno não deve fazer seriam levar o curso sem seriedade, julgar a cultura, algo que ela julga muito prejudicial. Também considera isso um aspecto muito importante, talvez o mais importante segundo ela, e por último, o aluno devem se comportar, não fazer algo de errado no país estrangeiro.

Comentário: Em nenhuma vez ela fala sobre a cultura-alvo, ou seja, ela não demonstrou muito interesse pela a cultura americana.

Nota: fraco = 02.

Pergunta 32. Quando você começa o seu curso no exterior? Você está ansioso para iniciá-lo? Muito, razoável ou pouco? Justifique a sua resposta.

Ela está muito ansiosa.

Comentário: A entrevista encontra-se ansiosa em iniciar o seu curso, espera-se que ao iniciá-lo ela demonstre mais interesse pela a cultura-alvo e tenha uma atitude cultural mais positiva pelo o povo e a cultura-alvo.

Nota: razoável = 05.

Análise do Questionário de Atitude Cultural

Análise das perguntas e avaliação numérica:

Nota: 271 pontos

Porcentagem de acertos: 84,69 %

Entrevistado: Diego.

Pergunta 1. Qual é o seu nome? (o seu verdadeiro nome será substituído por um nome fictício)

Nome.

Comentário: Nome do entrevistado.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 2. Qual é a sua idade?

Diego é um adulto de 22 anos.

Comentário: O entrevistado é adulto, assim como todos os outros participantes dessa pesquisa.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 3. Qual é o seu grau de escolaridade? Você continua estudando? Onde você estudou? Qual é ou será a sua graduação?

O entrevistado está no nível superior, cursando publicidade e propaganda.

Comentário: O curso de propaganda e marketing não exige diretamente um domínio na língua inglesa, embora os livros e a literatura são na sua grande maioria em inglês. Além disso, o mercado do trabalho exigirá a fluência na inglesa dos seus representantes funcionários. O entrevistado declarou também que o inglês será de grande ajuda em uma possível colocação profissional.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 4. Qual é o grau de escolaridade dos seus pais? O que eles estudaram? Seus pais já estudaram inglês? Comente a sua resposta.

A mãe do entrevistado é formada em direito e possui um curso de especialização. Ela também já estudou inglês e incentivou o seu filho a fazer o mesmo.

Comentário: Como já foi dito, a sua mãe serviu de influência e exemplo no estudo da língua inglesa, ela estudou e fez com que o seu filho estudasse e fez do seu estudo da língua-alvo algo motivador para o seu filho.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 5. Os seus pais já tiveram alguma experiência no exterior? Explique.

A mãe do entrevistado já foi à Nova York e fez um curso de inglês como segunda língua com duração de dois meses.

Comentário: A mãe do entrevistado participou de um curso de imersão e devido ao sucesso de sua experiência de aprendizado, incentivou o seu filho a fazer a mesma modalidade de estudo em um curso de imersão no exterior.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 6. O que você faz profissionalmente? Há quanto tempo?

O entrevistado diz que é estudante desde do dia que nasceu, o entrevistado tem muito senso de humor.

Comentário: O entrevistado não está trabalhando no momento, mas sabe que quando começar a trabalhar precisará do inglês, ou seja, em sua situação atual não é exigido o domínio da língua inglesa.

Nota: fraco = 02.

Pergunta 7. Existe alguma relação entre o seu curso ou profissão e a sua decisão de estudar no exterior?

O entrevistado observa que, a pessoa que não tem conhecimentos de inglês, não pode ser inserido no mercado de trabalho brasileiro, pois o mesmo exige esse tipo de conhecimento.

Comentário: O entrevistado sabe da importância do inglês na sua futura área de atuação profissional, embora ele não esteja trabalhando agora. Por isso ele decidiu se preparar mais adequadamente e esse anseio por uma qualificação melhor no mercado de trabalho influenciaram a sua decisão de estudar no exterior.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 8. Você já estudou inglês antes? Onde você estudou? Quanto tempo estudou? Em que nível você parou: básico, intermediário ou avançado?

O entrevistado sempre gostou de estudar inglês, e apesar de nunca ter estudado em um curso livre, ele sempre aproveitou o máximo às aulas de língua estrangeira na escola durante o nível fundamental e médio, e sempre estudava sozinho.

Comentário: O entrevistado adora a língua inglesa, o que sempre o motivou a estudar, embora ele nunca tenha estudado em qualquer curso livre. Nas chances que ele teve contato com a língua-alvo o seu aproveitamento foi muito bom.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 9. Você já morou em algum outro país? Qual era o país? Quanto tempo morou? Você aprendeu a língua? Explique a sua resposta.

O entrevistado afirma que ele nunca morou em outro país.

Comentário: O entrevistado nunca teve uma experiência como a de ter morado no exterior, embora ele pareça animado, essa será a sua primeira vez estudando e morando longe de casa.

Nota: fraco = 02.

Pergunta 10. Por que você decidiu estudar inglês no exterior? Você foi incentivado por alguém? Explique.

O entrevistado diz que é um sonho antigo de sua mãe poder proporcionar um curso desses para ele, fica claro agora que a sua mãe influenciou muito em sua decisão de estudar fora do Brasil. Mas ele também diz que partilhava do mesmo sonho, pois acredita que morando em um país onde a língua é falada, se acaba sendo forçado a usá-la diariamente e poder conhecer mais coisas, provavelmente ele se referiu à cultura e os costumes do povo e é claro, o contato com os nativos.

Comentário: Cada vez mais o entrevistado está muito preparado e animado para um curso no exterior, pois além do incentivo de sua mãe, que já estudou e teve uma boa experiência em um curso de imersão, ele está ansioso e sabe que o curso poderá ajudá-lo a desenvolver a língua-alvo e já se demonstrou interessado pela cultura-alvo.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 11. Qual é a duração do seu curso e quanto tempo você pretende ficar no país de sua escolha?

O entrevistado diz que no máximo seis meses, porque o visto é para seis meses, ou seja, ele não tem nem opção.

Comentário: O tempo que ele irá passar é o mesmo de todos os outros entrevistados entre três a quatro meses, pois esse é o padrão de duração dos cursos de imersão.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 12. Qual foi a sua razão em ter escolhido os Estados Unidos como país da língua-alvo? Você já foi aos Estados Unidos? Quanto tempo ficou e qual foi o propósito de sua viagem? Explique.

O entrevistado diz que optou pelos os Estados Unidos porque gosta da cultura deles, e já teve nos Estados Unidos na Disney, como turista. Ele deixou bem claro que tem uma afinidade pela a cultura e por isso fez a escolha pelo os Estados Unidos.

Comentário: O entrevistado disse abertamente que gosta da cultura deles, o que é muito importante para aquisição de uma segunda língua e também é a base dessa pesquisa, ou seja, se o entrevistado tiver essa atitude cultural positiva em relação à cultura-alvo, ele possui grande chances de obter sucesso em seu curso de L2 no exterior.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 13. Você tem preferência por algum estado ou cidade nos Estados Unidos? Justifique a sua resposta.

O entrevistado diz que não tem preferência por um local específico, mas não gostaria de ficar em um local rural, pois é uma pessoa urbana. Ele sente que não se adaptaria muito bem em uma estrutural mais rural.

Comentário: O entrevistado gosta da cidade, ou seja, caso ele vá para algum local menor ele talvez possa ter dificuldades com a adaptação.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 14. Quanto irá custar o seu curso de inglês nos Estados Unidos? (incluindo passagem). Quem irá pagá-lo?

O curso custará cerca de 5000,00 dólares. O entrevistado também declarou que ele está disposto a pagar parte do curso.

Comentário: O grau de compromisso do entrevistado é alto, pois ele tem a intenção de ajudar a sua mãe pagar parte do curso, mesmo sem ter um trabalho.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 15. Aonde você irá se hospedar durante o seu tempo de estadia nos Estados Unidos? Por que você escolheu este local? Justifique a sua resposta.

O entrevistado optou por uma casa de família, por ser mais barato, mas o principal motivo é que ele estará com essa família todo o tempo, podendo praticar a língua e aprendendo mais sobre a cultura deles.

Comentário: A idéia que ele teve de morar em uma casa de família foi uma ótima decisão, pois como ele mesmo disse que terá contato com a cultura-alvo diariamente e com a sua atitude cultural positiva ele poderá praticar a língua-alvo e conhecer mais a cultura com os próprios nativos.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 16. Você conhece alguém que tenha feito um curso de inglês nos Estados Unidos? Quais foram três aspectos positivos e três aspectos negativos desse estudo?

O entrevistado fala que os aspectos positivos são de principalmente ser obrigados a falar a língua-alvo, ou seja, você é forçado a aprender a língua para a se comunicar. Ele fala sobre aprender uma nova cultura, coisa que você não poderia fazer no Brasil, e dos contatos que você faz, novas amizades. Sobre os aspectos negativos, ele diz que, para alguns a saudades poderia ser um problema, a adaptação da nova cultura poderia ser difícil para as pessoas que não tem mente aberta e dependendo das relações que eles tiverem com as pessoas eles poderiam desenvolver algumas fobias. O entrevistado tem bem claro como ele deve agir para que ele possa ter mais aspectos positivos do que negativos durante o seu curso no exterior.

Comentário: O entrevistado conhece pessoas que tiveram experiências em algum curso de imersão, e sabe das dificuldades que algumas delas passaram, mas isso não afetou o entrevistado de maneira negativa.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 17. Você é casado ou solteiro? Se namorar, há quanto tempo? Você sentirá falta dele ou dela? Muito, razoável ou pouco? Comente a sua resposta.

O entrevistado namora há pouco tempo, somente há três meses, então ele não sentirá muito falta da sua namorada, talvez no começo. Com tempo a saudade diminuiria, até mesmo porque ele acredita que é preciso sair com outras pessoas para praticar a língua.

Comentário: O entrevistado provavelmente não sentirá muita falta da namorada, como declarou, o que é positivo, pois ele poderá manter a sua mente voltada para os estudos e assimilação da cultura-alvo.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 18. Você é muito apegado a sua família? Muito, razoável ou pouco? Justifique a sua resposta.

O entrevistado diz que não é muito familiar, embora ele seja apegado a sua família, ele tem um relacionamento diferente com eles.

Comentário: Novamente o entrevistado mostra que não terá problemas com saudades de casa.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 19. Você acredita que o seu nível de apego a sua família poderá influenciar no seu desempenho na aquisição da língua-alvo, quando estiver estudando nos Estados Unidos? Explique a sua resposta.

O entrevistado disse que não o afetaria de maneira negativa.

Comentário: A influencia seria positiva, pois o fato dele não ser tão apegado, fará com que ele não fique “chorando de saudades”. Ele poderá aproveitar melhor o seu tempo no exterior, acelerando pelos os estágios da aculturação.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 20. Você tem afinidade por algum povo ou cultura estrangeira? Justifique e explique a sua resposta. O entrevistado revela mais uma vez a sua admiração pelo povo americano e fala de como o povo conseguiu se levantar do acontecimento do dia 11 de setembro. Ele ficou admirado com o patriotismo deles e a ajuda mútua do povo.

Comentário: Ele expressa a sua admiração pelo povo americano e isso pode ser a causa da escolha pelos Estados Unidos como o país da língua e da cultura-alvo. A sua admiração pelo povo da cultura-alvo reflete também no seu nível de atitude cultural em relação a eles, mesmo antes de iniciar o seu curso de L2 no exterior.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 21. Você tem algum sentimento de repulsa por algum povo ou cultura estrangeira? Justifique e explique a sua resposta.

O entrevistado não declara que possui um sentimento de repulsa por qualquer povo.

Comentário: O entrevistado demonstra que não possui estereótipos em relação a nenhuma cultura.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 22. Cite três diferenças culturais entre o Brasil e os Estados Unidos?

O entrevistado fala das diferenças engrandecendo os Estados Unidos, fala de como a educação é levada mais a sério e de como o governo se preocupa com a educação do povo. Fala também do patriotismo e de como os brasileiros só lembram da pátria na época da Copa de futebol. Por último também fala das diferenças sobre a alimentação.

Comentário: O entrevistado tem uma forte admiração pela a cultura-alvo, o que se reflete em uma atitude cultural positiva em relação à cultura-alvo.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 23. Você acredita que essas diferenças entre as duas culturas possam afetar no seu desempenho acadêmico, enquanto estiver estudando nos Estados Unidos? Justifique a sua resposta.

O entrevistado acredita que no começo as diferenças poderiam afetá-lo, como alguma forma de choque cultural, as diferenças da língua poderiam afetar também a assimilação, mas ele frisa bem que isso poderia acontecer somente no início de seu curso L2.

Comentário: O que o entrevistado declarou em sua resposta realmente acontece, algumas pessoas sofrem mais do que outras, mas ele disse que somente poderia afetar no início do curso. De maneira mais intensa ou

amena todos os indivíduos imersos em uma segunda cultura, sem exceção sentirão alguns efeitos do choque cultural.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 24. Você já teve alguma experiência positiva ou negativa com algum americano ou sabe de alguém que teve? Comente a sua resposta.

Diego diz que teve somente experiências positivas com os americanos, ao ter ido como turista a Disney foi tratado muito bem. Ele diz que pode derrubar estereótipos que as pessoas possuem sobre os americanos, pelos simples fato de ser exposta a realidade americana.

Comentário: Novamente o entrevistado demonstra uma atitude positiva em relação à cultura-alvo. A observância da realidade e o bom tratamento que ele recebeu como turista foram essenciais na formação de uma atitude positiva.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 25. O que você acha do povo americano? Tente defini-los por meio de três adjetivos.

Aqui ele diz que o povo é muito defasado culturalmente, que eles são muito preso à cultura deles, sendo muito fechados ao conhecimento de outras. Mas essa opinião não influenciou o entrevistado de forma negativa.

Comentário: O entrevistado vê os americanos com um povo muito fechado as outras culturas, mas mesmo assim ele não desenvolveu um sentimento negativo e de repulsa por eles, embora discorde declaradamente desse tipo de postura.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 26. Você tem interesse por alguma coisa específica sobre a cultura americana além da língua inglesa?

Ele diz que gosta muito da música deles, e que é um fã do gênero musical Jazz.

Comentário: O aspecto musical da cultura-alvo é um ponto de admiração do entrevistado e assim ele poderá ser inserido dentro da mesma. Por esse interesse específico o Diego poderá interagir com os nativos que possuem a mesma admiração por esse gênero musical.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 27. Como você acredita que nós somos vistos pelos americanos? Como eles nos classificariam? Cite três adjetivos.

O entrevistado acredita que o povo americano vê o povo brasileiro de maneira errônea, pois eles não têm muito conhecimento do resto do mundo, mas não se sente ofendido ou se deixaria se afetar pela a forma que os brasileiros são vistos no exterior.

Comentário: O entrevistado acredita que nós não somos muitos bem visto, mas ele não desenvolveu uma atitude negativa o que é foi muito positivo.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 28. Como os seus sentimentos em relação à cultura americana poderiam afetar no seu estudo de inglês nos Estados Unidos?

O entrevistado disse que está indo com a mente aberta e não deixaria qualquer sentimento afetar o seu desempenho durante o seu curso de L2.

Comentário: Embora o entrevistado não acredita que nós somos bem vistos, ele permanece com uma boa atitude em relação à cultura-alvo.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 29. Se você tivesse uma experiência negativa, qual seria a sua atitude? Você abandonaria o seu curso? Justifique a sua resposta.

Quando perguntado se ele abandonaria o curso devido alguma experiência negativa, ele disse que, “qualquer experiência, positiva ou negativa, é uma experiência” e “que as experiências negativas fazem a gente crescer muito mais”.

Comentário: O entrevistado demonstra preparo e equilíbrio para sobrepujar dificuldades.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 30. Quando você estiver estudando inglês nos Estados Unidos, o que você acredita ser mais importante, o estudo formal, sala de aula e livros ou o contato com os nativos? Explique a sua resposta.

Diego acredita que a parte formal é importante e servirá de base posteriormente para a prática com os nativos. Mas ele sente que realmente o contato com os nativos seja mais importante nessa modalidade de curso de línguas. Como ele acredita ser uma pessoa auditiva e visual, o seu contato com os nativos servirá de grande instrumento para o aprendizado da língua.

Comentário: Um grande diferencial dessa modalidade de curso e poder ser exposto à cultura-alvo e poder ter um contato diário e por várias horas com os nativos da língua e cultura-alvo. É ótimo que o entrevistado tenha isso em mente.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 31. Em sua opinião quais são três coisas que o aluno deve fazer e três coisas que ele não deve fazer para ter sucesso na aprendizagem da língua-alvo? Explique a sua resposta.

O entrevistado aconselha as pessoas terem atitude positiva e de ir com a mente aberta as novidades culturais, fala também de uma preparação psicológica e estar ciente de possíveis choques culturais. O que ele acha que as pessoas que estão conhecendo uma nova cultura não deveriam agir como se estivessem em suas pátrias mães, desesperar-se nos momentos difíceis e preocupar-se em ser o “embaixador da sua cultura”, pois as pessoas não estariam interessadas nisto.

Comentário: O entrevistado de modo geral deu boas dicas para quem irá estudar em um curso de imersão, contudo ele diz que as pessoas que vão ingressar num novo país não deveriam ser embaixadores de suas culturas. Em contrapartida, se as pessoas representassem suas culturas desmistificar-se-iam muitos conceitos negativos e errôneos que pessoas da cultura-alvo tem das outras culturas. Logo, nesse ponto discorda-se, pois somos os representantes de nossa cultura materna e sendo assim, desmistificando muitos conceitos negativos e falsos que pessoas de outras culturas possam ter de nós.

Nota: fraco = 02.

Pergunta 32. Quando você começa o seu curso no exterior? Você está ansioso para iniciá-lo? Muito, razoável ou pouco? Justifique a sua resposta.

O entrevistado diz que está muito ansioso para obter esses novos conhecimentos.

Comentário: Ao entrevistar o aluno em perspectiva pode comprovar que ele realmente está ansioso por começar o seu curso e acredita-se que ele poderá ter bons resultados graças a sua atitude cultural positiva em relação à língua e cultura-alvo.

Nota: ótimo = 10.

ANEXO F

Modelo da Prova de Língua Inglesa Fase 1

PRELIMINARY TEST

There are four sections to the Preliminary Test: Multiple Choice Clozer, Grammar, Vocabulary and Reading Comprehension, with a total of 30 problems. You have twenty minutes to complete the test.

MULTIPLE CHOICE CLOZE

Five words have been removed from the following paragraph. Read the passage, and choose the word which most appropriately fills each blank, from the four possibilities provided. You must think about grammar as well as meaning. Remember that there is always one best answer.

Although the innovative Italian educator, Maria Montessori (1870 – 1952), was born 43 years after _(1)_ well-known educator, Johann Pestalozzi, died, the two had much in common: they _(2)_ the head, hand and heart in their teaching.

Pestalozzi, a Swiss, had a happy childhood due to his mother's loving care. Much of his _(3)_ of education began with her. Montessori also had caring parents, who, being well-educated themselves, wanted Maria to have the same advantages. She _(4)_ the first woman graduate of the University of Rome. Her interest in helping children learn began with the work she did _(5)_ some mentally-retarded youngsters in Rome

- | | |
|---------------------|---------------|
| (1) a another | c more |
| b such | d also |
| (2) a negated | c stressed |
| b acquired | d adjusted |
| (3) a qualification | c speculation |
| b philosophy | d motivation |
| (4) a knew | c liked |
| b became | d emulated |
| (5) a at | c about |
| b in | d with |

GRAMMAR

There are ten problems in this section, each one a short conversation with a word or phrase left out. Following each conversation are four possibilities, **a**, **b**, **c** or **d**, to fill the blanks. Choose what you consider to be the best word or phrase.

1 "Where the Palace Hotel?"

"It's _____ Tenth Avenue."

- a across
- b over
- c on
- d at

2 "One of the girls has left her purse behind."

"We had better find out _____ it is."

- a whose
- b of whom
- c of whose
- d of who

3 "Why didn't you join us on the picnic yesterday?"

"My father wouldn't let me ___ his car."

- a borrowed
- b borrowing
- c to borrow
- d borrow

4 "May I help you?"

"Yes, please, I'd like two _____."

- a can of peas
- b cans of peas
- c can peas
- d cans peas

5 "Has Betty been to see you recently?"

"Yes, she was here _____."

- a before a week
- b since a week
- c a week ago
- d it makes a week

6 "I'd like to see that movie at the Bijou."

"_____."

- a So do I
- b So would I
- c I too
- d So I would

7 "Does Jackie go to bed early?"

"Yes, _____ early."

- a she goes always to bed
- b always she goes to bed
- c she goes to bed always
- d she always goes to bed

8 "What's the matter with Tom? Why is he just sitting there?"

"He says there's ___ interesting to do here."

- a nothing
- b anything
- c not something
- d no things

9 "Is there a TV set in your living room?"

"No, there isn't. We _____ television."

- a aren't having
- b don't have
- c have not
- d not have

10 "Does Jerry have a motorcycle?"

"No, and he doesn't have a bicycle _____."

- a either
- b too
- c also
- d neither

VOCABULARY

There are ten problems in this section. The first five problems have underlined words or phrases for which you must choose the word or phrase below that is closed in meaning. The second five problems have blank spaces to fill with the most suitable word.

- 1 It continued raining all day yesterday.
- kept after
 - kept out
 - kept on
 - kept over
- 2 He's an extremely competent lawyer.
- dedicated
 - respectable
 - dishonest
 - capable
- 3 Bring a bucket of water for these plants.
- cup
 - glass
 - pail
 - kettle
- 4 Jim concealed his gift for Mary in his coat pocket.
- hid
 - placed
 - submerged
 - carried
- 5 How do you prefer to spend your free time, Hal?
- holiday
 - liberal
 - voluntary
 - leisure
- 6 See that big ship? My nephew is a member of its _____.
- team
 - company
 - clan
 - crew
- 7 The angry boy _____ a rock at his brother.
- seized
 - grabbed
 - twirled
 - hurled
- 8 Annie is a very bright child; she has a _____ mind.
- stern
 - keen
 - sober
 - harsh
- 9 It's past Bobby's bedtime; he's tired and that's why he's _____ badly.
- crying
 - threatening
 - yawning
 - behaving
- 10 I have to change that ceiling light; bring me a _____.
- stair
 - shovel
 - ladder
 - lift

READING COMPREHENSION

Read the following passage. Then choose the correct ending to the statements that follow, from the four possibilities **a**, **b**, **c** or **d** below.

Little is known of the early years in the life of Domenikos Theotokopoulos, the Greek painter who, in the year 1577, went to live in Toledo, Spain. Previously he had spend a few years in Italy, studying with Titian, whose influence on his paintings of that period is quite apparent. He is also supposed to have studied briefly with Tintoretto and Bassano.

Evidently life in Toledo agreed with him because El Greco (The Greek), as the Spaniards called him (Domenikos Theotokopoulos was hard to pronounce), remained there for the rest of his life.

In Spain El Greco soon established himself as a portrait painter. Being a man with a fine business sense he made a good living from his art. Although King Phillip II seemed indifferent to El Greco's painting, the Church was not. He was soon creating pictures for the Cathedral in Toledo, as well as other churches in Spain. Perhaps his most renowned painting is the *Burial of the Conde de Orgaz*, wich, with its colors as brilliant as the day El Greco painted them, is still available for the public viewing in the Church of Santo Tome, in Toledo.

One can never mistake an El Greco painting; we know immediately whose it is. No one before him since has painted exactly as he did. His use of colors, the long, thin bodies of men and women, the mixture of earthly and aesthetic qualities could only have been produced by El Greco.

1 The person who most influenced El Greco's early work was...

- a Domenikos Theotokopoulos.
- b Tintoretto.
- c Titian.
- d Bassano.

2 In Toledo he earned the reputation of being...

- a a good business man.
- b a fine portrait painter.
- c a wealthy man.
- d a superior painter of churches.

3 King Phillip of Spain...

- a showed little interest in El Greco's painting.
- b was very enthusiastic about El Greco.
- c liked El Greco.
- d disliked El Greco.

4 El Greco's *Burial of the Conde de Orgaz*...

- a is probably his most famous painting.
- b is no longer available to the public.
- c can be seen in the Toledo Cathedral.

- d is one of El Greco's early works.
- 5** Any typical El Greco painting...
- a is often mistaken for being the work of another artist.
 - b is easily recognizable.
 - c is found only in Toledo.
 - d is very bright and colorful.

END OF PRELIMINARY TEST

ANEXO G

MODELO DE QUESTIONÁRIO DE ATITUDE CULTURAL FASE 2

1. Qual foi o período mais fácil ou o mais difícil do seu curso de inglês nos Estados Unidos: o começo, o meio ou o fim? Explique a sua resposta.

2. Você sentiu algum desses sentimentos, quando imerso nos Estados Unidos?

		Forte	Fraco	Razoável	Início	Meio	Fim
a) Entusiasmo	()	()	()	()	()	()	()
b) Curiosidade	()	()	()	()	()	()	()
c) Autoconfiança	()	()	()	()	()	()	()
d) Aceitação	()	()	()	()	()	()	()
e) Empatia	()	()	()	()	()	()	()
f) Solidão	()	()	()	()	()	()	()
g) Frustração	()	()	()	()	()	()	()
h) Autoquestionamento	()	()	()	()	()	()	()
i) Rejeição	()	()	()	()	()	()	()
j) Raiva	()	()	()	()	()	()	()

3. O que você mais gostou ou que menos gostou da cultura americana?

4. De que maneira a nossa cultura difere da americana, após a sua observação durante o seu curso nos Estados Unidos?

5. Você acredita que a assimilação de uma nova cultura implica na perda da sua primeira? Por que sim ou por que não?

6. Você assimilou a cultura-alvo, enquanto imerso nos Estados Unidos? Muito, razoável ou pouco? Justifique a sua resposta.

7. Caso você tenha assimilado, quais foram os meios utilizados nessa assimilação?

8. O que você acha dos americanos hoje, após o seu estudo nos Estados Unidos? Cite três adjetivos.
9. Você vê o povo americano da mesma forma do que antes de ter estudado nos Estados Unidos?
10. Como você acredita que nós somos vistos pelos os americanos, após o contato com eles?
11. Onde você se hospedou durante a sua estadia nos Estados Unidos? Você acredita que o local foi adequado para a prática da língua? Justifique a sua resposta.
12. Você sentiu muitas saudades de casa? Muito, razoável ou pouco? Até que ponto seus sentimentos afetaram no seu desempenho acadêmico?
13. Cite pelo menos uma experiência marcante que você teve com o povo e a cultura americana durante o período do seu curso nos Estados Unidos?
14. Sugira pelo menos três coisas que o aluno deve ou não deve fazer para atingir o sucesso desejado no seu curso de inglês no exterior? Você fez aquilo que sugeriu?
15. O que é mais importante o estudo formal, sala de aula e livros ou a prática com os nativos? Qual foi dado mais ênfase? Justifique as suas respostas.
16. Como você avaliaria o seu curso de inglês e as experiências durante o seu curso nos Estados Unidos? Você o recomendaria para outras pessoas interessadas? Comente a sua resposta.
17. Você atingiu o nível de inglês desejado no seu curso no exterior?
18. Por fim, você acredita que uma atitude cultural positiva em relação à cultura-alvo pode influenciar no aprendizado da língua quando o aluno está imerso? Explique a sua resposta.

ANEXO H

Amostras das Transcrições das Respostas do Questionário de
Atitude Cultural Segunda Fase

Nessa parte do anexo resumiu-se as transcrições finais do Questionário de Atitude Cultural realizado como processo avaliativo contido no capítulo 5 do presente trabalho.

Entrevista: Denise.

Gostaria de agradecer a oportunidade de fazer novamente o questionário de atitude cultural com você. Quería começar perguntando qual o período mais fácil e o período mais difícil dos seus estudos nos Estados Unidos? O começo, o meio ou o fim? Explique sua resposta.

- O começo realmente foi o mais difícil. Eu entendia com muita dificuldade e até eu passar essa fase de assimilação eu sofri bastante.

- O que você mais gostou da cultura americana?

- O que eu menos gostei fica difícil. O que eu mais gostei é que eles têm uma educação formal. E o que eu não gostei, não lembro nada a relatar. Se lembrar de alguma coisa eu volto a falar no assunto.

- De que maneira a nossa cultura difere da americana após sua observação no curso nos Estados Unidos?

- eu como brasileira sempre fui atrás do jeitinho. E percebi que lá eles não têm o jeitinho, eles têm a lei. A polícia lá não é preventiva, ela é repressiva. Ela visa o cumprimento rigoroso da lei. A lei existe e eles só fazem cumprir rigorosamente a lei. O brasileiro tem aquele jeitinho, sabe que nem todo mundo cumpre a lei, e lá não tem essa conversa. Essa foi a primeira diferença. Foi exatamente isso, o cumprimento rigoroso da lei. Eu não estava acostumada a cumprir à risca. E eu tive que cumprir e aceitar. Porque não estou no meu país e todo o brasileiro que tem que viajar tem que aceitar a legislação da localidade. Não estou falando exatamente dos Estados Unidos, mas foi a oportunidade que eu tive.

- Você acredita que a assimilação de uma nova cultura implica na perda da sua primeira? Por que sim ou por que não?

- Acho que perda da cultura seria muito forte. Seria muito radical. Ninguém perde sua cultura. É questão de adaptação, acho que o ser humano é adaptável, pode se adaptar à cultura do outro país sem esquecer a sua cultura, porque viveu aquilo, cultura não se esquece. Não se perde nem se esquece.

- Você assimilou a cultura alvo enquanto imersa nos seus estudos nos Estados Unidos? Muito, razoável ou pouco? Justifique a sua resposta.

- Acho que assimilei normalmente. Nem muito nem pouco, o período que passei por lá, acredito que eu tenha assimilado. Fui tentando me adaptar cada dia observando determinados comportamentos e fui me adaptando. Foi no dia-a-dia.

- Caso você tenha assimilado a cultura alvo, quais foram os meios utilizados nessa assimilação?

- Primeiro observar. No momento que eu observava alguma diferença e eu procurava me adaptar. O principal meio foi primeiro observar e depois me adaptar. Por exemplo num determinado supermercado eu observei que nem todas as pessoas verificavam o mesmo produto, eu observava sempre uma pessoa próxima a mim aguardando, querendo olhar o mesmo produto que eu, e só se aproximavam quando eu saía. Então eu passei também a tomar uma certa distância da pessoa que estaria olhando o mesmo produto. Eu percebi isso logo, de repente as pessoas me esperando e eu lá toda distraída, e começou a acumular pessoas e eu pensei 'será que estão querendo ver o que eu estou vendo'? Imediatamente após a minha saída eles se aproximaram daquela prateleira.

O que você acha dos americanos hoje após o seu estudo nos Estados Unidos? Cite três adjetivos.

- O patriotismo americano é transparente não só pra eles como pro mundo inteiro, eu acredito que eles têm motivo pra isso. Eu não saberia se eles teriam esse patriotismo numa política como a brasileira. Diante da política americana eles reconhecem o governo, eles têm esse retorno. O patriotismo está diretamente relacionado ao retorno que eles têm de pagamento de impostos, de manutenção de vias públicas, repartições públicas, etc. esse retorno faz com que eles reconheçam e amem seu país. Isso é muito claro e eu respeito porque se o Brasil fosse assim acho que nós o amaríamos muito mais. Essa é a qualidade, organização, administração, tudo o que eles fazem eles procuram fazer bem. Isso independe de interesse salarial ou não. Eles têm uma média salarial e eles mantêm um alto padrão de qualidade independente do salário. Tudo o que

eles fazem, a tecnologia de limpeza, manutenção, repartições públicas, pontos turísticos, é tudo impecável. Isso tudo está diretamente ligado à administração do estado e do país.

Você vê o povo americano da mesma forma que antes de ter estudado nos Estados Unidos?

- Não. Eu os vejo melhor. Eles me mudaram. Eu fui observando, eu não fui lá pra passear, eu vivi, tive oportunidade de passar alguns meses, suficientes,

- em Washington não foi?

- isso, em Washington, visitei Atlanta, Miami, Nova York.

- Mas você fez o curso Washington DC, não?

- Sim, eu estudei o Washington D.C., só que eu fui vivenciando diariamente, eu tive a oportunidade de ficar só, meu amigo viajava muito então eu tive que aprender a dirigir lá, tive que me adaptar ao trânsito, ia e voltava de carro, supermercado, shopping. Meu maior desafio foi pegar o metrô sozinha e consegui, então cada dia era um desafio diferente.

- Como você acredita que nós somos vistos pelos americanos após o contato com eles?

- eu observei o seguinte: eles diferenciam. Diferenciar não é discriminar. Muita gente confunde discriminação com diferenciação. Então, eu percebi eles diferenciavam os latinos, mas não quer dizer que eu tenha sido mal tratada lá. Minha preocupação era não levar essa imagem da mulher brasileira, bonita, andar pelada, nada disso. Infelizmente é nossa realidade. Muita gente vai pra lá querendo mostrar esse lado. Eu fui uma pessoa muito polida, recatada o tempo que eu permaneci lá porque eu estava só. Não tinha que provar nada pra ninguém. Eu procurei sempre ficar recatada. Quando chagava num ambiente que tinha música, o pessoal dizia 'quero ver rebolando', samba, rebola, solta as cadeiras. Eles estão acostumados a ver isso, mas eu não fui lá pra isso. Apesar de saber sambar, de ser carioca, eu não quis mostrar em momento algum esse lado. Ficavam perguntando se o meu biquíni era pequenino, eu não embarquei nessa. Mas eu sei que muita gente faria isso, como observei pessoas lá que faziam questão de dizer que o biquíni era pequeno, que era só estalar o dedo pra dançar, aflorar a sensualidade. Eu acho que a mulher brasileira já é bonita naturalmente e não tem que aflorar isso. Não só nos Estados Unidos, em qualquer país, a gente tem que acabar com essa imagem. Eu me fechei mesmo, não é falso moralismo, não é puritanismo, mas eu me preocupei muito com isso, principalmente no ambiente que eu convivi.

Onde você se hospedou durante a sua estadia nos Estados Unidos? O local foi adequado para a prática da língua? Justifique sua resposta.

- eu não tive oportunidade de ficar imersa com uma família americana. Meu amigo americano viajava muito, ele trabalha no serviço secreto, segurança do Bill Clinton na época, e eu tinha que ficar só. Ele falava pouco inglês comigo, ele treinava falar mais o português do que o inglês, então eu ficava sozinha, ligava a TV e não entendia nada.

Deixando claro aqui na entrevista, talvez algumas pessoas não saibam que mesmo que o Clinton não sendo presidente mais hoje, os agentes do serviço secreto se mantêm como guarda costas dos ex-presidentes.

- exatamente.

Você sentiu muita saudade de casa? Muito, razoável ou pouco? Até que ponto seus sentimentos afetaram no seu desempenho acadêmico?

- muita saudade não. Era um objetivo, uma vontade, uma realização. Então quando a gente realiza, a saudade foi dos familiares, só. Não senti falta de muita coisa. O que eu senti falta foi exatamente da música popular brasileira. Ela realmente me fez muita falta. Eu ligava o rádio e só tinha aquele balanço, balanço. Eu queria ouvir uma música popular brasileira. Eu senti falta. Fora meu lar, meu pai, meus irmãos, isso aí eu não posso negar a falta que eles me fizeram, mas não foi nada de me deixar desesperada, chorando, porque era um tempo limitado. Eu sabia exatamente o tempo que eu iria permanecer. Não teve esse tédio, nem afetou o desempenho acadêmico. Algumas viagens não programadas que não se saiba quando vai retornar, talvez seja diferente. Mas no meu caso não.

Cite pelo menos uma experiência marcante que você teve com o povo e a cultura americana durante o período do seu curso nos Estados Unidos.

- o que eu pude ver, é que não tem aquela cultura dos brasileiros de segurar os filhos em casa. Eles crescem sabendo que vão abandonar o lar, vão pra universidade e não retornam mais para a casa dos pais. Isso é certo.

As famílias que eu convivi, - ‘eu estou indo embora e não conheci seus filhos’ – eles não voltam pra casa depois da universidade. As outras famílias também. Eu percebi que é a cultura de não voltar mais pro lar. Como eles têm a garantia da universidade, tudo favorável, é normal que o filho faça universidade em outra cidade e é certo que ele não retorna.

Sugira pelo menos três coisas que o aluno deve ou não deve fazer para atingir o sucesso desejado no seu curso de inglês no exterior. E se você fez aquilo que sugeriu.

- eu sugiro conhecer a cultura do local, não só conhecer, mas respeitar. A cultura brasileira é muito ampla, a nossa cultura não é igual a dos outros países então nós temos que nos preocupar com essa adaptação. Conhecer, ter uma noção pelo menos da cultura do país que vai visitar, se inteirar, é claro que isso vem carregado de mitos, você vai descobrindo aos poucos, e tem que respeitar a cultura do país independente de querer ou não. As culturas que a gente pode, eu não vivi lá muito tempo pra ter aprendido toda a cultura, mas o que eu convivi eu procurei respeitar. A legislação local, a lei, aqui a gente bebe e dirige, lá eu não fiz isso, porque eu sei que iria parar numa delegacia, eu iria ser presa, iria pagar caro por isso e ainda ser processada. Então eu não quis correr um risco que não iria valer a pena. Eu tive que me adaptar. Eu vi algumas prisões sendo realizadas na minha presença, como se fosse assaltante de banco e quando eu olhei tinha comprado uma latinha de cerveja pra um adolescente. Realmente eles cumprem a lei e a gente tem que ter esse cuidado. Quando eu bebia eu não dirigia e quando dirigia não bebia. Tem aquela combinação entre os colegas de voltar de táxi. Também as blitz lá, são programadas, tem que sair nos jornais, é amplamente divulgado então você tem que se informar.

O que é mais importante no seu ver: estudo formal em sala de aula e livros ou a prática com os nativos? O que foi dado mais ênfase no seu curso?

- Com certeza tem que praticar com os nativos. O que aprendi, a diferenciação de sotaque, eu vivi lá nos Estados Unidos. Eu posso não ter aprendido tanto porém eu sabia quando era um americano nato ou era de outro país. O negro americano de longe eu sabia porque a linguagem é diferente. Foi a convivência com os nativos.

Como você avaliaria o seu curso de inglês e experiência durante o curso nos Estados Unidos? Você recomendaria para outras pessoas interessadas?

- Recomendo que façam uma viagem para o exterior. A sala de aula é uma coisa e a convivência é outra. Nada como conviver e fazer uma imersão em outro país. O que aconselho é que tenha uma boa formação básica. Eu fui com deficiências na minha formação básica e tive que enfrentar, pular essa fase, eu tive mais dificuldades do que se tivesse feito um curso básico mais eficiente aqui. Eu tive que atropelar alguns módulos e sofri, porque o tempo que eles me colocaram numa turma avançada eu pedi pra voltar, e isso lá não é comum, eles queriam que eu continuasse e eu não tinha condições. Eu retornei pra um nível abaixo, um não, dois e tive que reconhecer isso. Eles faziam joguinhos na aula e eu não sabia jogar, eles tentavam me explicar mas eu falei que não estava no meu nível certo. Tive que retornar.

Você atingiu o nível de inglês desejado no seu curso no exterior?

- atingi. Bem mais do que eu esperava. Quando eu descobri que eu não estava com uma formação básica adequada, um pré-intermediário bom pelo menos, eu tive que atravessar. E isso me trouxe uma bagagem muito grande. Do nível que eu cheguei lá eu voltei com uma bagagem enorme. Realmente valeu a pena. Apesar das minhas deficiências anteriores.

Você acredita que a sua atitude ou a sua postura em relação a essa cultura alvo realmente influenciou numa aprendizagem mais rápida ou mais eficiente da língua?

- Sim, influenciou bastante. Meus contatos, apesar do meu amigo estar viajando, tive bastante convivência com famílias americanas mesmo, sem misturas (hispânico) – não é discriminação é diferenciação – a gente tem que saber que diferenças existem inclusive na pronúncia. Eu tive a oportunidade de ter essa convivência com eles e aprender o sotaque a cultura, os costumes, a culinária totalmente diferenciada. E no dia-a-dia a gente vai aprendendo cada vez mais. E vai sentindo a diferença na pele.

Eu gostaria de agradecer mais uma vez pela sua participação e a gente vai mandar uma cópia dessas respostas para você. Foi de muito proveito essa entrevista e vai ajudar muito na nossa pesquisa. Obrigado.

Entrevista: Diego.

- Eu queria agradecer a oportunidade de você estar contribuindo novamente na nossa pesquisa respondendo esse questionário de atitude cultural e fazendo a primeira pergunta, qual foi o período mais fácil e o mais difícil no seu curso de inglês? O começo, o meio ou o fim?

- O mais fácil foi o meio, porque quando as coisas já estavam acertadas, não tinha mais aquele choque de ter mudado a cultura e não estava com a sensação de que estava acabando. Então o meio foi o que ocorreu melhor.

- O que você mais gostou ou menos gostou da cultura americana?

- O que mais gostei foi a maneira como eles gostam do país deles e passam pra gente esse tipo de coisa, aquele nacionalismo, e que eles gostam mesmo da própria cultura. O que eu menos gostei foi em alguns momentos a falta de tato pra lidar com uma pessoa que não fala tão bem a língua deles. Isso não foi exatamente comigo. Assim como a gente também as vezes não sabe muito como lidar com as pessoas que não sabem a nossa língua.

- De que maneira nossa cultura difere da americana após a sua observação durante seu curso nos Estados Unidos?

- Como eu havia dito antes, o verdadeiro amor ao país e a vontade de mostrá-los aos outros. Eles se empenham naquilo que é pra ser empenhado que é pra mostrar.

- Você acredita que a assimilação de uma nova cultura implica na perda da sua primeira? Por que sim e por que não?

- Eu acredito que é o oposto. Ela só faz assimilar melhor a sua cultura. Porque deixa de ter somente uma pra ter um padrão de comparação. Você não perde, você percebe que lá é muito diferente, e você passa a entender muito mais, dar mais valor assim como aconteceu comigo.

- Você assimilou a cultura alvo enquanto imerso nos Estados Unidos? Muito, razoável ou pouco? Justifique a sua resposta.

- Eu assimilei bastante. Eu tive que aprender a conviver com o estilo de vida deles. Então querer agir lá da mesma forma que eu ajo aqui, não ia funcionar. Eu ia acabar sendo excluído ou ia acabar me frustrando por querer fazer de lá um pequeno Brasil. Então ao invés disso, eu assimilei a cultura e muita coisa eu vou trazer comigo pra sempre.

- Caso você tenha assimilado a cultura, quais foram os meios utilizados nessa assimilação?

- Muita conversa com os amigos. A forma como eles conversam, a TV, o tipo de piada, o humor deles, o sarcasmo americano, essas foram as formas que mais assimilei.

- O que você acha dos americanos hoje, após os seus estudos nos Estados Unidos? Cite três adjetivos.

- Eu os vejo como patriotas, como esforçados, e os vejo como eficientes.

- Você vê o povo americano da mesma forma do que antes de ter estudado nos Estados Unidos?

- Sim e não. Eu nunca os vi de uma forma estereotipada então eu não tinha muito o que esperar. Eu não quis esperar nem nada de bom nem nada de ruim. Talvez eu tenha só agrupado mais coisas que eu sei deles do que ter mudado minha opinião em relação a eles. Eu só agreguei valores.

- Valores positivos ou negativos?

- Valores positivos. Claro que existia um pouco da própria ignorância mas onde não existe?

- Onde você se hospedou durante a sua estadia nos Estados Unidos? Você acredita que o local foi adequado para a prática da língua? Justifique a sua resposta.

- Eu me hospedei na casa de uma família americana e é a melhor maneira, porque você convive o dia-a-dia de uma família americana. Não fala português até a porta da sua casa e depois muda. Você conversa em inglês

com aquela família e passa a ser a extensão da sua própria família. Acaba tendo um laço muito forte com eles. É perfeito viver com uma família.

- Gostava? Não gosta mais deles?

- Eu ainda gosto bastante deles. Tenho inclusive como outro pai, outra mãe e outro irmão que eu tenho na minha vida.

- Você sentiu muita saudade de casa? Muito, razoável ou pouco? Até que ponto seus sentimentos afetaram seu desempenho acadêmico?

- Eu sou uma pessoa que me adapto muito fácil em qualquer lugar que eu vou. Se senti saudade de casa foi muito pouco. Talvez em alguns momentos bem específicos como 'hoje é aniversário da minha mãe', ou algo assim. Mas chegou a afetar muito pouco ou nada o desempenho do meu curso. Não tenho esse tipo de problema, eu saio de casa e me sinto bem onde eu estou.

- Cite pelo menos uma experiência marcante que você teve com o povo e a cultura americana durante o período do curso nos Estados Unidos.

- Tocar com a banda da escola, tocar num show com a banda de jazz da escola. Eu sou baterista mas foi muito interessante porque dali a algum tempo as pessoas já sabiam quem eu era. Tocar com a banda, cada um que foi apresentado um de cada vez e aconteceu dele esquecer de me apresentar. Eu falei com o nosso regente que ele tinha me esquecido e quando ele falou meu nome, ele falou: "por último e não menos importante na bateria Diego" e quando ele falou isso o aplauso foi muito grande porque muita gente já me conhecia. E até foi o único momento que eu senti alguma xenofobia, que foi com o colega da banda que achou ruim aquilo. Naquele momento que ele viu aquelas pessoas aplaudindo ele não gostou e deixou muito claro que pra ele aquilo era muito ruim, que ele vivia lá de 16 anos (eu moro aqui desde que nasci e nunca ninguém me aplaudiu dessa forma e você veio de fora...) todo mundo achou um pouco agressivo, ninguém entendeu, mas foi o único momento bem específico que eu senti alguma xenofobia, dele não gostar de eu ter vindo de fora e ter passado por aquilo.

- Sugira pelo menos três coisas que o aluno deve ou não deve fazer para atingir o sucesso desejado no seu curso de inglês no exterior. E você fez aquilo que sugeriu?

- Primeiro não pensar lá como a extensão da sua casa. Não acreditar que lá é igual aqui. Segundo, pensamento positivo. Não achar que por causa de uma experiência frustrada tudo vai dar errado e as pessoas não gostam de você, e você é ruim, e isso e aquilo. Eu agi dessa forma. E acho que tentar se adaptar sem querer ser um deles, levar sua diferença pra lá e fazer dessa diferença justamente o que vai te incluir naquele meio que você está. Não fingir que você é um deles, porque não vai dar certo.

- O que é mais importante, o estudo formal, sala de aula e livros, ou a prática com os nativos? Qual foi dado mais ênfase? Justifique sua resposta.

- Na verdade os dois são importantes. Na sala, o formal quando você aprende a utilizar e coloca na prática você vê que tudo o que aprendeu em sala faz sentido. Então ambos são importantes e acredito que eu tenha dado a mesma ênfase para os dois.

- Como você avaliaria o seu curso de inglês e as experiências durante o seu curso nos Estados Unidos? Você o recomendaria para outras pessoas interessadas? Comente sua resposta.

- Avalio como uma experiência gratificante, foi uma experiência muito importante, eu não sou a mesma pessoa que eu era quando saí daqui. Não tem ninguém que a gente está acostumado por perto da gente, e recomendo para as outras pessoas, que conheçam outro país, conheçam outra cultura principalmente da maneira como eu fiz, aprendendo alguma coisa, assimilando uma outra cultura.

- Você atingiu o nível de inglês desejado no seu curso no exterior?

- Graças a Deus sim. Eu atingi um nível praticamente fluente de inglês.

- Diego, gostaria de agradecer esse tempo que você disponibilizou nós fazermos a entrevista e a gente vai mandar uma cópia pra você das respostas. Mais uma vez, obrigado.

ANEXO I

Comentário: Ao marcar quais sentimentos ela teve durante o seu curso de inglês de L2 nos Estados Unidos, ela assinalou somente sentimentos positivos e todos foram fortes em vários períodos do seu curso. Contudo, ao entrevistá-la notou-se que ela também teve sentimentos negativos durante a sua estadia no país da língua-alvo. Um indício de sentimento negativo é encontrado na resposta da primeira pergunta, cuja frustração de não entender os nativos, comprova que ela também possuía sentimentos negativos.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 3. O que você mais gostou ou que menos gostou da cultura americana?

O que ela mais gostou foi à educação formal do povo da cultura-alvo, e ao ser indagada sobre algo que ela não gostou, ela disse que não lembrava de nada.

Comentário: É interessante que ao ser indagada sobre o que ela não gostou da cultura-alvo, a entrevistada disse que não se lembrava de algo que não havia gostado. Contudo, na resposta da questão nove, ela deixa transparecer que não gosta do jeito que os americanos vêem a mulher brasileira. Logo fica claro que ela tentou manter uma atitude cultural positiva e não quis ser indelicada falando mal do povo ou da cultura-alvo. Contudo houve situações durante o seu curso de L2 que a entrevistada compartilha de estereótipos negativos sobre o povo da cultura-alvo na qual ela deixa transparecer o seu desapontamento e reprovação.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 4. De que maneira a nossa cultura difere da americana, após a sua observação durante o seu curso nos Estados Unidos?

Ela disse que a grande diferença é que nos Estados Unidos não tem aquele “jeitinho”. As pessoas da lei são rigorosas no cumprimento da mesma, e ao invés de serem preventivos são repressivos. A entrevistada teve dificuldade na adaptação a esse aspecto específico, pois ela é policial militar aqui no Brasil então muito do que relata tem a ver com a sua formação profissional.

Comentário: A entrevistada declara que o nosso povo é mais versátil do que o americano, e que segundo ela isso é o que nos difere dos outros povos. Contudo ao se deparar com a rigidez e a postura repressiva da imposição das leis americanas, a entrevistada confessa ter tido dificuldade nesse aspecto cultural. Mesmo sendo policial militar no Brasil, ela não tinha uma postura tão rigorosa no cumprimento das leis brasileiras e como consequência também teve dificuldade no cumprimento das leis americanas.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 5. Você acredita que a assimilação de uma nova cultura implica na perda da sua primeira? Por que sim ou por que não?

A entrevistada declarou que a sua própria cultura não se perde e nem se esquece. Ela acredita que as pessoas podem se adaptar sem perder a sua identidade cultural.

Comentário: A entrevistada não teve medo de assimilar a cultura-alvo, pois não tinha medo de perder a sua cultura materna. Quando imersa no país da cultura-alvo tentou assimilar aquilo que ela achava do seu interesse.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 6. Você assimilou a cultura-alvo, enquanto imerso nos Estados Unidos? Muito, razoável ou pouco? Justifique a sua resposta.

Ela disse que razoavelmente assimilou a cultura-alvo.

Comentário: Embora tenha tentado assimilar a cultura-alvo, ela não teve a mesma chance que os outros participantes de morar com os nativos da cultura-alvo, o que não foi muito produtivo em sua assimilação. Um outro aspecto negativo foi a sua postura de observadora, infelizmente a entrevistada não envolvia-se tanto com o povo da cultura-alvo. Por essa razão ela perdeu oportunidades de prática na língua-alvo e assimilação da cultura-alvo.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 7. Caso você tenha assimilado, quais foram os meios utilizados nessa assimilação?

O principal meio por ela utilizado no anseio da assimilação da cultura-alvo foi à observação. Ela observava os comportamentos da cultura-alvo e depois tentava assimilar os costumes do povo da cultura-alvo.

Comentário: Embora a observação seja uma boa maneira para se conhecer a cultura-alvo ela não deve ser a única forma. Entende-se que a entrevistada não se arriscou muito para se integrar na cultura-alvo. Ela manteve uma postura muito observadora e um pouco distante, ao invés de ter tido um contato mais forte e direto com o povo da cultura-alvo.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 8. O que você acha dos americanos hoje, após o seu estudo nos Estados Unidos? Cite três adjetivos.

Ela relata que os americanos são patriotas e diz que esse sentimento chega a ser transparente. Eles também são organizados e bons administradores. Além disso, ela salienta que os americanos são caprichosos, tudo o que fazem é tentando manter sempre o mais alto padrão de qualidade independente da remuneração.

Comentário: Nessa resposta a entrevistada demonstra um alto nível de admiração pelo o povo americano. Revela também nessa resposta que, ela possuía uma atitude cultural positiva em relação ao povo da cultura-alvo. Mas infelizmente ela não interagiu tanto com o povo da cultura-alvo como deveria, no anseio de uma maior desenvoltura lingüística na segunda língua.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 9. Você vê o povo americano da mesma forma do que antes de ter estudado nos Estados Unidos?

Ela fala que a sua visão sobre o povo americano mudou e melhorou. Quando ela os observava, sua opinião do passado ia mudando sobre os aspectos culturais por ela observados.

Comentário: A entrevistada declara que a sua visão sobre o povo da cultura-alvo foi alterada pela a sua observação e exposição à realidade. Contudo, novamente ela precisava ter feito mais do que somente observar. Um dos problemas durante a sua estadia nos Estados Unidos é que ela ficou sozinha, o seu amigo americano que a hospedou ficou muito ausente durante a sua estadia nos Estados Unidos. O resultado dessa ausência foi à falta da interação social com os nativos e a interação foi substituída pela a observação.

Nota: ótimo = 10.

Pergunta 10. Como você acredita que nós somos vistos pelos os americanos, após o contato com eles?

Aqui nessa parte da entrevista, ela revela muita preocupação com a mulher brasileira, pois ela acredita que os americanos as vêem como mulheres muito sensuais. Por isso, ela teve muito cuidado para não explorar esse lado e fez de questão de ser mais recatada.

Comentário: Aqui ela revela um pouco de preocupação e decepção ao falar do povo da cultura-alvo, desenvolvendo um estereótipo negativo e generalizado de que todos os americanos vêem as mulheres brasileiras de forma negativa. Aqui é evidenciado umas das razões pela a escolha de uma postura mais observadora e distante escolhida pela a entrevistada na assimilação da cultura-alvo.

Nota: fraco = 02.

Pergunta 11. Onde você se hospedou durante a sua estadia nos Estados Unidos? Você acredita que o local foi adequado para a prática da língua? Justifique a sua resposta.

Ela não se hospedou em uma casa de família, mas sim na casa de um amigo americano. No local de sua estadia houve alguns problemas, como a falta da prática da língua-alvo, pois o seu amigo que sabe falar o português queria praticá-lo com a entrevistada ao invés de ajudá-la com o inglês. Outro fator ruim foi que ela também não foi inserida na cultura americana por meio do seu amigo, pois o fato de ser um agente do serviço secreto fazia com que ele ficasse muito ausente.

Comentário: Ao responder essa pergunta a entrevistada revela alguns dos fatores que comprometeram o sucesso de seu curso de L2 nos Estados Unidos, que foram à falta de prática da língua inglesa e a falta de contato com os nativos.

Nota: fraco = 02.

Pergunta 12. Você sentiu muitas saudades de casa? Muito, razoável ou pouco? Até que ponto seus sentimentos afetaram no seu desempenho acadêmico?

Ela disse que sentiu poucas saudades de casa. Mas o que mais sentiu saudades foi da própria cultura brasileira, da música e de outros aspectos culturais da sua primeira cultura.

Comentário: Aqui alguns sinais do choque cultural são demonstrados, ao invés de procurar conhecer a música americana que é tão rica como a brasileira, ela demonstrou a falta desse aspecto cultural e apego a sua cultura materna. Também deixou de se envolver com outros americanos e pela falta dessa interação ela não pode desenvolver um conhecimento tanto lingüístico quanto cultural. Ao invés de aprender mais sobre a segunda cultura, ela buscava refugio em sua cultura e língua materna.

Nota: fraco = 02.

Pergunta 13. Cite pelo menos uma experiência marcante que você teve com o povo e a cultura americana durante o período do seu curso nos Estados Unidos?

Uma experiência marcante para a entrevistada foi ter observado como os filhos das famílias americanas se tornam independentes tão jovens. Ela salienta que eles “abandonam” as suas casas e não retornam mais, pois ingressam nas universidades que geralmente ficam distantes dos seus lares.

Comentário: Ela acredita que o fato dos americanos deixarem os seus lares cedo seja uma diferença marcante e assustou um pouco a entrevistada. O que a entrevistada desconhece é que hoje no Brasil, muitos jovens estão fazendo os processos seletivos em várias partes do Brasil. Com isso, muitos brasileiros estão morando longe de casa, ou seja, não há mais tanta diferença pelo menos nesse aspecto cultural entre o Brasil e os Estados Unidos.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 14. Sugira pelo menos três coisas que o aluno deve ou não deve fazer para atingir o sucesso desejado no seu curso de inglês no exterior? Você fez aquilo que sugeriu?

Ela sugere que o aluno precisa conhecer e respeitar a cultura local e obedecer às leis. Novamente a entrevistada demonstra muita preocupação na observância das leis, embora tenha falado em conhecer a cultura. Observa-se também que ela se refere muito ao conhecimento formal, leis, costumes e práticas.

Comentário: A entrevistada fala muita sobre conhecer os aspectos formais da cultura-alvo, mas ela não se insere nela. Para ter sucesso no curso de L2, o aluno precisa mergulhar nas várias nuances da cultura em contato. Acredita-se também que a pessoa precisa conhecer a cultura-alvo através da interação social com os diferentes nativos e por meio dessa integração, o aluno poderá assimilar a segunda cultura, aprender a língua-alvo e obter mais fluência na mesma.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 15. O que é mais importante o estudo formal, sala de aula e livros ou a prática com os nativos? Qual foi dado mais ênfase? Justifique as suas respostas.

Ela disse que o contato com os nativos é mais importante, pois o que aprendeu se deve a esse contato. Hoje ela consegue distinguir os diferentes sotaques entre os próprios falantes americanos da língua inglesa, pelo o simples fato de ter ouvido e mantido o contato com eles.

Comentário: O contato com os nativos promove a prática da língua-alvo, serve para assimilação da cultura-alvo e como já foi dito pela a própria entrevistada, para o desenvolvimento de uma competência lingüística maior. Contudo, embora ela acredite que a prática seja importante na aquisição de uma segunda língua, a entrevistada não assimilou a cultura-alvo como poderia ter assimilado. Ela priorizou a observância da cultura e o seu contato com os nativos foi muito tímido, como foi deixado claro em respostas anteriores.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 16. Como você avaliaria o seu curso de inglês e as experiências durante o seu curso nos Estados Unidos? Você o recomendaria para outras pessoas interessadas? Comente a sua resposta.

Ela recomenda o curso de imersão para todas as pessoas que puderem fazer. Ela diz que na sala de aula no Brasil a realidade da língua é uma coisa e no país da língua-alvo é totalmente diferente. Ela aconselha também aos alunos terem uma base mais sólida antes de ingressarem em algum curso de imersão. Ela teve problemas, pois não se achava nivelada com o resto da turma onde foi colocada e por esse motivo teve de trocar de nível.

Comentário: Aqui ela relata as dificuldades que ela teve no início do seu curso. Ela relata que não foi bem avaliada no curso de L2 e foi encaixado em uma turma cujo nível era mais elevado, o que resultou em frustração e sintomas pertencentes aos efeitos do choque cultural.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 17. Você atingiu o nível de inglês desejado no seu curso no exterior?

A entrevistada acredita que atingiu o nível de inglês desejado em seu curso mesmo com todas as suas dificuldades na sua pré- formação na língua-alvo antes do seu curso no exterior.

Comentário: Mesmo com todas as dificuldades a entrevistada acredita ter atingido um nível de satisfação no aprendizado da língua-alvo. Contudo, verifica-se que caso ela tivesse sido mais bem preparada para assimilar a cultura-alvo e de como poderia ter feito isso, ela poderia ter obtido um melhor desempenho e provavelmente maior fluência na língua inglesa e o seu conhecimento lingüístico poderia ser maior.

Nota: razoável = 05.

Pergunta 18. Por fim, você acredita que uma atitude cultural positiva em relação à cultura-alvo pode influenciar no aprendizado da língua quando o aluno está imerso? Explique a sua resposta.

Ela declara que o tipo de atitude em relação à cultura-alvo influencia na aquisição da língua e por isso ela tentou interagir e manter o contato com os nativos para conhecer os diferentes sotaques, costumes, o dia-dia e até mesmo a culinária.

Comentário: Verifica-se que embora a entrevistada soubesse da importância de ter uma atitude cultural positiva em relação à cultura-alvo, o seu contato com a cultura e o povo foram curtos. Ela não interagiu como poderia ter interagido com os nativos e com isso comprometeu um pouco o sucesso do seu curso de inglês como segunda língua.

Nota: razoável = 05.

Comentário: O entrevistado obteve mais sentimentos positivos do que os negativos, e os sentimentos positivos quase que em sua totalidade foram fortes, salvo por um que foi razoável. O entrevistado sentiu três sentimentos negativos, todos foram fracos, que aconteceram na maioria dos casos no início do curso o que é normal.

Nota: Razoável = 05.

Pergunta 3. O que você mais gostou ou que menos gostou da cultura americana?

O entrevistado declarou que ficou muito impressionado com o amor pelo país e a cultura dos americanos. O que ele menos gostou foi que às vezes as pessoas não possuem muita paciência ao falar com um estrangeiro que não domine muito o idioma, mas ele disse que isso é normal e acontece isso aqui no Brasil também. Logo mesmo ele tendo feito uma observação negativa em relação a cultura-alvo, essa observação não foi muito negativa.

Comentário: Como foi já dito, o patriotismo americano foi algo que o entrevistado apreciou muito e provavelmente assimilou esse aspecto específico da cultura-alvo e tentou copiar a mesma postura patriótica em relação a sua pátria materna. E sobre a falta de paciência dos nativos, com relação ao domínio da língua-alvo dos estudantes estrangeiros, o entrevistado não foi muito crítico, pois reconhece que isso é um problema que pode ocorrer no Brasil também, por isso, não demonstrou sentimentos negativos fortes.

Nota: Razoável = 05.

Pergunta 4. De que maneira a nossa cultura difere da americana, após a sua observação durante o seu curso nos Estados Unidos?

O entrevistado acredita que os americanos possuem um amor verdadeiro pelo país, possuem uma vontade de mostrar isso para o resto do mundo e são muito dedicados em tudo o que fazem.

Comentário: A visão da cultura-alvo do entrevistado talvez seja generalizada, mas é uma visão positiva e de maneira geral pode até ser considerada verdadeira. O patriotismo americano foi algo que o entrevistado ficou tão impressionado, que tentará incorporar esse aspecto cultural na sua própria cultura materna.

Nota: Ótimo = 10.

Pergunta 5. Você acredita que a assimilação de uma nova cultura implica na perda da sua primeira? Por que sim ou por que não?

O entrevistado entende que a assimilação de uma nova cultura não implica na perda da sua primeira. Na verdade o entrevistado declara que, no seu caso ele aprendeu a dar mais valor pela a sua própria cultura pelo o fato de ter assimilado uma nova cultura.

Comentário: Podem-se valorizar as duas culturas e ser beneficiado pelo o conhecimento das delas. No caso do entrevistado, após a resposta da pergunta anterior, ele demonstra o seu desejo de desenvolver um

sentimento mais patriótico pela sua própria cultura e país, pelo fato de ter assimilado esse aspecto cultural por meio do seu contato com a cultura americana.

Nota: Ótimo = 10.

Pergunta 6. Você assimilou a cultura-alvo, enquanto imerso nos Estados Unidos? Muito, razoável ou pouco? Justifique a sua resposta.

O entrevistado declara que assimilou bastante a cultura-alvo. Ele tentou integrar-se com as pessoas e infiltrar-se na cultura-alvo. Com isso, ele aprendeu e incorporou aspectos culturais que levará para sempre consigo.

Comentário: É importante assimilar a cultura-alvo, pois nessa pesquisa entende-se que isso influencia de maneira positiva a aquisição de uma segunda língua. O entrevistado compartilha dessa crença e em sua estadia tentou assimilar a cultura-alvo e um dos métodos foi a integração.

Nota: Ótimo = 10.

Pergunta 7. Caso você tenha assimilado, quais foram os meios utilizados nessa assimilação?

Algumas das formas ou meios utilizadas pelo o entrevistado na assimilação da cultura-alvo foram: a conversa com os amigos nativos, ou seja, a interação. Ele também utilizou os meios de comunicação, como a televisão, coisas inerentes à própria cultura do povo, como o senso de humor deles, os tipos de piadas, o sarcasmo americano.

Comentário: O entrevistado tentou interagir com os nativos para assimilar a cultura, mas ele foi além do que apenas a interação social. Ele incorporou aspectos culturais e a forma de pensamento da cultura-alvo por meio de outros meios de comunicação, como a televisão, e assim acabou bem integrado no meio social da cultura em contato.

Nota: Ótimo = 10.

Pergunta 8. O que você acha dos americanos hoje, após o seu estudo nos Estados Unidos? Cite três adjetivos. Ele vê os americanos como um povo patriota, esforçado e eficiente.

Comentário: Novamente visões generalizadas sobre o povo da cultura-alvo, mas visões positivas e de forma generalizada elas podem ser interpretada como verdadeira na maioria dos casos. O que se torna importante é que essas visões do entrevistado em relação à cultura-alvo contribuíram para uma atitude positiva em relação à cultura em contato e um facilitador na aquisição da língua-alvo.

Nota: Ótimo: 10.

Pergunta 9. Você vê o povo americano da mesma forma do que antes de ter estudado nos Estados Unidos?

Ele disse que não via o povo de maneira estereotipada e não tinha nenhuma opinião formada do povo e da cultura. Após o contato ele só ampliou o conhecimento da cultura e do povo e agregou valores, segundo ele valores positivos.

Comentário: O entrevistado não criou qualquer tipo de estereótipos falsos, negativos ou positivos antes do seu contato com a cultura-alvo, À medida que ele foi sendo exposto a realidade da cultura-alvo, ele foi aumentando o seu conhecimento e incorporou os valores e aspectos culturais que o interessavam. Observa-se que a prática do aluno foi exemplar em relação à assimilação da cultura-alvo e como consequência dessa assimilação, foi fácil para ele adquirir a segunda língua.

Nota: Ótimo = 10.

Pergunta 10. Como você acredita que nós somos vistos pelos os americanos, após o contato com eles?

Ele disse que algumas pessoas nos vêem como pessoas atrasadas de um terceiro mundo, mas isso se dá, porque eles não conhecem muito as outras culturas dos outros países. Mas depois que elas acabam tendo o contato com essas culturas, eles acabam mudando de opinião.

Comentário: O entrevistado tem uma visão levemente negativa sobre o povo da forma que eles nos vêem, mas ele não os culpa, pois entende o motivo porque eles compartilham uma visão errônea da nossa cultura. Para ele esse motivo é por falta de conhecimento sobre as demais culturas do mundo e devido a sua miopia cultural.

Nota: Razoável = 05.

Pergunta 11. Onde você se hospedou durante a sua estadia nos Estados Unidos? Você acredita que o local foi adequado para a prática da língua? Justifique a sua resposta.

O entrevistado disse que hospedou-se em uma casa de família durante o seu período de estudo e declara que é a melhor forma de adquirir uma segunda língua, pois a prática da língua é constante. Outro fator importante segundo o entrevistado é que ele estava exposto à cultura-alvo, por meio dessa família e com isso não só a língua mais a cultura também pode ser observada e assimilada.

Comentário: Ele aproveitou bem a oportunidade de ficar em uma casa de uma família americana, ele interagiu e conviveu com a cultura-alvo diariamente. Dessa maneira ele pode ir além do que o curso de L2 (sala de aula) poderia lhe oferecer.

Nota: Ótimo = 10.

Pergunta 12. Você sentiu muitas saudades de casa? Muito, razoável ou pouco? Até que ponto seus sentimentos afetaram no seu desempenho acadêmico?

O entrevistado declara que sentiu pouca saudade de casa e quando isso aconteceu foi em ocasiões isoladas.

Comentário: O entrevistado não sentiu saudades de casa a ponto de atrapalhar o seu desempenho, ou seja, não tirou o seu foco e fizesse com que ele sofresse qualquer choque cultural.

Nota: Ótimo = 10.

Pergunta 13. Cite pelo menos uma experiência marcante que você teve com o povo e a cultura americana durante o período do seu curso nos Estados Unidos?

Nessa parte é relatado uma experiência negativa, o entrevistado diz que foi a única experiência onde ele sentiu um pouco de “xenofobia”. Apesar da experiência negativa, o entrevistado falou que isso poderia ter acontecido aqui mesmo no Brasil. Embora ele tenha dito que essa tenha sido a única experiência negativa junto, na mesma ocasião, ele teve experiências positivas também.

Comentário: Observou-se que essa experiência negativa foi algo isolado e em uma única ocasião, contudo ele poderia ter compartilhado as experiências positivas, pois sabe-se que ele teve muitas.

Nota: Fraco = 02.

Pergunta 14. Sugira pelo menos três coisas que o aluno deve ou não deve fazer para atingir o sucesso desejado no seu curso de inglês no exterior? Você fez aquilo que sugeriu?

Ao sugerir coisas que os alunos devem fazer ele salienta que as pessoas devem ter uma atitude positiva. Não é por uma experiência negativa que o aluno deve desanimar ou desistir de se interar e integrar com o povo da cultura-alvo. Além disso, ele citou que o interessado deve adaptar-se sem querer ser um deles e não achar que o local de estudo é uma extensão da sua casa.

Comentário: O entrevistado é bem pró-ativo, isso pode estar relacionado com a forma positiva de sua atitude em relação à cultura-alvo. Além dessa característica, ele diz que as pessoas não devem achar que o país é igual ao seu, e isso é muito importante, pois assim, o aluno não cria estereótipos comparando com a sua cultura materna.

Nota: Ótimo = 10.

Pergunta 15. O que é mais importante o estudo formal, sala de aula e livros ou a prática com os nativos? Qual foi dado mais ênfase? Justifique as suas respostas.

O entrevistado deu ênfase as duas formas de estudo, ele acredita que a base está na teoria, mas a prática é fundamental para visualizar e entender tudo aquilo que aprende-se com a teoria.

Comentário: O entrevistado sabe da importância de uma estrutura formal de estudo, mas também deu ênfase à prática com os nativos, pois também não adianta um aluno realizar um curso de L2, se esse não irá interagir socialmente com os nativos. Esse deve ser o grande diferencial de um curso de L2 no exterior e o entrevistado por meio da prática e interação social pode adquirir de forma muito positiva a língua-alvo.

Nota: Ótimo = 10.

Pergunta 16. Como você avaliaria o seu curso de inglês e as experiências durante o seu curso nos Estados Unidos? Você o recomendaria para outras pessoas interessadas? Comente a sua resposta.

O entrevistado diz que teve uma experiência muito gratificante, pois ele não acredita ser mais a mesma pessoa. O entrevistado recomenda o curso para as outras pessoas e dá ênfase para que os interessados estudem a língua e aprendam a assimilar a cultura-alvo para um melhor resultado.

Comentário: O entrevistado recomenda o curso para as outras pessoas o que é muito positivo, mas ele mostra como obter o mesmo sucesso que ele, para aprender a língua, os alunos precisam assimilar a cultura-alvo.

Nota: Ótimo = 10.

Pergunta 17. Você atingiu o nível de inglês desejado no seu curso no exterior?

O entrevistado declarou que aprendeu a língua-alvo e diz que acredita estar fluente no inglês.

Comentário: O entrevistado está muito confiante no domínio da língua, tanta autoconfiança é algo positivo. Sobre o conhecimento lingüístico elevado do entrevistado, ele realmente é elevado e pode ser constatado por meio de sua alta nota na prova de inglês.

Nota: Ótimo = 10.

Pergunta 18. Por fim, você acredita que uma atitude cultural positiva em relação à cultura-alvo pode influenciar no aprendizado da língua quando o aluno está imerso? Explique a sua resposta.

O entrevistado acredita que a atitude cultural positiva em relação à cultura-alvo influencia na aquisição da L2 e por isso ele tentou interagir e assimilar a cultura-alvo de maneira positiva e deu resultados.

Comentário: O entrevistado teve uma atitude positiva o que teve um grande impacto em seu desempenho lingüístico na língua-alvo.

Nota: Ótimo = 10.

ANEXO J

Modelo da Prova de Língua Inglesa Fase 2

FINAL TEST

MULTIPLE CHOICE CLOZE

Ford wanted to find a way to mass produce car(s) and make them available to (1).

He began experimenting in order to find the (2) possible, something with the (3) parts, that would be easy to repair. At the (4) time he wanted a car that was rugged and powerful. There should be nothing elegant about it; in fact, the uglier the (5) it must look to be no more than what it was: Utilitarian.

- (1) a everyone c payers
 b personalities d souls

- (2) a easiest c quietest
 b simplest d careful

- (3) a fewest c few
 b less d least

- (4) a earliest c same
 b closest d ready

- (5) a steadier c better
 b quicker d firmer

GRAMMAR

1 “Has Jim finished writing that letter?”

“No, and he _____ two hours ago”

- a. should finish
 b. should finished
 c. should have finished
 d. should to finish

2 “Harry’s motorcycle looks brand new.”

“Yes, but it’s a year older _____ mine.”

- a. that

6 “Larry is out again today”

“He’s absent from work _____ isn’t he?”

- a. much
 b. many time
 c. all time
 d. a lot

7 “When’s the concert?”

“It’s _____.”

- a. in Friday

- b. to
- c. of
- d. than

3 “Is Joe happy with his classes this year?”

“I _____ happier.”

- a. have him seldom seen
- b. seldom him have seen
- c. have seen him seldom
- d. have seldom seen him

4 “How is uncle Frank getting home?”

“If I had a car I _____ drive him home.”

- a. be able to
- b. could
- c. may
- d. can

5 “Mother, can I go outside?”

“Yes, Billy, but not without _____ a coat.”

- a. putting on
- b. that you put on
- c. to put on
- d. put on

- b. during Friday
- c. on Friday
- d. the Friday

8 “Look! That little boy has a knife.”

“Take it away from him before he cuts _____.”

- a. itself
- b. himself
- c. self
- d. him

9 “What did Arnold want?”

“He wanted me _____ him five dollars.”

- a. to lend
- b. for lend
- c. that I lend
- d. lend

10 “Do you know when *Gone With the Wind* was published?”

“Yes, it was published _____ 1936.”

- a. at
- b. to
- c. on
- d. in

VOCABULARY

1 I was annoyed with Alvin for Arguing with the waiter about our bill.

- a. put out
- b. put off
- c. put down
- d. put on

2 At times Pearl can be rather petty.

- a. Greedy
- b. Tiny
- c. small-minded
- d. beautiful

6 Thelma’s desk is always in perfect order.

- a. neat
- b. untidy
- c. methodical
- d. logical

7 Chet is one of the most down-to-earth people I know.

- a. friendly
- b. practical
- c. amusing
- d. rustic

- 3 Conrad is a very shrewd negotiator.
- Jovial
 - Clever
 - Successful
 - Stimulating
- 4 Rosemary selected a beautiful necktie for her husband's birthday.
- picked over
 - picked on
 - picked out
 - picked off
- 5 I don't trust Chris at all; I've discovered That he is two-faced
- sarcastic
 - lackadaisical
 - unfaithful
 - deceitful
- 8 All attempts to settle the dispute were futile.
- worthwhile
 - impractical
 - useless
 - successful
- 9 Everyone was perplexed by Bradley's explanation
- haunted
 - puzzled
 - appalled
 - disgusted
- 10 Our living room furniture is terribly shabby.
- wrinkled
 - dirty
 - worn out
 - decomposed

READING COMPREHENSION

Read the following passage. Then choose the correct ending to the statements that follow, from the four possibilities **a**, **b**, **c** or **d** below.

Scholars devoted to the life and accomplishments of the incredible Florentine, Leonardo Da Vinci, have attributed to him almost superhuman intellectual powers. His notebooks, recovered relatively recently, confirm that the esteem bestowed on him is by no means misplaced. They clearly enhance his reputation of being one of the most outstanding intellects of all time.

Because he gave the bulk of his time and energy to painting and sculpture Da Vinci is considered primarily an artist. He made a name for himself in a number of other fields as well, however. In addition to being an extraordinarily gifted painter and sculptor he was also a scientist, architect, engineer and philosopher. His notebooks disclose that he could have been equally successful in a number of other fields of endeavour too, had he wanted to. Among the many tasks that he set for himself was that of writing a textbook on each of the subjects he studied. Unfortunately for the world, this project never came to fruition.

Except in the field of art Leonardo worked very slowly; his scientific output was therefore minimal. What he did discover, thought, proved that he was someone centuries ahead of his time. He designed a flying

machine, a parachute, and a quick-firing gun. He also experimented in such things as optics, mechanics and hydraulics. His anatomical drawings place him among the top anatomists of the world. In astronomy he made a number of observations, one being that the earth was a planet like other planets. He anticipated Newton when he declared that a falling body increases its speed as the fall progresses.

All of his observations and experimentation were based on pure guesswork, but guesswork of a kind which, unrestrained by authority, was the result of completely free thought. Even a fool can make a lucky guess now and then but when successes follow one upon the other, as in the case of Da Vinci, something more than good fortune is involved. Down through the ages his versatility and creative power have marked him as a supreme example of Renaissance genius.

1. The notebooks of Leonardo Da Vinci show that...
 - a. an acclaimed artist.
 - b. His reputation as a superior intellectual was justified.
 - c. He waited his talents. He didn't live up to people's expectations of him.
 - d. He was only
2. He is thought of fundamentally as an artist because...
 - a. He was so gifted.
 - b. He devoted most of his time to painting and sculpture.
 - c. He was unsuccessful in other pursuits.
 - d. His textbooks prove this.
3. His productivity in the field of science was relatively...
 - a. Astonishing.
 - b. Revolutionary.
 - c. Small in amount.
 - d. Beneficial.
4. Among other contributions he made to mankind was...
 - a. The successful invention of an airplane
 - b. The development of photographic processes.
 - c. Some progress in the field of astronomy.
 - d. The production of more advanced weapons.
5. His observations and experimentation were based on...
 - a. Speculation.
 - b. Sensitivity
 - c. Authority.
 - d. Creativity.

END OF THE TEST

ANEXO L

A seguir, observa-se a amostra da pesquisa abordada no Capítulo 2 de Moita Lopes (1996) (Oficina de Linguística Aplicada. 1996, p. 52 a 57).

I) Um grande interesse pelo ensino de cultura, feito da maneira assistemática, mas que tende a respeitar o objetivo do curso. Respostas:

1. Você se preocupa com o ensino da cultura da língua inglesa em suas aulas?

Sim	Não	Incidentalmente
(73%)	(1%)	(26%)

2. Se você disse Sim acima, responda a esta também. Você ensina cultura de maneira sistemática (18 professores – 24%) ou assistemática (55 professores – 76%)?

3. Você acha que o ensino de cultura é absolutamente essencial (38%) ou depende do objetivo do seu curso (60%)?

II) Uma atitude altamente positiva dos alunos brasileiros em relação à cultura estrangeira, contratando com o dado levantado por Joiner (1974: 242) (cf. a primeira parte do capítulo), que aponta uma atitude negativa dos alunos americanos que se refere à cultura de LE:

4. Se você tivesse que classificar a reação de seus alunos a situações típicas da cultura de língua inglesa, qual das seguintes exclamações seria mais freqüente:

a) Que besteira!	(2%)
b) Que engraçado!	(44%)
c) Que interessante!	(52%)
d) S.R.	(2%)

Nota: S. R. = sem resposta.

III) Um predomínio de referências aos Estados Unidos para ilustrar as aulas, além do predomínio da modalidade do inglês americano no ensino. Observe-se ainda que, quando a opção foi feita por referências ao Brasil, os Estados Unidos constavam como a opção seguinte:

5) Normalmente, para ilustrar suas aulas você faz mais referência a(o): (observação: numere os parênteses de acordo com a prioridade nas suas referências).

a) Estados Unidos	(47%)
b) Inglaterra	(22%)
c) Brasil	(31%)
d) outros países de língua inglesa	(0%)

Obs.: c) 25 professores – Estados Unidos em 2ª opção (80%)
6 professores – Inglaterra em 2ª opção (20%)

6) O tipo de inglês que você ensina é mais próximo do:

a) inglês americano	(70%)
b) inglês britânico	(30%)
c) outro	(0%)

IV) A perfeição do inglês nativo apontada como objetivo principal numa percentagem bastante alta, refletindo uma tendência a uma abordagem mais integrativa que instrumental:

7) Você tem a perfeição do inglês nativo como o objetivo primordial em suas aulas?

Sim (46%) Não (53%) S.R. (1%)

V) Uma atitude altamente positiva por parte dos professores em relação à cultura de língua estrangeira e negativa em relação à sua própria cultura, totalmente calcada em cima de estereótipos:

8) Faça um X no parêntese sob o adjetivo que melhor expressa sua avaliação dos falantes nativos de inglês.

a)	Formal (51%)	Informal (14%)	Irrelevante (32%)	S.R. (4%)
b)	Sério (61%)	Superficial (4%)	Irrelevante (31%)	S.R. (3%)
c)	Trabalhador (69%)	Preguiçoso (0%)	Irrelevante (23%)	S.R. (8%)
d)	Educado (57%)	Mal-educado (0%)	Irrelevante (35%)	S.R. (8%)
e)	Disciplinado (77%)	Indisciplinado (0%)	Irrelevante (18%)	S.R. (5%)

9) Faça um X ao lado do adjetivo que melhor caracteriza o povo brasileiro e os povos de língua inglesa. Se tal descrição é irrelevante, faça um X no traço do meio:

	Povo brasileiro	Irrelevante	Povos de língua inglesa	S.R.
a) Honesto	7%	54%	37%	2%
b) Desonesto	30%	54%	0%	16%
c) Sério	0%	29%	66%	5%
d) Brincalhão	80%	18%	2%	0%
e) Educado	0%	36%	61%	3%
f) Mal-educado	45%	37%	0%	18%
g) Trabalhador	4%	39%	56%	1%
h) Preguiçoso	57%	33%	1%	9%
i) Romântico	63%	32%	2%	3%
j) Realista	3%	31%	65%	1%
k) Formal	2%	28%	65%	5%
l) Informal	74%	21%	5%	0%
m) Disciplinado	1%	17%	82%	0%
n) Indisciplinado	72%	23%	0%	5%

VI) Uma percentagem considerável no que se refere à preferência por expressar-se em inglês e uma muito alta marcando a preferência pela leitura em língua inglesa:

10) Você se sente mais à vontade falando inglês (33%) ou português (66%)? S.R. (1%).

11) No seu tempo disponível para ler, você dá preferência à literatura em língua inglesa?

Sim (50%) Não (7%) Às vezes (43%)

VII) A importância da máquina da indústria cultural imperialista na formação do professor e sua conseqüente atitude em relação à cultura da língua estrangeira:

12) A maior parte da informação que você recebeu sobre a vida (traços culturais) de países de língua inglesa foi adquirida através de

- a) vivência em país de língua inglesa (34%)
- b) livros didáticos (12%)
- c) livros, revistas e filmes (43%)
- d) contato com falantes nativos de inglês no Brasil (11%)

VIII) Uma visão de língua muito impressionista que pode levantar dúvidas sobre o tratamento que o ensino de lingüística vem recebendo nos currículos de formação de professores de inglês:

13) Faça um X ao lado do adjetivo que melhor descreve a língua inglesa e a língua portuguesa. Se o adjetivo é irrelevante, faça um X no traço do meio:

	Português	Irrelevante	Inglês	S.R.
a) Mais precisa	(16%)	(20%)	(59%)	(5%)
b) mais difícil	(71%)	(25%)	(4%)	(0%)

XIX) Uma atitude racista e etnocêntrica, por parte dos professores, em relação à sua própria cultura, o que corresponde claramente à visão imposta pelo imperialista (cf. a segunda parte deste capítulo):

14) Você diria que há limitações inerentes aos brasileiros, ou seja, elementos culturais específicos do Brasil, tais como falta de autocontrole, de organização no trabalho, de seriedade e indolência, que os impedem de alcançar o desenvolvimento?

Sim (71%)	Não (27%)	S.R. (2%)
--------------	--------------	--------------

15) Caso você responda Sim, você diria que isso se explicaria através de nossa herança biológica e cultural miscigenada?

Sim (27 professores) (38%)	Não (12 professores) (17%)	Talvez (32 professores) (45%)
----------------------------------	----------------------------------	-------------------------------------